



**FREDERICO DUARTE
LOPES**

**PUTOS DO POMBAL... UMA NOVA NARRATIVA
SOCIAL?**



**FREDERICO DUARTE
LOPES**

**PUTOS DO POMBAL... UMA NOVA NARRATIVA
SOCIAL?**

Projecto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na área de especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira, Professora Auxiliar do Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho aos meus avós pelo incansável apoio que me foi dado, desde o dia em que nasci até ao presente.

o júri

presidente

Professor Doutor António Maria Martins
professor auxiliar da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Natália Fernandes Soares
professora auxiliar do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho

Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira
professora auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Este trabalho não teria sido possível ser realizado sem o apoio e ajuda de várias pessoas. Para todas elas, fica aqui o meu apreço e um bem-haja. Agradeço às crianças do Pombal que foram co-construtoras no trabalho de campo realizado, pela sua disponibilidade em participarem neste projecto. Agradeço à Rosinha, pela orientação académica dada e pela sua determinação e vontade em mudar o mundo, que me serviram de inspiração e de fonte de utopia.

Agradeço ao José Luís, presidente da Pombal XXI, pela abertura e boa vontade em aceitar e permitir que eu pudesse desenvolver o trabalho de campo, no bairro do Pombal.

Agradeço aos meus colegas de trabalho e amigos Francisco Alvim, Joana Cidade e Alexandra Paulino pela compreensão, apoio e boa vontade que demonstraram, nos vários momentos de realização deste projecto.

Agradeço à Eliana do Graal, à Isabel e à Bárbara do ACIDI (Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural), ao Rolando e à Cidália da AMRT (Associação Melhoramentos e Recreativo do Talude) por terem sido os interlocutores ao longo de todo o processo.

Agradeço aos meus avós, Ludovina e Jaime, e à minha mãe, Ana Maria; pelo apoio incondicional dado e por me ajudarem nos momentos mais angustiantes em todo o percurso do mestrado.

Agradeço à minha esposa, Ana Rita, por ter acreditado sempre que eu era capaz de levar a cabo este projecto até ao fim, pela paciência, carinho e amor sempre demonstrados e que foram, sem dúvida, a luz nos momentos mais obscuros desta caminhada.

palavras-chave

(re)construção, narrativa social, produtos comunicacionais, actores sociais participantes, sujeitos dialógicos, participação infantil.

resumo

O presente trabalho é o resultado de um Projecto de Investigação-Acção Participativa, construído com um grupo de 7 crianças entre os 6 e os 12 anos de idade, habitantes num bairro social, situado no distrito de Lisboa. O trabalho de campo ocorreu durante o período de seis meses, entre Janeiro e Junho de 2009, tendo sido realizados um total de 39 encontros com o grupo de crianças. Durante os encontros, foram construídos pelas crianças um conjunto de produtos comunicacionais, nos quais deram a conhecer as visões simbólicas dos seus mundos sociais e culturais, apresentando-os depois a outros grupos de crianças provenientes de contextos diferentes dos seus.

O projecto teve como preocupações teóricas e sociais de partida as temáticas da exclusão e da inclusão social, a condição social da infância, a cidadania, os direitos de participação infantil e o contributo do animador sócio-cultural na reconstrução das identidades sociais. Com este trabalho quisemos privilegiar as crianças como sujeitos de direitos e como actores sociais participantes na leitura e na possível reconstrução da realidade social em que estão implicadas. A partir do Paradigma emergente sóciocrítico, a abordagem metodológica usada nos encontros com as crianças foi a investigação-acção participativa, recorrendo a técnicas participativas, enquadradas na Animação Sócio-Cultural. Durante o processo de investigação foi sendo reconstruída a narrativa social deste grupo de crianças, resultando no surgimento de uma nova narrativa social que possibilitou visibilidade identitária dos actores sociais participantes; construção de acção comunicativa em contextos informais; geração processos dialógicos, de cooperação e de alteridade e criação de espaço de cidadania residual e de momentos de participação infantil.

keywords

(re)construction, social narrative communicational products, participants social actors, dialogical subjects, childhood participation.

abstract

This present work is the result of a Participatory Action- Research Project, constructed with a group of 7 children between the ages of 6 and 7, habitants in a council estate, from the district of Lisbon. The field work took place during the period of six months, between January and June of 2009, performing a total of 39 encounters with the group of children.

Throughout the encounters the children constructed a set of communicational products, in which they show the symbolical visions of their social and cultural worlds, lately presenting them to other groups of children from different contexts.

The project had as theoretical and social concerns of base the themes of social exclusion and inclusion, the social condition of childhood, the citizenship, the rights of child participation and the contribution of the social and cultural animator in the reconstruction of social identities. With this work we aimed to enhance the children as subjects of rights and as participant social actors in the reading and possible reconstruction of the social reality in which they are implicated.

From the offspring of the "socialcritical" emergent Paradigm, the methodological approach used in the encounters with the children was the participatory action-research, recurring to participatory techniques set within the Social-Cultural Animation.

During the process of investigation the social narrative of this group of children was reconstructed, having as outcome a new social narrative which allowed identity visibility of the participants social actors; construction of communicational action in informal contexts; generation of dialogical processes of cooperation and of relationships with the other as other and creation of space of residual citizenship and of moments of childhood participation.

1	INTRODUÇÃO.....	3
	CAPÍTULO I.....	6
	O CONTEXTO SOCIAL E TEÓRICO COMO TERRENOS DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO	6
2	O Território Geográfico e Social como Contexto.....	7
2.1	O Concelho e a Freguesia: como lugares de inserção do Bairro	8
2.2	O Bairro de Pombal como espaço de inserção das crianças	9
2.3	Uma primeira aproximação dos contextos de vida das crianças.....	11
2.4	A Associação de Moradores como “porta” no acesso à Comunidade	14
2.5	Os contextos de vida das crianças no Bairro como problema.....	15
3	A desigualdade e a exclusão como barreiras à inclusão das Crianças	16
3.1	A Exclusão como problema da Infância	18
3.2	A Inclusão das Crianças como direito e como desafio das sociedades.....	19
3.3	A necessidade e a possibilidade de escuta das crianças.....	21
3.4	As crianças como participantes no processo de conhecimento.....	22
3.5	De regresso aos lugares da Participação e Cidadania	23
4	Animação Sócio-Cultural e as potencialidades do papel do Animador.....	28
4.1	O papel do Animador na Intervenção Comunitária	32
4.2	A construção de identidades e de relações de alteridade como que fazer social	33
	CAPÍTULO II.....	36
	A INVESTIGAÇÃO-ACÇÃO PARTICIPATIVA COMO OPÇÃO METODOLÓGICA	36
5	A Investigação-Acção.....	38
5.1	A Investigação-Acção como processo de produção de conhecimento	38
5.2	A Investigação-Acção Participativa como processo de reconstrução de actores sociais..	40
5.3	A Investigação Participativa com crianças.	41
6	Da reconstrução de actores sociais à Intervenção comunitária: o papel do educador social .	42
	CAPÍTULO III.....	44
	DO CONTEXTO E DAS OPÇÕES METODOLÓGICAS AO DESENHO DO PROJECTO	44
7	A construção do Projecto	45
7.1	A construção do Projecto como horizonte de possibilidade	45
7.2	A Acção construída como percurso de apropriação de recursos	46
7.3	Compromissos possíveis entre o papel de Investigador e Animador.....	51
	CAPÍTULO IV	53
	O PERCURSO DE CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA	53
8	Da entrada no terreno à narrativa social	54

8.1	A entrada no terreno	54
8.2	O encontro com os “Putos do Pombal” como possibilidade.....	57
8.3	Os produtos comunicacionais como mediação e reinvenção do possível.....	57
8.4	O exercício dos direitos de participação como desafio partilhado.....	58
CAPÍTULO V		60
A RESSIGNIFICAÇÃO DA NARRATIVA COMO PERCURSO HISTÓRICO-SOCIAL.....		60
9	A Construção de um percurso entre “pontes” e barreiras no encontro com as Crianças	61
9.1	Nós diante Delas: a proposta de encontro e participação através do diálogo	62
9.2	Os (re) sentimentos vividos na interação social (desigualitária) entre Adulto - Criança(s).....	64
9.3	O desafio da superação das relações de opressão interiorizadas	65
9.4	À construção do lugar social do Adulto entre o Animador e o Investigador - Parceiro ...	66
10	Elas diante de Nós : a exigência de reconhecimento dos seus mundos de vida.....	67
10.1	Um convite; vamos construir outra memória de futuro?	67
10.2	Memórias de um presente.... com que futuro?	68
10.3	Reconstruir a possibilidade de diálogo: a caminho de “algures” ?	69
11	A (re) construção de Si mesmos: a procura de um lugar de Vez e de Voz	70
11.1	A construção de espaços de inter-subjectividade e de valorização da linguagem	71
11.2	A brincadeira como meio de acesso e como barreira ao diálogo e participação.....	72
11.3	A fotografia como olhar para fora a partir de dentro – do grupo	73
12	A emergência do/no Projecto de reconstrução de um espaço de cidadania (residual ?)	74
12.1	A auto avaliação como um novo “primeiro passo”	75
12.2	O Grupo dos PDP como realizadores do Filme sobre o Bairro do Pombal	76
13	Da imaginação ao Encontro com os Outros, como Outro.....	77
13.1	O Diálogo possível...mediado pelo mundo	78
13.2	Sair do Bairro com outras Criançasuma busca partilhada de espaço para a Infância?	79
14	O Projecto como contexto de (re) Construção da Narrativa dos PDP.....	80
14.1	A (re) Escuta das crianças como Sujeitos e Autores de uma história colectiva.....	81
14.2	A difícil conciliação de papéis: entre o lugar de sujeito, de investigador e animador	82
15	A “INVENÇÃO” DE UM PONTO FINAL ONDE EMERGIU UM OUTRO PONTO DE PARTIDA.....	83
16	Bibliografia.....	88
ANEXOS: NOTAS DE CAMPO DOS 39 ENCONTROS REALIZADOS COM OS PDP		
Erro! Marcador não definido.		

“Creio que uma das atitudes fundamentais do homem humano deve ser a de reconhecer em si, numa falta de compreensão ou numa falta de acção, a origem das deficiências que nota no ambiente em que vive; só começamos, na verdade, a melhorar quando deixamos de nos queixar dos outros para nos queixarmos de nós, quando nos resolvemos a fornecer nós mesmos ao mundo o que nos parece faltar-lhe; numa palavra, quando passamos de uma atitude de pessimista censura a uma atitude de criação optimista, optimista não quanto ao estado presente, mas quanto aos resultados futuros. O mesmo terá já dado um grande passo para impedir os ataques, quando aceitar que só puderam existir porque a sua acção não foi o que deveria ter sido; quando se lembrar ainda de que toda a sua coragem se não deve empregar a combater, mas a construir.”

Agostinho da Silva, in 'Textos e Ensaios Filosóficos'”¹

INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui apresentamos consiste no relato, socialmente enquadrado e teoricamente fundamentado, do projecto de investigação-acção-participativa que desenvolvemos com um grupo de crianças residentes no bairro de Pombal, situado no distrito de Lisboa.

O projecto teve como preocupações teóricas e sociais de partida as temáticas da exclusão e da inclusão social, a condição social da infância, a cidadania e os direitos da criança, tendo em especial atenção os direitos de participação infantil. O desenvolvimento deste projecto partiu também da reflexão sobre o possível contributo da animação sociocultural, e mais especificamente do animador na reconstrução de identidades sociais.

Dado que a participação e a cidadania das crianças são temáticas nucleares e centrais em torno de todo o Projecto, as considerações teóricas que lhes correspondem estarão presentes no enquadramento teórico, no esclarecimento das opções metodológicas e no próprio relato do processo de investigação-acção participativa desenvolvido.

Com este trabalho quisemos privilegiar as crianças como sujeitos de direitos e como actores sociais participantes na leitura e na possível reconstrução da realidade social em que estão implicadas. Para construir este outro modo de abordagem das

¹ Excerto retirado de fonte de internet 1 remetida para a bibliografia.

crianças, tivemos que reflectir criticamente sobre o paradigma de investigação e sobre a abordagem metodológica que nos pareceram proporcionar melhores condições de enquadramento do papel activo das crianças como co-construtoras da acção e do conhecimento.

Entendemos que para resgatar o estatuto de “*criança-cidadã*” nos vários espaços estruturais mundo, comunidade, mercado e estado teríamos que assumir os pressupostos do paradigma Sócio - crítico em que se fundamenta a investigação-acção participativa, para poder superar os efeitos da desigualdade e das diferenças de recursos e de poder entre as crianças e os adultos; desigualdade que está patente nos processos de investigação social tradicional, onde as crianças tendem a ser constituídas mais como objectos do que como sujeitos da investigação.

Para prevenir os efeitos da descontextualização da prática de investigação relativamente aos contextos de vida das crianças, partimos da recolha de informações sobre as instituições sociais locais e sobre as zonas de intervenção social do Município e da Freguesia de Oeiras e São Julião da Barra. Neste sentido, procuramos apreender também o olhar e o discurso sobre a realidade local, de alguns actores intervenientes no contexto geográfico onde incidiu o processo de investigação.

Entre as instituições sinalizadas por esta instância local, optamos por contactar a Associação de moradores de dois bairros sociais e através desta, o grupo de crianças residentes que frequentava os treinos de futebol e que convidamos a ser co-construtoras deste projecto.

O relato que aqui apresentamos é composto por uma parte inicial, em que se apresentam dados constantes do diagnóstico social efectuado localmente, no qual identificamos a inclusão das crianças como problema social relevante; problema que nos propusemos abordar através da investigação - acção - participativa. Incluímos nesta parte inicial do trabalho alguns contributos teóricos que nos pareceram pertinentes para aprofundar as temáticas consideradas relevantes e para compreender o problema em estudo no seu contexto.

Na segunda parte do trabalho faremos uma abordagem teórica de algumas características da metodologia científica que adoptamos, como introdução à apresentação da dimensão prática do processo de investigação-acção participativa, em que assenta o nosso projecto. A terceira parte constará da apresentação do Projecto como um horizonte de possibilidade construído sobre objectivos de mudança social a

realizar num contexto geográfico, a partir de propostas de acção que visam o reconhecimento e a reconstrução de actores sociais participantes.

. A quarta parte constará da apresentação dos dados gerados a partir da memória dos momentos mais cruciais e importantes dos encontros com as crianças. A quinta e última parte deste trabalho consta de uma reflexão final no qual procuraremos retomar as premissas iniciais que levaram ao desenrolar da investigação para confrontar com o conhecimento que pudemos construir através da investigação-acção participante com os Meninos e Meninas do Bairro do Pombal.

Esperamos com este trabalho poder propor como novos desafios de investigação e de intervenção, algumas questões emergentes da (inter)acção com as crianças e comunidade, que nos merecem merecer aprofundamento, na abordagem do problema da inclusão das crianças dos bairros sociais com condições similares, onde se espera que esta intervenção possa gerar ou desafiar a reflexão sobre caminhos e ideias alternativas.

CAPÍTULO I

O CONTEXTO SOCIAL E TEÓRICO COMO TERRENOS DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO

INTRODUÇÃO

Tal como anunciamos, esta primeira parte do nosso trabalho consta da apresentação de dados do diagnóstico social que foi efectuado localmente e de alguns contributos teóricos a que recorremos para aprofundar temas considerados relevantes na compreensão do problema da inclusão das crianças, como actores sociais participantes na realidade social de bairros sociais com características comuns ao que elegemos como contexto geográfico para a nossa investigação.

Começaremos por localizar geograficamente e fazer uma breve caracterização sócio-demográfica e histórica do concelho, e fazer sucessivas aproximações à realidade do Bairro do Pombal, para o problematizarmos como contextos de inserção da vida das crianças.

Num segundo momento propomo-nos explicitar um conjunto de contributos teóricos que nos permitem problematizar os contextos de inserção das crianças do Bairro, como espaço social construídos por relações sociais reprodutoras da desigualdade e da exclusão social.

O Território Geográfico e Social como Contexto

O Projecto aqui apresentado foi desenvolvido no Bairro do Pombal situado na freguesia de Oeiras e de São Julião da Barra, pertencente ao Concelho de Oeiras, no Distrito de Lisboa, em Portugal.

O município de Oeiras situa-se na margem direita do estuário do Tejo e é limitado a norte pelos municípios de Sintra e Amadora, a leste por Lisboa, a oeste por Cascais e a sul tem costa na zona da foz do rio Tejo, onde o estuário termina e começa o oceano Atlântico, situando-se frente a Almada.²

Segundo a narrativa publicada em “Oeiras, Factos e Números”³ em 2003, o concelho de Oeiras foi criado a 13 de Julho de 1759 por Carta Régia de D.José I, e registou uma ocupação efectiva do território, desde a pré-história. Segundo a mesma fonte, na época dos Descobrimentos, Oeiras cresceu enquanto celeiro de Lisboa, como localização industrial através da Fábrica da pólvora negra de Barcarena e através da exploração de pedreiras e de cal. No século XVIII, o Marquês de Pombal teria iniciado o futuro do concelho na inovação, bem como no desenvolvimento do território que

² Fonte de internet 2 remetida para a bibliografia.

³ Dados retirados de uma publicação da Câmara Municipal de Oeiras “Oeiras, Factos e Números” remetida para a bibliografia .

aproveita as boas condições de exposição ao estuário do Tejo. A narrativa prossegue afirmando que no século XIX, foi a burguesia quem conferiu a Oeiras a vocação para o lazer através do reaproveitamento do património histórico e da construção de novas casas mais abastadas; vocação que se terá acentuado no século XX, com a disponibilidade dos novos meios de transporte, nomeadamente o eléctrico e o comboio. Ao mesmo tempo, e sobretudo na primeira metade do século, o potencial industrial desenvolveu-se através da criação das grandes unidades fabris como a Fundição de Oeiras e a Lusalite.

Segundo os mesmos autores o crescimento de Oeiras, a partir dos anos 40/50, foi muito influenciado pelo crescimento económico de Lisboa e o Concelho ter-se-á constituído progressivamente como um pólo económico autónomo na Área Metropolitana de Lisboa, com a chegada dos anos 80 e 90. Considera-se também actualmente a autonomia económica do concelho de Oeiras tem vindo a consolidar-se através do investimento nas actividades terciárias ligadas à Ciência e Investigação e às Tecnologias de Informação e Comunicação, instaladas principalmente em vários locais do concelho, em espaços empresariais, nomeadamente o Taguspark, o Aquipark, a Quinta da Fonte e Lagoas Park.

O Concelho e a Freguesia: como lugares de inserção do Bairro

O Concelho ocupa uma área de 45,84 km² e em 2008 o Concelho contava com 172 021 habitantes, distribuídos por 10 freguesias: Algés, Barcarena, Carnaxide, Caxias, Cruz-Quebrada-Dafundo, Linda-a Velha, Oeiras e São Julião da Barra, Paço de Arcos, Porto Salvo e Queijas, tendo sede a Vila de Oeiras. Trata-se de uma vila que tem cerca de 35 000 habitantes.

Quanto à Freguesia de Oeiras estende-se por uma área geográfica 6,5Km², com uma população total de 34 850 indivíduos, dos quais 16 170 são do sexo masculino e 18 257 do sexo feminino. O número de famílias residentes é 13 719, e a sua população é predominantemente jovem, havendo 4729 indivíduos entre os 0 e os 14 anos; 4402 indivíduos entre os 15 e os 24 anos; 19969 indivíduos entre os 25 e os 64 anos e 5750 indivíduos com idade superior aos 65 anos (Junta de Freguesia de Oeiras⁴.)

O Bairro do Pombal é um dos nove Bairros de realojamento resultantes de um projecto de habitação social e de realojamento encetado pela Câmara Municipal de

Oeiras a partir de 1986 tendo como objectivo principal a erradicação total das barracas existentes no concelho.

O Bairro de Pombal como espaço de inserção das crianças

O bairro de Pombal fica situado no extremo norte da freguesia de Oeiras. Nas imediações fica localizada a Estação Agronómica de Oeiras, a leste situa-se o cemitério de Oeiras, a sul o bairro Dr. Augusto Castro e no prolongamento a Oeste fica situado o Bairro Bento Jesus Caraça (proveniente da mesma iniciativa camarária de habitação social). O núcleo habitacional de Pombal estende-se ao longo de uma encosta, virada a poente, numa construção em socalcos de sete bandas e quatro blocos autónomos de prédios de habitação colectiva (Marques, Santos, Araújo, Nóbrega, 2001). A construção dos fogos habitacionais iniciou-se em 1988, sendo os primeiros 42 fogos ocupados em 1989. Ainda segundo os mesmos autores, a população abrangida pelo programa de realojamento proveio predominantemente do Alto de Santa Catarina, da Estrada da Circunvalação e de Furnas, perfazendo um total de 326 famílias realojadas.

Na zona mais antiga do bairro construíram-se prédios de 3 pisos, havendo necessidade de passarem a construções de 4 pisos na zona de construção mais recente, devido a uma densificação populacional durante o crescimento deste bairro. A rua principal (Rua António Macedo) que atravessa o bairro funciona, também, como eixo de demarcação entre as partes mais antigas e recentes, havendo uma maior concentração do comércio local nessa mesma rua. Actualmente, nesta rua encontra-se também a sede da Associação de Moradores dos Bairros de Pombal e de Bento Jesus Caraça, a Pombal XXI.

Para Marques *et al.* (2001), “*o teor dos grafitti desenhados nos muros do bairro, as muitas crianças e jovens negros nas ruas e a presença das vendedoras ambulantes caboverdeanas contribuem para criar a marca de um bairro “africano”*”.

Tal como os Bairros Dr. Francisco Sá Carneiro (Laveiras-Caxias); Quinta da Politeira; Alto da Loba; Bugio; Bento Jesus Caraça; Casal de Medrosa; Luta pela Casa; e os núcleos da Outurela-Portela, o Bairro do Pombal foi constituído em 1996, como alvo de um estudo sobre os efeitos do processo de realojamento sobre a integração social das populações nos bairros de realojamento do concelho de Oeiras, no âmbito do “Programa Comunitário de Intervenção Operacional Renovação Urbana, sub-projecto do “Programa Operacional Ambiente e Revitalização Urbana.

Este estudo, que foi realizado pela “SociNova - Gabinete de Investigação em Sociologia Aplicada” constou de 208 entrevistas à população em geral e outras a indivíduos que, em virtude da sua ocupação profissional ou experiência junto das populações em estudo, poderiam fornecer contributos importantes sobre a vida local nesses bairros. Das entrevistas realizadas à população 21 foram realizadas no bairro do Pombal.

Deste estudo, realizado por Marques *et al.* (2001), foi possível extrair alguns dados que nos deram uma primeira imagem da realidade social em que se inscreve a vida das crianças do Bairro do Pombal, e do projecto que iremos relatar.

Segundo dados deste estudo, calcula-se que a média da dimensão dos agregados familiares no bairro de Pombal é de 3,6 pessoas por família; a maioria da percentagem em famílias compostas por 3 a 5 elementos, havendo embora famílias compostas por mais de 5 elementos e famílias compostas por 2 elementos e por 1 só indivíduo.

Outros dados indicam que se trata de uma realidade social caracterizada pela heterogeneidade de estatutos de nacionalidade e pela descontinuidade geracional de estilos de consumo cultural que podemos inferir não só da área de proveniência, mas também pelo nível de escolaridade, que está associado a obrigatoriedade escolar.

Destas informações achamos relevante referir (i) a diversidade de estatutos de nacionalidade, já que apenas 60% dos indivíduos residentes no bairro são naturais de Portugal, sendo os restantes naturais dos PALOP e 1,9 % naturais de outros países (ii) a heterogeneidade cultural, como factor gerador da descontinuidade de padrões sociais ou estilos de consumo cultural entre gerações, já que 69% dos jovens são naturais da área metropolitana de Lisboa e 47,5% dos adultos são naturais dos PALOP e a maioria dos idosos são naturais do resto do país. Salientamos ainda o facto de haver uma (i) cerca de metade da população dos PALOP ser de origem Cabo-Verdiana.

Outro factor que pode nos dar indícios das desvantagens e da desigualdade de condições de inserção social no bairro e fora dele, é o facto de que, embora a maioria da população tenha frequentado a escolaridade básica (i) apenas 40% possui o 2º e 3º ciclos e (ii) só 10% completou o ensino secundário (iii) apenas uma franja residual dos indivíduos possui habilitações académicas ao nível superior. Dos indivíduos que possuem as habilitações do secundário 24,1% são jovens. Como factor de descontinuidade referimos o facto de haver 20% população sem escolaridade e o facto dos indivíduos que têm apenas a escolaridade básica, 82,3% serem adultos. Entre os idosos apenas a 55,6% tem a escolaridade básica. Importa referir aqui que o Bairro de

Pombal surgiu como o quarto bairro ao nível do número de jovens envolvidos em formação escolar

Achamos também importante salientar o facto de que embora nesta população exista uma maior percentagem de indivíduos do sexo masculino com escolaridade básica (80,4%), enquanto este valor nas mulheres é de 71,7%. Os portadores de habilitações a nível do secundário são mais indivíduos do sexo feminino (11,3%) do que a percentagem nos homens (8,9%). No entanto não existem casos de mulheres com nível da instrução média ou superior, havendo apenas 3,6% de homens que tem este tipo de habilitações.

Outros dados nos permitem inferir sobre as dificuldades enfrentadas pela população local na subsistência e na organização da sua vida quotidiana e inserção dentro e fora do Bairro. Referimo-nos neste caso à inserção profissional. A taxa de actividade no bairro do Pombal é inferior a 70%. O Bairro do Pombal foi aquele que apresentou maior percentagem de desemprego (9,2%) e onde existe uma maior percentagem de “trabalhadores indiferenciados”. Em menor número foram registados indivíduos incluídos na categoria “operário” e uma percentagem mínima na categoria “não manual”.

Um dado que nos surpreendeu especialmente, tendo em conta as restrições de condições materiais e sociais que podemos inferir dos dados fornecidos pelo estudo de Marques, foi a diferença da auto-percepção dos indivíduos das várias gerações relativamente à posição que ocupavam na estrutura social. Em resposta ao pedido de que se auto-posicionassem dentro das categorias “classe média”, “trabalhador” e “pobre”, a maioria dos jovens de Pombal (71%) posicionou-se como pertencendo à “classe média” enquanto a maioria dos adultos (60,9%) enquadrou-se na categoria de “trabalhador” e a maioria dos idosos (54,5%) posicionou-se na categoria de “pobre”.

Uma primeira aproximação dos contextos de vida das crianças

Como atrás referimos 75,9% dos jovens possui a escolaridade básica e 24,1% dos jovens do Bairro do Pombal possuem as habilitações do secundário. A este respeito Marques *et al.* (2001) chama a atenção para o facto *das orientações dos jovens residentes nestes bairros perante a escola serem bastante diferenciadas; que a valorização da escolarização não é necessariamente a orientação minoritária e que a educação formal é um elemento geralmente valorizado pela juventude dos bairros em estudo.* (Marques *et al.*, 2001).

Se para uns a escola é valorizada como meio de promoção social e, por outro, é confrontada com a pressão exercida pelos grupos de pares com orientações contrárias, práticas e metas socialmente reprováveis. A escola, muitas das vezes, perde esta batalha, o que resulta no insucesso e abandono escolar e na sucessiva repetição de anos escolares. A escola surge, em muitas ocasiões, como o contexto para “*o ponto de encontro da “vadiagem”*” (Marques *et al.*, 2001).

A percepção que os pais e os filhos com insucesso escolar têm da escola varia também, pois enquanto os pais consideram o estar na escola como forma e mecanismos de ter uma vida melhor, que contribui para a promoção social; os filhos enfrentam dificuldades de aprendizagem. Muitos consideram que para a escola ser um veículo de promoção social é necessário um investimento a longo prazo, de carácter difícil e incerto. Segundo Marques *alguns deles reconhecem mesmo que a perspectiva de um benefício diferido no tempo tornou-se insuficiente face à ânsia de aquisição de bens socialmente valorizados e à possibilidade de concretização desse objectivo através do exercício de uma actividade remunerada.* (Marques *et al.*, 2001).

Esta ânsia pela imediata satisfação de bens de consumo pode também ser uma causa para o ingresso em actividades criminais e alguns comportamentos desviantes como mecanismos, ainda mais rápidos de satisfação dessas necessidades. Ora isto, naturalmente, empurra os jovens para situações de exclusão social diversas.

Outro aspecto interessante de mencionar é o facto de a aposta no percurso escolar poder ser vista, pelo grupo de pares, como um comportamento desviante, pois defrauda as expectativas e normas vigentes entre os pares que controlam e vivem a vida nas ruas destes bairros.

Para Wilson (citado por Marques *et al.*, 2001), *na sua análise das populações pobres vivendo em condições de marginalidade (“ghetto poor”), sublinha a necessidade de não dissociar a pesquisa das orientações culturais da análise da inserção social e económica.*

Neste sentido, é bastante comum encontrar jovens nestes bairros que se exibam perante o seu grupo, através do uso de determinadas roupas, e de outros bens materiais, na procura de um prestígio imediato entre os seus pares. Ao mesmo tempo, a pretensão de aquisição destes bens e elementos, sem grande esforço no ímpeto do momento está, também, presente na cultura entre-pares, sendo bastante valorizado por estes jovens.

Neste contexto e devido às dificuldades e adversidades económicas que os jovens testemunham os seus pais debaterem-se, aliadas a uma difícil inserção no

mercado de trabalho, muitas vezes de carácter temporário e precário, e ao conflito de interesses entre o prolongamento dos estudos a ânsia das gratificações imediatas.

Os **sujeitos implicados em situações marginais** constituem-se, muitas vezes, como modelos de referências para os mais jovens. A seu ver *são eles é que têm uma “boa vida”-bons carros, roupas modernas, em suma, dinheiro para aceder a consumos socialmente valorizados* (Marques *et al.*, 2001).

Os comportamentos desviantes são incorporados dentro de uma “*subcultura juvenil*” caracterizada por alguns estereótipos transmitidos pelos meios de comunicação, como os *ghettos* norte-americanos. Os jovens que vivem nestes bairros e que simultaneamente são **vítimas e protagonistas** de situações de carência económica, social e cultural, inseridos num **contexto mais fecundo para a concretização hedonista** das necessidades materiais socialmente valorizadas, são particularmente permeáveis a esse tipo de mensagens.

Neste sentido, Marques *et.al* (2001) referem que *a apropriação desses estereótipos dá origem a um conjunto de símbolos e estilos comportamentais transportados para o quotidiano dos bairros e para as suas imediações (graffiti, música rap, pequenos roubos, tráfico de drogas leves e conflitos entre grupos que se auto-designam de gangs...).*

Posto isto, será plausível considerar que as perspectivas de futuro e projectos de vida dos jovens e crianças que habitam nos bairros sociais, municipais ou populares, dependendo da terminologia usada, e que **se vêem envolvidos nesta trama de exclusão social, cultural e económica**, estão profundamente comprometidas e de certo modo toldadas.

Esta situação e condição manifestam-se nos jovens e crianças que residem no bairro de Pombal que constituem um grupo especialmente vulnerável aos efeitos de processos de exclusão social, o que se manifesta nos comportamentos e atitudes destes indivíduos nas ruas e cafés do bairro.

O estilo de comportamento de jovens adolescentes mais velhos; a condição de alguns adultos, decorrentes do alcoolismo e toxicodependência; o esforço das mulheres que circulam nas ruas, na organização do quotidiano, dão ao Bairro um rosto especial. Entre elas as mães jovens, que acompanhadas pelos seus filhos e filhas, parecem dar sinais de busca de identidade que oscila entre a adolescência e a maturidade exigida pelo desempenho do papel maternal. Quanto às crianças dividem-se entre as que

brincam com maior ou menos liberdade nos espaços livres do bairro e as que experimentam os consumos dos mais velhos.

Foi a partir desta nossa primeira leitura e percepção pessoal da vida quotidiana no Bairro do Pombal que o descobrimos como contexto propício à realização da nossa investigação e projecto, no âmbito da Educação Social e da Intervenção Comunitária.

A Associação de Moradores como “porta” no acesso à Comunidade

A Associação de Moradores dos Bairros do Pombal e de Bento Jesus Caraça, a Pombal XXI ⁵ conta com 235 moradores. Foi criada em 2004 com o objectivo de diminuir a criminalidade e melhorar a qualidade de vida dos moradores, na sequência de uma série de problemas sociais graves ocorridos nos finais dos anos 90 e que provocaram vários incidentes de criminalidade que se fizeram sentir nos bairros vizinhos.

A Associação enuncia como seus principais objectivos a promoção da consciência cívica e a redução do nível de desigualdade das crianças e dos idosos, tendo um especial interesse em proporcionar aos moradores visitas a locais fora do bairro. Desempenha também um papel importante como mediador entre os moradores e a Câmara Municipal, nomeadamente nos assuntos relacionados com a habitação social.

A sua sede está situada na rua principal do bairro, onde os moradores se dirigem com as suas questões e problemas e onde se desenvolvem algumas actividades tais como o teatro e dança. As actividades da Associação variam segundo a faixa etária a que se destinam.

Neste sentido, promove grupos de dança e de teatro, futebol, capoeira e colónias de férias para as crianças e jovens; incentiva e organiza actividades de limpeza do parque e dos jardins do bairro com os jovens; promove viagens e passeios para os idosos. Para este efeito a Associação mantém cooperação com a Junta de freguesia e com a Câmara Municipal de Oeiras (CMO), assim como com as ONG's e o Rotary Club de Oeiras.

A Associação tem tido iniciativas no sentido de organizar os interesses de grupos da população, como por exemplo a entrega de um abaixo-assinado à Câmara Municipal para a construção do que é o actual Centro de Dia. Tem tido a preocupação

⁵ As informações obtidas para fazer a caracterização da Pombal XXI tiveram como fontes as conversas entre o investigador e o presidente da Pombal XXI e uma notícia publicada num jornal local, “Fernandes, Mónica. Jornal de Oeiras.-Carcavelos.-A.º V, n.º234 (13 Janeiro 2009), p3.

de reclamar a nacionalidade portuguesa para as crianças da 3ª geração nascidas no bairro. Além destas actividades e iniciativas a Associação organiza também a festa de Natal onde faz a distribuição de prendas às crianças e uma festa, na segunda quinzena de Julho, onde são feitas as apresentações dos seus vários grupos de actividades, e divulgação de outras associações.

Durante o resto do ano, organiza a recolha e entrega de roupa e envia material escolar e livros para Cabo-Verde. Um dos seus projectos actuais que aguarda aceitação pela CMO é a construção de um “cybercafé” e de uma biblioteca, tendo como objectivo primordial tornar o Bairro do Pombal um bairro modelo, integrado social e urbanisticamente.

Os encontros com as crianças, realizados no âmbito do Projecto ocorreram neste espaço da sede; espaço que está decorado com troféus ganhos em actividades desportivas e sociais. Neste espaço encontra-se também armazenado material escolar, equipamento informático com ligação à internet e de escritório cedido pela CMO, além de donativos em roupas, brinquedos e alimentos provenientes do exterior para a Comunidade.

Os contextos de vida das crianças no Bairro como problema

Devido a um complexo enredo de factores de ordem económica, social e cultural as crianças que residem neste bairro acabam por reproduzir socialmente, nos seus vários contextos de vida, alguns sintomas de exclusão e de desintegração social, frutos das dinâmicas existentes nesta comunidade. Partindo dos pressupostos que os mundos sociais e culturais destas crianças são permeáveis a estas dinâmicas, e da inexistência de um espaço, ou de um contexto no qual seja possível construir acções comunicativas em contextos informais e espaços de exercício de cidadania residual, surge a ideia de desenvolver um projecto com as crianças no qual elas se tornem actores sociais participantes e possam manifestar as suas próprias ideias e opiniões sobre os seus mundos sociais e culturais.

Ao fazer isto, pretende-se claramente apelar à participação infantil e à consolidação do estatuto de criança-cidadã, num mundo que, também, deverá ser pensado e narrado pelas próprias crianças, como sujeitos dialógicos, co-construtores dos seus próprios processos sociais e históricos.

A desigualdade e a exclusão como barreiras à inclusão das Crianças

Frequentemente, o conceito de exclusão surge associado à pobreza, como se tratasse de sinónimos. Contudo, um indivíduo ou uma família poderá estar excluído economicamente, por falta de recursos mas poderá não o estar socialmente, continuando envolvido com a sua comunidade e grupo de pares. No entanto, a circularidade das causas e das consequências, isto é, a complexidade do fenómeno, faz com que o mal-estar numa esfera da vida do sujeito se reflecta noutras, sobrepondo formas de exclusão.

Enquanto conceito a Exclusão Social foi introduzida em 1974, por René Lenoir, no livro “Les Exclus”, desde então tem sido alvo de muitas discussões, principalmente no âmbito político e académico não conseguindo reunir consenso quanto à sua definição.

Bruto da Costa (2006) frisa que *“no final do percurso, a noção de excluído está a caminho de sofrer o destino da maior parte dos termos que foram consagrados, nos nossos dias, pela mediocridade dos modos intelectuais e universitários: está saturada de sentidos, de não-sentidos e de contra-sentidos”*. Na sua perspectiva a exclusão social é um fenómeno complexo e heterogéneo, em que não existe apenas uma forma de exclusão, mas várias e que podem ser tipificados pela sua relação com factores de ordem económica, social, cultural, patológica e por comportamentos auto-destrutivos que reclamam acções e políticas de inclusão social.

O autor esclarece que a *exclusão do tipo económico* refere-se a uma situação de privação múltipla por falta de recursos. Caracteriza-se por más condições de vida, baixos níveis de instrução e qualificação profissional, emprego precário, etc. Quando se trata de pobreza de longa duração, reflectir-se-á em características psicológicas, culturais e comportamentais próprias. A título de exemplo: uma situação de desemprego, que assumindo um carácter de longa duração, conduzirá à pobreza, impedindo o pagamento de renda da casa, uma situação de despejo e logo uma situação de sem-abrigo.

A *exclusão de tipo social* corresponde à privação relacional e caracteriza-se pelo isolamento, por vezes associada à falta de auto-suficiência e à falta de autonomia pessoal (exemplo: idosos, deficientes, doentes crónicos e acamados sem rede de suporte). Este tipo resulta, muitas vezes, do estilo de vida dos familiares/amigos e da inadequação/insuficiência de resposta de uma sociedade e de um estado providência.

A *exclusão cultural* encontra-se em fenómenos tais como o racismo, xenofobia ou certas formas de nacionalismo, que podem conduzir à exclusão social de minorias

étnico-culturais (por ex-reclusos). A *exclusão de origem patológica* está relacionada com factores patológicos, de natureza psicológica ou mental que conduzem a rupturas familiares e por último o autor refere a *exclusão por comportamentos auto-destrutivos* que diz respeito a comportamentos relacionados com a toxicodependência, alcoolismo, prostituição.

Robert Castel (Costa, n.d) define “exclusão social” como a fase extrema do processo de “marginalização”. Para o autor, este é um percurso “descendente”, ao longo do qual se verificam sucessivas rupturas na relação do indivíduo com a sociedade; um desses momentos corresponde à ruptura com o mercado de trabalho, a qual se traduz em desemprego ou mesmo num “desligamento” irreversível face a esse mercado. Considera que a fase extrema – a da “exclusão social”, é caracterizada não só pela ruptura com o mercado de trabalho, mas por rupturas familiares e afectivas.

Por seu lado, Sawaia (citado por Caldeira, n.d) entende que a exclusão é *“um processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É um processo subtil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros”*.

Segundo Xiberras (1993), existem formas de exclusão visíveis e outras apenas perceptíveis, porque não excluem nem materialmente, nem simbolicamente: os excluídos estão simplesmente ausentes ou invisíveis. A mesma autora refere que as formas mais visíveis ou mais chocantes do processo de exclusão residem na rejeição das representações normalizantes da sociedade moderna avançada. Existe toda uma série de normas ou de níveis a atingir, aquém dos quais os indivíduos não parecem habilitados a participar do modelo normativo, isto é do que é “bem”, “belo”, “conveniente” ou “competitivo”. Todas as esferas da sociedade moderna parecem submetidas a estes níveis ou limites de normalidade que definem, em resposta, um insucesso em relação à norma. Este insucesso em relação à normalidade parece constitutivo dos processos de exclusão.

Xiberras (1993) refere ainda que os fenómenos como a pobreza e o desemprego, serão considerados como processos similares na sua maneira de rejeitar os homens para fora do que a sociedade detém de mais invejável: a esfera dos bens e dos privilégios económicos. Esta forma de exclusão consiste, numa ruptura do laço económico que liga fielmente, ou normativamente, os actores sociais ao modelo de sociedade.

A exclusão social configura-se, assim, como um fenómeno multidimensional, como um fenómeno social ou um conjunto de fenómenos sociais interligados que contribuem para a produção do excluído, tais como o desemprego, a marginalidade, a discriminação, a pobreza, entre outros.

Podemos encontrar a referência a todos estes factores na caracterização do Bairro do pombal que elegemos como nosso contexto de investigação e intervenção social neste trabalho.

A Exclusão como problema da Infância

A exclusão comporta um carácter cumulativo, dinâmico e persistente, encerrando no seu núcleo processos de reprodução, nomeadamente, através da transmissão geracional e evolução, pelo surgimento de novas formas, que garantem a sua persistência, constituindo simultaneamente causa e consequência de múltiplas rupturas na coesão social, exibindo sintomas de fragmentação social. A exclusão da infância é uma das novas formas de exclusão que surge ferozmente nesta pós-modernidade de globalização.

A globalização proporciona uma maior proximidade entre os indivíduos, sobretudo pelos avanços tecnológicos na área da comunicação. Paradoxalmente, o mundo parece ter-se tornado mais complexo e a sociedade apresenta-se mais desigual e heterogénea. A desigualdade marca sobretudo os grupos sociais mais frágeis que continuam a ser excluídos e ocultados das arenas e dos centros de decisão. O grupo social geracional das crianças insere-se obviamente neste quadro de desigualdade de exclusão e na impossibilidade de protagonismo (Sarmiento, M. J., Soares, N. e Tomás, C, 2006).

Apesar da construção de consensos sobre os direitos das crianças, adoptados a nível global, apesar de todas as transformações positivas de melhores condições de vida das crianças, persistem os factores e as condições de exclusão das gerações mais jovens face aos direitos sociais, baseados em condições estruturais, culturais, simbólicas e ideológicas subjacentes à idade /geração (Fernandes e Tomás, 2004).

Sarmiento (2002) identificou quatro espaços estruturais de exclusão da infância, com base nos espaços estruturais defendidos por Boaventura Sousa Santos: o espaço da produção que foca a relação das crianças com o trabalho e com a distribuição da riqueza – defende o autor que “as condições da modernidade tardia criaram condições para a sua generalização [do trabalho infantil]” seja nos países periféricos com a sua mão-de-obra

barata e situações de pobreza extrema, quer nos países centrais com a indústria da publicidade e do espectáculo; o espaço doméstico onde as transformações familiares afectam as crianças; o espaço da cidadania onde salienta a escola e a esfera política; e o espaço comunitário onde se evidencia as relações de pares e as “culturas infanto-juvenis”.

Existe uma negatividade constituinte da infância que actua como base “discreta” mas sonante no processo de distinção, separação e exclusão da infância do mundo social. Senão vejamos, a própria etimologia encarrega-se de estabelecer essa negatividade: *infância* é a idade do não-falante, o que transporta simbolicamente o lugar do detentor do discurso inarticulado, desarranjado ou ilegítimo; o *aluno* é o sem-luz; *criança* é quem está em processo de criação, de dependência, de trânsito para um outro. Como consequência, as crianças têm sido, sobretudo linguística e juridicamente, sinalizadas pelo prefixo de negação (são *inimputáveis*; juridicamente *incompetentes*) e pelas interdições sociais (não votar, não eleger nem ser eleitos, não se casar nem constituir família, não trabalhar nem exercer uma actividade económica, não conduzir, não consumir álcool).

Defende Landsdown (citado por Fernandes e Tomás, 2004) que o facto de demorar a consideração das crianças como cidadãos por direito próprio, pode ser explicado, para além de outros factores estruturais, com base em características inerentemente associadas ao factor idade, como o são a sua imaturidade e vulnerabilidade inerente - um conjunto de características bio-psicológicas que não outorgam à criança o conjunto de competências que os adultos consideram necessárias para o exercício da cidadania. O autor caracteriza dois tipos de vulnerabilidade: a vulnerabilidade inerente e a vulnerabilidade estrutural. A *vulnerabilidade inerente*, tem a ver com a debilidade física, a imaturidade, a falta de conhecimento e experiência das crianças que as torna dependentes da protecção do adulto – este aspecto permanece como inquestionável e tão mais visível quanto mais pequena for a criança. A *vulnerabilidade estrutural*, relaciona-se com a falta de poder político e económico e de direitos civis das crianças. A vulnerabilidade estrutural é uma construção social e política, que deriva de atitudes históricas e das presunções acerca da natureza da infância e da própria sociedade.

A Inclusão das Crianças como direito e como desafio das sociedades

De acordo com Luz (2003), o conceito de inclusão expande-se durante as duas últimas décadas, à medida que não só defende grupos de pessoas com deficiência mas também reivindica igualdade de direitos para todos os cidadãos que, por qualquer motivo, estejam excluídos de um ambiente social e dos serviços oferecidos pela sociedade. Direcção-se, por isso, no sentido de uma “sociedade para todos” e do reconhecimento de que a sociedade deve ser plural e aberta às diferenças.

Para Mantoan, citado pela mesma autora, “não lidar com as diferenças é não perceber a diversidade que nos cerca, nem os muitos aspectos em que somos diferentes uns dos outros e transmitir, implícita ou explicitamente, que as diferenças devem ser ocultadas, tratadas à parte. No entanto, uma sociedade verdadeiramente inclusiva implica que se respeite e valorize as diferenças e os direitos à igualdade de género e de oportunidades para todos incluindo as crianças.

O exercício do direito de participação pelas crianças requer, no entanto, ser reflectido tendo em conta as barreiras sociais e culturais que se opõem ao reconhecimento das suas competências sociais.

Os psicólogos do desenvolvimento, reconhecem que as verdadeiras competências da criança são reveladas em contextos que lhes fazem sentido, ou seja, o que aparenta ser um raciocínio “deformado” é na realidade o “desmontar” de situações e contextos para elas, sem sentido. É nesta linha de pensamento que a criança é vista como actor social, comunicador e produtor de sentido desde o início da sua vida, dando sentido ao seu mundo sócio-cultural em que está inserida.

A pesquisa de âmbito psicológico, mostra o quanto a criança é actor social, em contextos familiares, pois ela é motivada a compreender as regras sociais e as relações do seu mundo cultural a fim de obter ganhos nas suas relações familiares.

Na última metade da década de 80, Dunn (citado por Christensen e James, 2005) fez pesquisa baseada em observações pormenorizadas em diferentes contextos familiares, o que contrastou com o modelo utilizado até então – o piagetiano. Se a idade pré-escolar é limitada na capacidade de compreensão dos outros, como é compreensível o funcionamento eficaz do complexo mundo familiar? Será que há diferenças entre: a compreensão dos outros (por parte da criança) e a sua capacidade em reflectir e falar do pensamento e acção dos outros (hipotéticos)?

O paradigma dunniano demonstrou que as crianças pequenas parecem ser menos competentes enquanto actores sociais, do que quando observadas na vida diária.

Se há teóricos que se debruçam em saber como as crianças se tornam, competentes em participar/actores sociais, outros há, como Rogoff (citado por Christensen e James (2005) na década de 90 que se interessam por investigar como elas crescem em competência através da participação. Este autor defende que a aprendizagem é primariamente um processo social e não individual.

A imagem da criança como *cientista solitário*, que constrói novo conhecimento pela acção individual proposta por Jean Piaget, opõe-se à da *criança colaborativa*, que entende o conhecimento como algo socialmente construído pelo diálogo e colaboração entre indivíduos.

O estudo da *aprendizagem colaborativa* estruturou-se distribuindo crianças em pares e grupos com base na variável de maior interesse para o psicólogo. Constatou-se que a mera presença de uma outra criança influenciava o desempenho em simples tarefas. A influência das dinâmicas sociais e dos relacionamentos interpessoais devem-se operar sempre que as crianças tomem parte na construção social do conhecimento. Os estudos longitudinais e observacionais seguem a forma como os relacionamentos das crianças mudam com o tempo. Faulkner e Miell (citados por Christensen e James, 2005) defendem que as crianças jovens são mais rentáveis quando formam par com o seu melhor amigo do que um conhecido, corroborando a hipótese de que as relações interpessoais pré-existentis têm um efeito significativo na aprendizagem colaborativa.

A necessidade e a possibilidade de escuta das crianças

A escuta activa da perspectiva da criança é um critério de estudo acerca do trabalho infantil, sobretudo em alguns países em desenvolvimento. A investigação, nesta matéria, veio denunciar os sentimentos dos mais afectados pelo trabalho infantil, baseando-se na convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, concluindo que os efeitos psicológicos prejudiciais do trabalho é de valor limitado, ou seja, as crianças não são apenas vítimas passivas afectadas pelo seu trabalho, mas sim actores sociais que dão sentido ao seu trabalho físico e social, negociando com pais, colegas, patrões e clientes filtrando o melhor das circunstâncias, ao mesmo tempo que moldam as suas vidas de trabalho, e são moldadas por elas. O trabalho não afecta apenas os jovens mas faz parte da sua actividade e torna-se parte da sua identidade.

Conclui-se, desta forma, que os modelos científicos de pesquisa tradicionais, que tratam a criança como objecto da pesquisa, deram lugar a outras linhas de investigação que enfatizam a criança enquanto actor social e cultural.

Há ganhos significativos de conhecimento, quando a participação activa das crianças é solicitada e quando as suas perspectivas são aceites como sendo válidas. Deve então ser reconhecido pelos especialistas da matéria, o estatuto e os diferenciais de poder que moldam os processos envolvidos na realização de investigação com crianças.

A mudança social do estatuto da criança, impele a alteração metodológica, posicionando-a de sujeito (ou objecto) a criança enquanto participante.

Contudo, o respeito pelo estatuto da criança, enquanto actor social, não diminui as responsabilidades do adulto, antes, coloca novas responsabilidades na comunidade adulta no sentido da estruturação do ambiente da criança, na condução do seu comportamento para que permita a sua participação social de modo consistente com a sua compreensão.

As crianças como participantes no processo de conhecimento

No início da década de 80, do século XX, a investigação com crianças sofreu uma mudança de rumo através dos contributos de alguns sociólogos da infância como Ambert (1986); James e Prout (1990); Jenks (1992) e Overtrup (1995) citados por Christensen e James (2005). Estas inovações teóricas decorrem de um movimento de reconceptualização da infância que defendem a necessidade de considerar as crianças como actores sociais e de pensar a infância como grupo social com direitos.

Com base neste novo paradigma, a Sociologia da Infância apela aos investigadores para estes melhorarem o conhecimento sobre a posição das crianças como actores sociais participantes.

Neste sentido, em termos metodológicos, nomeadamente, na investigação-acção, o investigador terá que assumir um papel de observador participante com as crianças. Isto é, terá de observar, escutar, reflectir e relacionar-se com as crianças no diálogo, à medida das situações naturais que decorrem da interacção social e em função das suas interpretações e percepções durante o trabalho de campo. Segundo Mandell e Thorne (citados por Christensen e James, 2005), a observação participante de crianças requer tentar adoptar o “papel menos adulto”, misturando-se com o mundo social das crianças, não tomando o lado dos adultos, operando física e metaforicamente ao nível das crianças nos seus mundos sociais. Contudo, e segundo Thorne, este posicionamento social do investigador é muito difícil de manter. De forma a obter informação de qualidade sobre a infância, deve-se partir da experiência das crianças. O investigador

deverá colocar-se numa posição com a criança que procure a diluição das questões do poder entre esta e o adulto.

No paradigma psicológico tradicional a investigação é *sobre* crianças, tendo como objectivo estudar o seu desenvolvimento enquanto são observadas, avaliadas e julgadas. No paradigma inerente à Sociologia da Infância, pretende-se trabalhar *com* crianças, no sentido em que o adulto tenta entrar no mundo do conhecimento da criança, tendo em mente que a sua própria compreensão e plano de acção possam ser modificados pelo processo de investigação.

Ao investigar directamente *com* crianças, o investigador pretende compreender o conhecimento que estas possuem sobre a sua posição social, o estatuto de ser uma criança e as relações criança-adulto. Torna-se fundamental perceber o próprio entendimento e conhecimento da criança nos vários espaços estruturais nos quais vive a sua vida (doméstico, emprego, mundo, comunidade, mercado e estado). Ao partir para a investigação com crianças, é necessário olhar para a totalidade do dia da criança e para os impactos que os vários contextos exercem uns nos outros. Por outras palavras, é importante perceber *as vidas diárias das crianças através e entre os contextos delas* (Christensen e James, 2005). Segundo estes mesmos autores, o mais importante na pesquisa com as crianças é que a escolha dos métodos particulares de pesquisa seja apropriada aos grupos envolvidos, aos seus contextos sociais e culturais, e aos tipos de investigação que foram pensados.

De regresso aos lugares da Participação e Cidadania

Na investigação social tradicional as crianças são vistas como objecto e como sujeito dependentes e incompetentes. As metodologias usadas reforçam os preconceitos anteriores como premissas de base de investigação e transmitem uma versão adulta(erada) das vidas das crianças.

A mudança de paradigma na investigação com crianças tem implicações directas na questão da participação infantil e na inclusão das crianças no âmbito do desenvolvimento sustentável das sociedades. Através da mudança de paradigma, as crianças passam a ser encaradas como actores sociais participantes, de direitos próprios, dotadas de acção e de voz e que manifestam os seus próprios mundos sociais e culturais. Desta forma, segundo Soares (2006), as crianças estão *“integradas nos processos de investigação onde participam em parceria, mais ou menos consolidada, com os adultos.”* Ainda segundo esta autora, no mesmo artigo, *“tem sido a sociologia da*

infância a sustentar este enfoque, que privilegia um espaço social e científico para o grupo social da infância, abrindo assim caminho para o desenvolvimento de novas formas de desenvolver investigação com as crianças e para a construção de conhecimento efectivo acerca das mesmas. “

Nos dias de hoje existem diversos documentos que defendem os direitos da criança. Fernandes (2005) refere que os 54 artigos da Convenção dos Direitos da Criança podem ser agrupados em três categorias distintas, os direitos de provisão, de protecção e de participação. Ao longo do tempo, a imagem característica da criança como sujeito de direitos foi se alterando.

Na segunda metade do século XX a imagem veiculada através dos discursos políticos e intelectuais é a da criança que necessita de protecção; no início do século XXI procura valorizar-se a imagem de criança cidadã (Sarmiento, 1999 citado por Fernandes e Tomás, 2004). Ao olharmos a infância como uma construção social na qual as crianças são vistas como indivíduos com direitos próprios e como actores sociais, estaremos a resgatar o que existe de mais valioso nas vidas das crianças, nos seus mundos sociais e culturais.

Neste sentido, Fernandes (2006) diz que *“É este novo paradigma da infância que tem sido o alicerce indispensável para a emergência da participação infantil como uma questão social, política e científica.”* Será também importante frisar que a participação infantil é uma estratégia eficaz para lutar contra os ciclos de exclusão social. *“O excluído encontra-se fora dos universos materiais e simbólicos, sofrendo a acção de uma espiral crescente de rejeição, que culminará na incorporação de um sentimento de auto-exclusão”* (Rodrigues et al, n.d.). Ainda sobre esta matéria, numa situação de exclusão verifica-se uma acentuada privação de recursos materiais e sociais, arrastando *“para fora ou para a periferia da sociedade” todos aqueles que “não participam dos valores e das representações sociais dominantes”* (Fernandes, 1995, p.16 citado por Rodrigues et al, n.d). A participação e o exercício das competências sociais são cruciais para se promover uma sociedade cada vez mais inclusiva.

Nesta 2ª modernidade a participação infantil assume-se como mote e ideia fundamental para a mudança positiva do mundo em que vivemos, tal como foi postulado na Cimeira Mundial da Infância, em 2002, que é crucial *“... mudar o mundo, não só pelas crianças, mas acima de tudo com a sua participação”* (citado por Fernandes, 2006).

Ao promovermos a participação infantil estamos a potenciar o exercício da cidadania. No mundo visto através das relações desiguais de poder dos adultos em relação às crianças, a cidadania é um conceito exclusivo aos adultos pois estes assumem que considerando as crianças como cidadãs significa transferir o poder das decisões para as crianças, o que leva a uma diminuição do poder por parte dos adultos. Sobre este assunto, Fernandes (2006) refere que *“As dificuldades na partilha deste poder, decorrem, em muito, do facto de a sociedade adulta considerar que participação infantil é sinónimo de diminuição do poder e tutela dos adultos sobre as crianças. Decorrem também do facto de essa mesma sociedade adulta continuar a defender uma perspectiva da criança, como dependente da protecção do adulto e incapaz de assumir responsabilidades.”*

Uma cidadania activa da infância implica, por um lado, o envolvimento das crianças nos espaços de decisão social e políticos e, por outro, o aceitar as opiniões, ideias e contributos das próprias crianças. Isto, por seu lado, exige a construção de dispositivos de escuta adequados aos seus mundos de interacção sociais e culturais, possibilitando, concomitantemente a valorização do conhecimento das crianças e a própria construção científica desse mesmo conhecimento.

Neste seguimento é importante relembrar que, como defendem Natália Fernandes e Catarina Tomás (2004) a criança não é um mero receptor das influências a que está sujeita, é também um actor em contínuo desenvolvimento e que tem, necessariamente, pontos de vista e opiniões próprias e diversas, que importam ter em consideração sempre que são abordadas questões que lhes digam respeito. A participação origina o sentimento de ser capaz de controlar aquilo que se pensava estar de fora do seu alcance, pelo que a sua impossibilidade gere sentimentos de impotência e insegurança. Como já foi dito a participação é a condição base do exercício da cidadania, e no caso específico da infância como grupo social, esta encontra-se excluída do acesso à prática da cidadania sendo o factor idade o primeiro factor inibidor, uma vez que este está associado à falta de competências e de capacidades que se traduzem num sentimento de dependência em relação aos adultos, e incapacidade de assumir responsabilidades. Segundo este ponto de vista, a cidadania transforma-se falsamente num conceito redutor, característico de apenas alguns grupos sociais e de carácter não democrático.

Para contrariar esta tendência e não fomentar a exclusão da infância, diferentes autores defendem diferentes conceitos, cujo objectivo último é criar um lugar na

sociedade que credibilize a criança enquanto cidadão activo e participativo. Sobre este assunto, Tomás e Soares (2004, citados por Soares, 2006) recuperam a sistematização elaborada por Santos, relativa aos modos de produção da globalização, e adoptam o conceito de *“cosmopolitismo infantil”*, *“consideram que este, na sua vertente praxeológica, implica a construção de espaços e práticas sociais que promovam a participação infantil, mesmo considerando os constrangimentos da institucionalização, que condicionam a organização dos quotidianos infantis. A consideração de tais constrangimentos passa pela indispensabilidade de combater a massificação do atendimento à infância, a imagem da criança-utente, para desta forma recuperar uma outra imagem, da criança-cidadã, o que implica que se repensem conceitos e imagens que influenciam a formação dos profissionais que com elas partilham os contextos institucionais, educativos ou sociais.”*

Outros autores têm vindo a defender um outro conceito, o *“protagonismo infantil”*, como o conceito mais adequado para assegurar uma cidadania plena da infância. Gaitán (1998, p.86 citado por Fernandes e Tomás, 2004), considera que o protagonismo infantil é o *“processo social mediante o qual se pretende que crianças e adolescentes desempenhem um papel principal no seu desenvolvimento e no da sua comunidade para alcançar a realização plena dos seus direitos atendendo ao seu interesse superior”*.

Outros autores (Cussiánovich, 1997 e Liebel, 2000 citados por Fernandes e Tomás, 2004), reforçam a ideia de que o conceito do protagonismo constitui-se como arquétipo fundamental para a consolidação da participação das crianças e que esse processo reforça o fortalecimento da identidade pessoal e social das crianças, o reforço das suas possibilidades de defesa e as suas competências para cumprir acordos. Gaitán (citado por Fernandes e Tomás, 2004) considera a existência de três mecanismos cruciais para a celebração do protagonismo infantil:

1. *Organização Infantil*- processo através do qual pretende-se a articulação das crianças, individualmente ou em grupo, visando a promoção do exercício dos seus próprios direitos, e o respeito pelos mesmos. Esta organização deverá ser lúdica, flexível, isto é, adaptada às crianças, mas também funcional, regulamentada e democrática.
2. *Participação Infantil*- tem como finalidade assegurar a legitimidade e incidência social do protagonismo infantil. Neste sentido, torna-se fundamental facilitar a abertura de espaços onde as opiniões e iniciativas das crianças tenham margem

de aceitação, de negociação e de visibilidade.

3. *Expressão Infantil*- surge como a manifestação do ser, estar, pensar e sentir das crianças como sujeitos numa sociedade de acordo com os seus interesses, mas ao mesmo tempo dependente das influências externas dos adultos que na interacção que desenvolvem com as crianças, irão sem dúvida influenciar a autenticidade de tais manifestações.

Sarmento, Soares e Tomás (2006) defendem que a cidadania da infância implica o preenchimento de condições estruturais, relativas à organização da sociedade, para o alargamento dos direitos das crianças, instituições *para* as crianças que sejam também instituições *das* crianças e a generalização de uma cultura que permita a inclusão democrática das crianças em todos os domínios da vida social e pessoal.

Neste domínio, parece que a Escola poderia e deveria ter uma actuação fundamental no sentido da promoção da cidadania da infância e da participação infantil, nomeadamente no que concerne aos currículos transversais. Quando todos os esforços pedagógicos se direccionam para a aquisição de conteúdos instrutivos, a tarefa de educar, de socializar, de preparar para a vida futura, e de dar a conhecer a realidade como ela é, transforma-se numa missão difícil de cumprir.

Será, também, importante que existam outras aprendizagens a ser efectuadas, à margem dos conhecimentos científicos, que deveriam constar dos manuais escolares. Se a escola é um micro-cosmos de conflitos presentes na sociedade, não tem sentido que a instituição escolar se imiscua dos problemas que as crianças experimentam e vivem no seu contexto social e escolar (Petrus, 1997). De facto, esta realidade escolar parece uma negação à própria escola, e pior ainda, por se estar a colocar em causa o futuro dos cidadãos dos países, e com isso as direcções e opções do mundo de amanhã.

O futuro dos cidadãos de um país depende, antes de mais de uma adequada formação escolar, o que tem implicações directas no substrato dos conteúdos escolares. À escola não compete só o instrutivo, como também, não faz sentido medir a qualidade da educação escolar, unicamente, através do nível aquisição de conhecimentos científicos. Os princípios fundamentais para uma convivência democrática e pacífica, como podem ser o uso correcto da liberdade, a participação, a responsabilidade, a solidariedade, a igualdade de sexos, a discussão dos conflitos, dos direitos humanos, são parte crucial do processo de educação (Petrus, 1997).

É neste sentido que surge a importância da consideração dos conteúdos transversais. Estes deveriam estar presentes em cada um dos espaços e actividades

escolares. Os conteúdos transversais, devido à sua natureza social, não podem, nem devem ser estruturados, nem aplicados de uma forma excessivamente formal. Este tipo de conteúdos constituem-se como uma dimensão educativa, de nobre e vital importância para o desenvolvimento saudável e não perverso dos indivíduos e da sociedade. O facto deste tipo de conteúdos fazerem referência aos problemas e conflitos da sociedade, coloca-os numa posição transversal nas acções de natureza educacional, próprias de uma Educação Social que se deseja eficaz, justa e humana. Segundo Petrus, “*os conteúdos transversais são, possivelmente, a maior e mais afortunada inovação educativa dos últimos anos.*”

A grande amplitude dos currículos transversais é a sua relação com todas as áreas ou matérias escolares. São conteúdos educativos de base de ética social válidos para todos os educandos, independentemente das crenças e das ideias políticas e religiosas. São a chave para uma sociedade socialmente e humanamente mais justa, mais democrática e mais pacífica, pois permitem a concepção de diferentes e livres interpretações da realidade sem que isso resulte, necessariamente, em conflito social.

Para Sarmento *et al.* (2006) “*não há cidadania sem cidade*”, pelo que esta deve garantir a satisfação das necessidades básicas e salvaguardar os direitos de protecção e de provisão. É a cidade dos homens que constrói a possibilidade ou a impossibilidade da sustentação do “*melhor interesse*” para as crianças.

Ainda sobre a questão da participação infantil, Soares (2006) chama-nos à atenção para o facto de considerarmos a participação das crianças no seio da investigação, como um passo significativo para a construção de um espaço de cidadania de infância, um espaço no qual a acção da criança é tida em conta e é também indispensável para o desenvolvimento do processo de investigação. A autora transmite ainda que “*considerar a participação das crianças na investigação, através de uma investigação participativa, permite considerar formas colaborativas de construção do conhecimento nas ciências sociais, que se articulam com modos de produção do saber empenhadas na transformação social e na extensão dos seus direitos sociais.*”

Animação Sócio-Cultural e as potencialidades do papel do Animador

A Animação Sócio-Cultural tem uma importância vital pois é no contexto teórico desta que o animador se vai colocar perante o grupo e, também, servir-se das técnicas de acção/intervenção/animação práticas que esta disciplina tem para oferecer.

A Animação Sócio cultural pode ser reflectida como um acto criativo motivado e dirigido pela necessidade de (re)construir os mundos diferentes que fazem o nosso Mundo. O ser humano vive e evolui à medida que se constrói progressivamente pelos vários espaços estruturais (doméstico, produção, mercado, comunidade, cidadania e mundial) que o circundam. É nestes espaços que a Animação Sociocultural se movimenta. Os conhecimentos dos indivíduos e dos grupos, as suas heranças culturais e as suas identidades culturais têm que ser valorizados, respeitados e tolerados no âmbito da Animação Sociocultural.

O aparecimento da animação sócio-cultural esteve directamente relacionado com a Revolução Industrial e com todas as transformações e mudanças que daí resultaram. A expressão “animação sociocultural” é francesa “*animation socioculturelle*”. Surge na década de 60 como movimento anti-elitista que se demarcava dos trâmites académicos, na produção e transmissão de cultura. Há quem prefira adoptar o termo “dinamização sociocultural”, porque, em “animar”, parte-se do zero, enquanto, em “dinamizar”, trata-se de acelerar ou activar qualquer coisa que já existe ou é incipiente. No entanto, todos os autores que se debruçam sobre este tema, reconhecem a polissemia no uso desta expressão.

A palavra animação significa acto ou efeito de animar, dar vida, infundir ânimo, valor e energia. Tem origem na palavra latina anima que significa principio vital, sopro, alma.

A ASC engloba três principais dimensões, a social, a cultural e a educativa. Um dos conceitos fundamentais ligado ao discurso teórico da ASC é o de cultura. O conceito de cultura é extremamente rico e extravasa várias disciplinas e ciências, apesar de até ao século XV a palavra cultura só se aplicar ao trabalho da terra. No âmbito da ASC, a Cultura não é encarada como a cultura escolar, geral ou elaborada de forma elitista, isto é, não se trata de cultura “Culta” ou “Académica”. A cultura é a informação que se transfere socialmente e não geneticamente. Resulta do que se herde e gere na vida social, apresentando uma dimensão social de criação e de transferência. A Cultura é definida sob o ponto de vista antropológico-cultural. Segundo Edward B. Tylor (citado por Trilla, 1997), cultura é “*o modo complexo que inclui conhecimentos, convicções, arte, leis, moral, costumes e qualquer outra capacidade e hábitos adquiridos pelo homem na qualidade de membro de uma sociedade.*”

De forma a abordar o que a ASC faz ao nível da cultura, e de que forma pode gerar processos de participação, será importante e interessante fazer referência a dois conceitos inerentes a esta questão: a democracia cultural e a democratização cultural.

A “democratização da cultura” assenta num conceito patrimonialista da cultura. A cultura considera-se como algo já estabelecido que se deve aproximar da população. Neste sentido, democratizar significa elevar o nível cultural das massas. A cultura aparece como algo que se cria à margem daqueles a quem se destina. Democratiza-se o consumo cultural mas a criação e a definição da cultura fica a cargo de grupos restritos da sociedade. A cultura entende-se como um património que se deve conservar e difundir. Esta democratização cultural, segundo *Calvo*, traduz-se mais na ideia de “dinâmica cultural descendente”, como sendo uma forma de dar a possibilidade aos que estão abaixo da escala social, “os deserdados da cultura”, este “suplemento de espírito” indispensável para o bom funcionamento da ordem social⁶.

A “democracia cultural” segue uma orientação diferente, na medida, em que põe em causa a noção patrimonial da cultura, substituindo-a por um conceito que remete a definição de cultura à própria população. A ASC será um instrumento da “democracia cultural” não como um meio para a difusão da cultura, mas encarada como uma forma de transformar o potencial das comunidades para gerar a cultura. A democracia cultural entende o trabalho cultural como estando baseado nos princípios de participação e diversidade. Com a democracia cultural pretende-se assegurar a cada indivíduo os instrumentos necessários para que com liberdade, responsabilidade e autonomia se possam desenvolver culturalmente. Existe uma participação cultural activa das pessoas na produção e fruição dos bens culturais. *Calvo* identifica a democracia cultural como “a dinâmica cultural ascendente” em que os “os indivíduos não são simplesmente engrenagens que funcionam segundo os estímulos das hierarquias sociais” têm antes a capacidade “de criar modelos e práticas culturais que lhes são próprios”⁷

Tendo em conta o processo de investigação que se pretende construir com as crianças, enquanto actores sociais participantes, a ASC estará orientada pelo princípio da “democracia cultural” tendo como principal preocupação os interesses e aspirações dos indivíduos, levando a cabo um conjunto de acções que potenciam o seu próprio desenvolvimento e contribuem para a sua autonomia a vários níveis (cultural,

⁶ Citado por fonte de internet 4 remetida para a bibliografia.

⁷ Citado por fonte de internet 4 remetida para a bibliografia.

psicológico, social, afectivo e político), estando presente uma atitude anti-autoritária, no sentido de provocar a participação activa. Enquanto pelo princípio da “democratização cultural”, o indivíduo é visto como um mero espectador e receptor da cultura, gerando alienação e passividade.

Segundo Lemes⁸, a cultura e a identidade cultural coexistem, tendo como base a partilha e o serem abertas, podendo estar assim sujeitas a constantes reconstruções. Neste sentido, uma sociedade qualitativamente rica será culturalmente complexa. Quanto mais complexa for a cultura de um povo, maior será a sua força e a tenacidade criativa e empreendedora. Uma cultura complexa é aberta, plural e de livre circulação pelo todo social. A criatividade é simbólica, imaginária, científica e técnica, e depende da originalidade da circulação e da transmissão das variadas expressões culturais.

Seguindo esta linha de pensamento, parece pertinente citar um dos testemunhos de Ander-Egg⁹, “a ASC tem como função fazer circular todo o tipo de discurso cultural e gerar processos de participação de maneira mais ampla possível.

Segundo Trilla (1997), a ASC entende-se por: *“O conjunto de acções realizadas por indivíduos, grupos ou instituições numa comunidade (ou num sector da mesma) e dentro do âmbito de um território concreto, com o objectivo principal de promover nos seus membros uma atitude de participação activa no processo do seu próprio desenvolvimento quer social quer cultural.”*

A ASC pretende assim que os indivíduos se desenvolvam enquanto contribuem para o desenvolvimento da comunidade e vice-versa.

A ASC actua para superar desigualdades sociais, dar liberdade à expressão dos mais desfavorecidos e dos excluídos, sendo que para isso o animador necessita de trabalhar com outros profissionais. Pretende também criar estratégias, planos de actuação e metodologias operativas de intervenção.

Neste sentido, a ASC poderá actuar como a “sutura terapêutica” para uma sociedade com patologias e disfunções a nível comunicacional que resultam da alienação individual e colectiva, da perda de referências e das garantias sociais que promovem o bem-estar existencial do ser humano.

⁸ Citado na bibliografia.

⁹ Citado por fonte de internet 5 remetido para a bibliografia.

O papel do Animador na Intervenção Comunitária

Outras ideias importantes de serem referidas no âmbito da ASC estão implicadas ao nível da consciência ideológica, ética e política. A reflexão feita neste contexto assumiu-se como uma das mais dominantes, no estudo da ASC. Por definição, a ASC deve ter uma componente ideológica, ética e política com relevância em termos de conflito social. Este será o busílis da ASC. A discussão ideológica é importante pois permite contextualizar, deontologicamente, as decisões tomadas na ASC, pelo animador.

O animador sociocultural deverá questionar-se em relação às condições sociais e políticas vigentes e sobretudo em que medida a sua acção se irá reflectir num quadro de mudança e justiça social. Será pertinente pensar, também, que o animador sociocultural tem o dever ético, na sua acção, de lutar contra a exclusão social, cultural e educativa, tornando-se um actor social promotor da inclusão. O animador sociocultural tem a responsabilidade ética de formar as pessoas ou a comunidade junto da qual vai actuar. Parece apropriado citar aqui Freire (1996) *"quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado"*.

A citação anterior chama também à atenção para outro aspecto importante, dentro do papel do animador, o reflectir sobre a acção desenvolvida. Torna-se crucial reflectir de forma crítica entre a teoria e a prática. O “espelho” do animador é a sua prática quotidiana, e a sua “sombra” a teoria que pesquisa. Reflectir é essencial para se poder “actuar”. Neste seguimento, é necessário que os agentes analisem no terreno a sua experiência para extraírem os conhecimentos que optimizem as experiências seguintes. Torna-se crucial fazer uma vigilância crítica do seu modo de acção e consequente resultado.

A reflexão directa e imediata sobre a intervenção constitui-se como o gerador principal dos outros níveis de teorização e, simultaneamente, a condição essencial para a optimização da prática.

O animador sociocultural assume uma importante função de mediador e facilitador das práticas culturais, de forma a contribuir para o desenvolvimento cultural de um colectivo, grupo ou comunidade. O seu trabalho poderá visar também a esfera social, através da promoção do desenvolvimento social e comunitário, implicando com isso a transformação social e a luta contra a exclusão. Favorecer a participação, o associativismo, contribuir para a construção do tecido social e de situações favoráveis

ao empoderamento dos sujeitos inseridos num grupo, são outras funções do animador. Em relação à esfera educativa, o animador terá como objectivo a formação de públicos no que concerne à autonomia, iniciativa pessoal e espírito crítico.

A construção de identidades e de relações de alteridade como que fazer social

Tendo por os pressupostos da Animação Sócio-Cultural (ASC), a cultura e a sociedade aparecem como aspectos inseparáveis de uma mesma realidade. No social existe algo que remete sempre para as formas de vida e para uma representação e estrutura simbólica. No cultural descobre-se algo que remete para as relações e conjuntos sociais. Estamos perante uma concepção que concebe, simultaneamente, a dimensão social da cultura e a dimensão cultural do social.

Actualmente, as identidades que caracterizaram a sociedade moderna fragmentaram-se e deram origem a uma pluralidade de culturas e de identidades culturais. Nesta nova sua trajectória “glocal”¹⁰ social, os sujeitos vêm-se obrigados, não só a pertencer como a manter relações com várias identidades e como consequência disso, tendem a arranjar estratégias de posicionamento ou de ocultação.

Segundo André (2005), a perspectiva multicultural reconhece o conhecimento da realidade como uma construção que resulta da interacção de vários actores e agentes sociais, onde cada cultura constrói uma versão da realidade social.

Neste seguimento, o animador sociocultural terá que ter em consideração, na sua forma de actuar dentro da realidade social “glocal”, estes aspectos relacionados com a epistemologia multicultural.

Assim, para se partir para o diálogo com outras culturas, tem que se partir do pressuposto que mesmo aquilo que parece estranho, não deixa de ser humano. Desta forma, torna-se imperativo que o animador sociocultural transmita aos outros actores e agentes sociais destinatários da sua acção, as estratégias para desenvolverem a capacidade de tolerar o outro diferente respeitando toda a sua alteridade. Tolerar o outro significa aceitar a diferença do outro e manifestar uma abertura face a ele. A chegada de um estranho a uma comunidade altera a comunidade, ao mesmo tempo que modifica, também, o próprio sujeito. Tal como nós apenas vemos aquilo que somos nos outros, o estranho, também, se vai descobrindo à medida que descobre o outro.

¹⁰ “Glocal” surge da fusão entre as palavras global e local sendo que neste contexto referem-se às trajectórias sociais modernas que serão concomitantemente locais e globais.

É, portanto, nesta dialéctica que o sujeito transforma-se no objecto e o objecto em sujeito. Este modelo encaixa-se dentro do paradigma cultural actual. Nesse sentido, não é possível que as diferentes identidades convivam sem que os seus horizontes se fundam, o que não significa, de modo nenhum, que percam a sua alteridade. Numa perspectiva multicultural, a trama ou o horizonte por detrás de cada cultura, que está intrinsecamente relacionado com a sua alteridade, sofre uma fusão com outras tramas e com outros horizontes. A ASC conserva as alteridades de cada cultura valorizando, em simultâneo, a “fusão de horizontes”.

Na visão de Taylor (citado por André, 2005), com a fusão de horizontes *“aprendemos e movimentar-nos num horizonte mais alargado, dentro do qual partimos já do princípio de que aquilo que serve de base à valorização pode ser considerado como uma possibilidade a par do background da cultura que antes nos era desconhecida”*.

Esta “fusão de horizontes”, no âmbito da ASC, vai-se manifestar-se sob o ponto de vista teórico-reflexivo e, também, a nível da adequação de estratégias práticas de animação. Segundo André (1995) “trata-se, afinal, de respeitar a alteridade do outro na alteridade do seu passado, não a partir de um ponto de vista dominador, mas do modo pelo qual se deixa o outro falar, desapossando-nos e descentrando-nos pelo reconhecimento do outro e no outro”.

O homem realiza-se como ser cultural na abertura e no acolhimento que faz às outras culturas e na sua própria transformação implicada nessa atitude dialógica. Na visão de André (2005) cada indivíduo é, por natureza, multicultural, pois tem acesso a mais do que uma cultura e é competente em várias culturas, o que determina uma estrutura multidimensional das nossas identidades.

Nesta era pós-moderna o que surge como motivação para as grandes lutas sociais é o direito à igualdade que se traduz no direito de cada um ser pessoal e colectivamente diferente dos outros; é o direito dos diferentes serem tratados como iguais sem que isso anule a sua diferença.

Ainda, e segundo Boaventura de Sousa Santos¹¹, é possível reconstruir a ideia de emancipação social justamente a partir de experiências bem-sucedidas em áreas como a produção alternativa e a democracia participativa.

¹¹ Citado por fonte de internet 6 remetida para a bibliografia.

Neste seguimento, a animação sociocultural e a acção do animador deverão ser contextualizadas no âmbito de uma perspectiva multicultural, veiculadas através de acções que ao instigar um contexto de participação activa, estarão fomentando uma democracia participativa e colaborativa; de forma a responder aos tempos e contratempos das comunidades e dos seus actores sociais, inseridos num contexto global de fusão de identidades, que urge por uma sutura colectiva e que vise a construção de pontes entre as pessoas e os lugares essencialmente simbólicos, culturais e sociais.

CAPÍTULO II

A INVESTIGAÇÃO-ACÇÃO PARTICIPATIVA COMO OPÇÃO METODOLÓGICA

Introdução

O projecto que aqui apresentamos resulta de uma investigação com as crianças que habitam no bairro do Pombal (concelho de Oeiras), e tem como temáticas as questões relacionadas com a participação infantil, o estatuto de criança-cidadã, a acção comunicativa em contexto informal e os espaços de cidadania residual.

Servindo-me de uma metodologia do tipo Investigação-Acção Participativa, pretendo dar voz às crianças em relação aos seus mundos sociais e culturais, valorizando as suas opiniões, através da construção de dispositivos de escuta próprios e adequados, e contribuir para a produção de conhecimento científico nesta mesma temática.

Pretendo ainda numa lógica de cidadania activa promover o direito à participação das crianças, previsto na Convenção dos Direitos da Criança, nos artigos 12 e 13. O objectivo geral do Projecto de Intervenção/Investigação, prende-se com o promover a mudança social e o desenvolvimento comunitário no sentido de uma crescente conscientização do papel das crianças do Bairro do Pombal, enquanto actores sociais participativos, e do empoderamento e resiliência que advém dos processos de tomada de decisão face a um contexto social desfavorável.

As várias intervenções/acções levadas a cabo serão desenvolvidas através de uma metodologia de investigação-acção participativa, recorrendo a técnicas participativas enquadradas na Animação Sócio-Cultural.

Esta metodologia de investigação é orientada para a melhoria da prática. Tem como objectivo básico e essencial a decisão e a mudança., no sentido da obtenção de melhores resultados no que se faz; e facilitar o aperfeiçoamento das pessoas e dos grupos com os quais se trabalha. Esta metodologia implica uma auto-reflexão das práticas implementadas pelo educador/investigador/técnico, no sentido do reajustamento das estratégias de acção em função das necessidades e problemas que se vão sentido no decurso da investigação/acção/intervenção.

A investigação participativa implica um processo ou um conjunto de acções que devem realizar-se colectivamente para o conjunto de pessoas, grupo ou comunidade que se mostrem disponíveis para analisar e transformar a sua realidade. Parte, assim, de uma motivação colectiva orientada para a mudança, resultante do desejo de conhecer mais profundamente uma realidade social e procurar os modos apropriados para a transformar.

O princípio total pelo qual este tipo de investigação se rege é que o processo de discussão deve fundamentar-se num sistema de debate, indagação e análise no qual os participantes actuem ao mesmo nível do investigador. Isto porque a realidade descreve-se mediante o processo pelo qual a comunidade cria as suas próprias teorias e soluções sobre ela própria.

A Investigação-Acção

A Investigação-Acção como processo de produção de conhecimento

A “Investigação-Acção” surge inicialmente com os trabalhos de Kurt Lewin, em 1948, sobre a teoria de campo no domínio da Psicologia Social, no Centro de Investigação para a Dinâmica de Grupos da Universidade de Michigan. Os primeiros trabalhos de Lewin debruçaram-se sobre o comportamento individual. As suas orientações metodológicas assentaram, nomeadamente, na importância do contexto social para se compreender o indivíduo. “Action-Research” é a denominação usada por Lewin para definir este tipo de investigação.

Depois da 2ª Guerra Mundial, no Instituto Tavistock em Inglaterra, aparece uma perspectiva diferente de Investigação-Acção, com o objectivo de usar esta metodologia para estudar distúrbios sociais e psicológicos nos veteranos e prisioneiros de guerra.

É a partir destas duas iniciativas diferentes que progressivamente começam a ser desenvolvidos outros trabalhos e estudos no domínio da Investigação-Acção.

Na década de setenta com os estudos de Stenhouse, a Investigação-Acção associa-se às questões do foro educativo e apresenta-se como um modelo alternativo à investigação educativa tradicional.

Porém, só em 1985 com Argyris e Schön, que a Investigação-Acção é retomada como uma abordagem científica específica. O papel do investigador é duplo: produzir novo conhecimento sobre o sistema social (investigação) e ser agente da mudança do mesmo sistema.

Segundo Kemmis e McTaggart, (1988) referido por Matos (2004)¹², *"A investigação acção constitui uma forma de questionamento reflexivo e colectivo de situações sociais, realizado pelos participantes, com vista a melhorar a racionalidade e a justiça das suas próprias práticas sociais ou educacionais bem como a compreensão*

¹² Autores citados por Arménio M. Fernandes no *Projecto Ser Mais-Educação para a Sexualidade Online* através de fonte de internet 7 remetida para a bibliografia

dessas práticas e as situações nas quais aquelas práticas são desenvolvidas; trata-se de investigação-acção quando a investigação é colaborativa, por isso é importante reconhecer que a investigação-acção é desenvolvida através da acção (analisada criticamente) dos membros do grupo".

Relativamente a esta temática, Brown e McIntyre (1981) referidos por Chagas (2005)¹³ dizem: *"O investigador/actor formula primeiramente princípios especulativos, hipotéticos e gerais em relação aos problemas que foram identificados; a partir destes princípios, podem ser depois produzidas hipóteses quanto à acção que deverá mais provavelmente conduzir, na prática, aos melhoramentos desejados. Essa acção será então experimentada e recolhida a informação correspondente aos seus efeitos; essas informações serão utilizadas para rever as hipóteses preliminares e para identificar uma acção mais apropriada que já reflecta uma modificação dos princípios gerais. A recolha de informação sobre os efeitos desta nova acção poderá gerar hipóteses posteriores e alterações dos princípios, e assim sucessivamente..."*. Trata-se de uma metodologia de índole prática e que centra a sua atenção na melhoria das estratégias utilizadas, com vista a obter uma eficácia prática mais ampla. Ainda sobre a Investigação-acção, Chagas (2005) afirma: *"usada como uma modalidade de investigação qualitativa, não é entendida pelos tradicionalistas como "verdadeira" investigação, uma vez que está ao serviço de uma causa, a de "promover mudanças sociais" (Bogdan & Biklen, 1994), e porque é "um tipo de investigação aplicada no qual o investigador se envolve activamente."*

A Investigação-acção proporciona um tipo de intervenção no qual o investigador se envolve activamente com a comunidade, através de uma dinâmica social assente numa metodologia própria e precisa. Isto permite produção de novo conhecimento científico e mudanças no sistema social. Trata-se de um processo sistemático que permite: a ligação entre a teoria e a prática; a participação, a aprendizagem e responsabilidade de todos os implicados no processo, e a produção de mudanças inesperadas positivas conduzindo a processos inovadores.

Segundo Matos (2004), a investigação-acção é *"uma espiral de planeamento e acção e busca de factos sobre os resultados das acções tomadas, um ciclo de análise e*

13

Autores citados por Arménio M. Fernandes no *Projecto Ser Mais-Educação para a Sexualidade Online* através de fonte de internet 7 remetida para a bibliografia

reconceptualização do problema, planeando a intervenção, implementando o plano, avaliando a eficácia da intervenção”.

A Investigação-Acção Participativa como processo de reconstrução de actores sociais

Tradicionalmente a investigação realizada em ciências sociais guiava-se por um sistema de crenças denominado Paradigma Positivista. De facto, durante muito tempo este foi o paradigma dominante. No entanto, hoje-em-dia está-se perante uma mudança de paradigma no âmbito da investigação em ciências sociais. Surgem, desta forma, o Paradigma Interpretativo e o Paradigma Sóciocrítico, entre outros. Enquanto no Paradigma Positivista a natureza da realidade é única, fragmentada, tangível e simplificadora; para o Paradigma Interpretativo a realidade é múltipla, intangível e holística; e no caso do Paradigma Sóciocrítico a realidade é dinâmica, evolutiva e interactiva. Segundo Arnal, Rincón & Latorre (1992)¹⁴ o Paradigma Sociocrítico introduz explicitamente a *ideologia* e a *auto-reflexão crítica* no processo de conhecimento científico. Os princípios ideológicos em que assenta o Paradigma Sociocrítico têm como finalidade a transformação da estrutura das relações sociais.

Na investigação social existem, segundo Lincoln (1990)¹⁵, três dimensões nas quais os paradigmas estão assentes, a ontológica, a epistemológica e a metodológica. Na primeira procura-se saber qual a natureza da realidade social, na segunda pretende-se saber que tipo de relação se estabelece entre o que deseja conhecer (o investigador) e a realidade; e a terceira dimensão prende-se com as questões relacionadas com o tipo de metodologia usada por parte do investigador para descobrir a realidade. Estas três dimensões estão interligadas, uma vez que a dimensão ontológica conduz à dimensão epistemológica e esta por sua vez condiciona uma metodologia concreta e constituída por técnicas específicas.

Nesta perspectiva ao situarmo-nos dentro do Paradigma Sóciocrítico, no âmbito da investigação social, o tipo de metodologia escolhido para desenvolver um projecto/investigação será de índole e características participativas. A investigação-acção participativa (IAP) com crianças aparece como uma escolha que para além de se enquadrar no âmbito da dimensão metodológica sóciocrítica, possibilita contrariar as

¹⁴ Autores referidos na fonte de internet 8 remetida para a bibliografia.

¹⁵ Autor referido numa apresentação de uma aula de seminário do 2ºano de mestrado em ESIC da U.A.

relações tradicionais de poder entre adultos e crianças uma vez que as crianças são vistas como co-investigadoras em todo o processo. Neste seguimento, surge um conceito fulcral nesta metodologia, o de Investigador Colectivo. Na investigação convencional, a figura do investigador era, geralmente, o de alguém exterior à comunidade sendo ele o responsável por identificar os problemas e os métodos de investigação. Na IAP o investigador externo deixa de fazer sentido, isto porque quem identifica os problemas e escolhe os métodos de investigação é toda a comunidade envolvida. Daí a terminologia de Investigador Colectivo (IC). Outro aspecto importante de salientar é o facto das informação recolhida e do conhecimento produzido ser analisado e interpretado por este IC.

No que concerne aos métodos de investigação é importante referir que existe uma maior variedade e extensão, enquanto na investigação tradicional os métodos são mais restritos e fechados, sendo na sua maioria algum tipo de questionário. As crianças são vistas como actores sociais participantes e por isso co-construtores de conhecimento na acção, ou seja à medida que exploram e divulgam os seus mundos culturais e sociais.

A Investigação Participativa com crianças.

Com base neste paradigma emergente sócio crítico, a Sociologia da Infância apela aos investigadores para estes melhorarem o conhecimento sobre a posição das crianças como actores sociais participantes. Neste sentido, em termos metodológicos, nomeadamente, na investigação-acção, o investigador terá que assumir um papel de observador participante com as crianças. Isto é, terá de observar, escutar, reflectir e relacionar-se com as crianças no diálogo, à medida das situações naturais que decorrem da interacção social e em função das suas interpretações e percepções durante o trabalho de campo. Segundo Mandell e Thorne (citados por Christensen e James, 2005), *a observação participante de crianças requer tentar adoptar o “papel menos adulto”, misturando-se com o mundo social das crianças, não tomando o lado dos adultos, operando física e metaforicamente ao nível das crianças nos seus mundos sociais.* Contudo, e segundo Thorne, este posicionamento social do investigador é muito difícil de manter. De forma a obter informação de qualidade sobre a infância, deve-se partir da experiência das crianças. O investigador deverá colocar-se numa posição com a criança que procure a diluição das questões do poder entre esta e o adulto.

No paradigma psicológico tradicional a investigação é *sobre* crianças, tendo como objectivo estudar o seu desenvolvimento enquanto são observadas, avaliadas e julgadas.

No paradigma inerente à Sociologia da Infância, pretende-se trabalhar *com* crianças, no sentido em que o adulto tenta entrar no mundo do conhecimento da criança, tendo em mente que a sua própria compreensão e plano de acção possam ser modificados pelo processo de investigação. Ao investigar directamente com crianças, o investigador pretende compreender o conhecimento que estas possuem sobre a sua posição social, o estatuto de ser uma criança e as relações criança-adulto. Para isso, torna-se fundamental perceber o próprio entendimento e conhecimento da criança nos vários espaços estruturais nos quais vive a sua vida (doméstico, emprego, mundo, comunidade, mercado e estado).

Esta mudança de paradigma reflecte a ideia de que a criança passou a ser vista como um participante activo na construção e determinação das suas experiências, das suas vidas individuais e colectivas e, das sociedades em que vivem.

Da reconstrução de actores sociais à Intervenção comunitária: o papel do educador social

O educador social actua na realidade social que é simultaneamente histórica, pois depende do modo como a época se reflecte no contexto, contingente pois varia consoante os valores, conflitos e problemas específicos das gentes, e também imprevisível pois não obedece a concepções e modelos rígidos e finalizados.

Nesta pós-modernidade, o educador social, sustentado no paradigma sóciocrítico, tem como desafio lutar contra a desintegração social das comunidades, socorrendo-se de estratégias e de *modos operandis* que desencadeiem e estimulem a participação e envolvimento da comunidade (investigador colectivo) em processos de tomada de decisão, face às adversidades existentes nos meios físicos, sociais, culturais e históricos. As turbulências e desequilíbrios sociais, que têm tendência a agudizarem-se nesta era da globalização e de crise de identidades, exigem que a postura do educador social seja uma de vigilância crítica da realidade social, através de um conexão crítica entre a reflexão e a acção. A opção pela investigação-acção participativa exige ao educador social uma postura reflexiva e de constante re-caracterização. O conhecimento científico, resultado de uma investigação-acção participativa, é uma construção conjunta e dialógica, ou seja, é todo ele social fruto das interacções e dos diálogos estabelecidos

entre os vários actores sociais envolvidos no processo. O próprio educador estabelece uma relação dialógica com a comunidade com a qual actua.

Num projecto no âmbito da Educação Social, que é ao mesmo tempo científico e social, irão coexistir produção de conhecimento, aprendizagem e processos de empoderamento. O grande objectivo de um projecto ao nível da Educação Social passa pelo desenvolvimento do processo de mudança social, no qual as pessoas sejam vistas como sujeitos com conhecimentos, cujas vidas e mundos culturais e sociais são o ponto de partida para o processo de investigação.

CAPÍTULO III

DO CONTEXTO E DAS OPÇÕES METODOLÓGICAS AO DESENHO DO PROJECTO

Introdução

Nesta parte do nosso trabalho pretendemos dar conta do Projecto que desenhamos como ponto de partida e como horizonte de possibilidade de mudança social, fundamentado no conhecimento que fomos adquirindo do contexto social local e dos recursos teóricos que explorámos na procura de aprofundar a compreensão da realidade de inserção social das crianças e jovens no Bairro do Pombal.

Embora o Projecto seja aqui apresentado como proposta de concretização de objectivos gerais e específicos e da realização de acções previamente calendarizadas, o seu desenvolvimento decorreu como processo emergente das interacções com e entre as crianças, orientado por objectivos de mudança social, a conseguir pela reconstrução da narrativa dos actores sociais participantes sobre a realidade vivida no contexto do bairro, como recurso experiencial mobilizável na apresentação (e reconstrução) de si mesmos, nas e para além das suas relações de pertença comunitária.

Numa sociedade que constitui a eficácia e a produtividade como valores estruturantes das relações sociais, parece-nos necessário desenvolver iniciativas que tenham como metas o fomento dos valores pessoais e sociais, no sentido de um maior e melhor desenvolvimento do indivíduo e da própria sociedade. Este é, aliás, o intuito deste projecto de natureza social e comunitária em que a intervenção sendo embora feita por actores sociais para outros actores sociais, todos são reconhecidos como actores sobre um mesmo “palco”.

Ao adoptar a perspectiva da Educação Social coube-nos reconhecer as características e interesses da população e as dinâmicas da comunidade, no sentido de adaptarmos estratégias e procedimentos na interacção com os outros actores sociais e assim aproveitar e desenvolver o potencial existente. Com a planificação de acções significativas procurámos criar condições de interacção positiva com os actores locais de quem dependia a criação de condições necessárias para as várias acções a desenvolver. Para alcançar as mudanças no âmbito do Desenvolvimento Comunitário, implicámo-nos sim em acções concretas com um grupo de crianças, na procura de melhorar a sua condição social como actores sociais e como parceiros na exploração de caminhos e possibilidades de construção de um novo conhecimento e transformação da realidade através do processo de investigação-acção participativa.

A construção do Projecto

A construção do Projecto como horizonte de possibilidade

O horizonte de possibilidade sobre o qual construímos o nosso Projecto, é a mudança social e o desenvolvimento comunitário, a promover através da conscientização do papel das crianças do Bairro do Pombal, enquanto actores sociais participativos e da sua capacitação, através do empoderamento e resiliência que advém dos processos de tomada de decisão, num contexto social desfavorável.

Pensamos que este objectivo geral pode ser alcançado através da concretização de acções que garantam como condições desejáveis (i) o fomento do direito à participação das crianças (ii) a valorização positiva dos seus contextos de vida; (iii) a apropriação, por elas, de contextos mais alargados (iv) a acção comunicativa do grupo em contextos informais (v) a criação de momentos de discussão, de debate e de reflexão a partir das suas perspectivas (vi) o desenvolvimento de processos de tomadas de decisão que tornem viável e visível a sua autonomia e responsabilização como grupo (vii) o diálogo, interacção e cooperação com outros grupos de crianças com diferentes referenciais culturais, como ponto de partida para a aprendizagem intercultural.

Para garantir estas condições desejáveis e assim atingir o objectivo geral a que nos propusemos, planeámos um conjunto de acções que apresentamos de seguida; acções que foram concebidas como contexto e pretexto de participação das crianças.

A Acção construída como percurso de apropriação de recursos

O mapa das acções previstas e que serão abaixo descritas como contínuum, foram pensadas, desenvolvidas e continuamente avaliadas como pretexto e contexto para a acção comunicativa com e entre as crianças do grupo e entre estas e o exterior. A nossa preocupação foi garantir condições de sustentabilidade de um processo contínuo de escuta das crianças, em que a sua perspectiva sobre a realidade possa ganhar audiência e visibilidade social, constituindo assim um novo espaço que qualificamos como de “cidadania residual” dentro do seu quotidiano estruturado pelo tempo da família e da escola, no desempenho do seu papel de filho/a e aluno/a e como membro da Comunidade.

Acções
1.Descrição: Conversas com as crianças sobre os Direitos das Crianças e sobre o projecto

a desenvolver.

Apresentação do investigador, esclarecimento das características do processo de investigação-acção, informação sobre a temática dos direitos de participação das crianças.

2.Descrição: Construção por parte das crianças de um mapa do bairro colectivo, em papel de cenário.

Proposta: *O nosso mapa do bairro!*

3.Descrição: Saída para o exterior (ruas do bairro) para observação através de registo fotográfico.

Proposta: *As nossas fotos do nosso bairro!*

Cada criança munida de uma máquina fotográfica descartável irá tirar fotografias ao que considera importante para se apresentar ao outro. Poderá também recorrer a imagens extraídas de revistas e de jornais.

4.Descrição: Tratamento e análise do material recolhido

Descrição interpretativa das fotografias obtidas através das opiniões e comentários das crianças.

5.Descrição: Construção de portefólios individuais de auto-apresentação.

Para a construção do portefólio as crianças vão seleccionar fotografias em função do nº de cartazes que pretendem incluir no seu portefólio. Depois de seleccionarem as fotografias vão proceder à sua legendagem através dos seus comentários e opiniões.

6.Descrição: Construção dos cartazes de apresentação do grupo.

A partir de cada portefólio individual, procede-se à construção colectiva dos cartazes de apresentação do grupo.

7. Descrição: Construção de duas cartas/emails de apresentação para enviar ao grupo de crianças do Bairro do Talude e do Prior Velho

Nestas cartas o grupo apresenta-se e faz o convite aos dois grupos para um encontro no bairro de Pombal.

8. Descrição: Construção de um filme de apresentação do grupo e do bairro pelo grupo.

As crianças saem pelas ruas do bairro e na presença do animador/investigador filmam os diversos locais que consideram pertinentes aparecerem no filme e os seus testemunhos e as suas interacções

9. Descrição: Selecção dos conteúdos filmados que o grupo deseja que façam parte do filme.

As crianças visualizam as imagens no computador através do windows movie player e escolhem os conteúdos usando intervalos de tempo sequenciais.

10. Descrição: Compilação dos conteúdos filmados em função das escolhas prévias na acção anterior.

O investigador encadeia os conteúdos escolhidos numa sequência temporal usando o software do windows movie maker.

11. Descrição: Preparação para o encontro, no bairro do Pombal, dos grupos do Pombal, do Talude e do Prior Velho.

Preparação do espaço da sede, afixação dos produtos comunicacionais físicos e simbólicos, construídos durante os encontros do projecto, nas paredes da sede.

Discussão do percurso a fazer com os grupos pelo bairro, tendo como guia o grupo do Pombal.

Visualização da versão final do filme.

12. Descrição: Recepção aos grupos do Talude e do Prior Velho.

Realização de dinâmica de apresentação ao outro pelos três grupos.

Visualização em conjunto do filme do grupo do Pombal.

Visita guiada ao Bairro, tendo como guia o grupo do Pombal.

Lanche partilhado trazido pelo grupo do Talude.

Apresentação dos cartazes do Talude e do Prior Velho.

Votação pelos grupos para eleger o local do segundo encontro.

13. Descrição: Retrospectiva do encontro dos três grupos no bairro de Pombal.

Documentação escrita das memórias do encontro e avaliação do mesmo por parte das crianças.

14. Descrição: Construção de um documento em suporte digital constituído pelas fotografias tiradas durante o desenrolar do projecto.

Este documento contém as fotografias dos momentos mais relevantes de todo o processo de investigação realizado.

15. Descrição: Entrevistas individuais ou a pares realizadas às crianças do grupo.

Usando como base o documento criado na acção anterior realizam-se entrevistas abertas às crianças, partilhando com elas os conteúdos do documento, no sentido de possibilitar a reapropriação simbólica de todo o processo gerado.

Registo áudio de toda a entrevista.

16. Descrição: Criação de um DVD com o filme realizado pelo grupo e com o documento digital completo, após as entrevistas.

Transcrição das entrevistas.

Completar o documento digital com os comentários das crianças, adequados aos conteúdos apresentados, provenientes das transcrições das entrevistas.

17. Descrição: Devolução ao grupo do DVD criado na sessão anterior.

Apresentação ao grupo do conteúdo final do documento digital para funcionar como memória colectiva de todo o processo gerado.

18.Descrição: Segundo encontro entre os três grupos de crianças no Bairro do Talude

Encontro realizado no local escolhido pelas crianças dos três grupos, aquando da votação realizada no encontro no Bairro de Pombal.

Almoço na AMRT, no bairro do Talude.

Visita guiado ao bairro do Talude, tendo como guia o grupo do Talude

Os recursos mobilizados e apropriados no desenvolvimento do Projecto partiram fundamentalmente do próprio grupo das crianças e do investigador, das suas experiências e memórias e do espaço sede.

O grupo de crianças e o investigador foram os actores sociais que protagonizaram a acção, de natureza essencialmente comunicativa e em contexto de grupo que, na fase final, foi reconstruída na interacção com outros sujeitos: os animadores dos grupos do Talude e do Prior Velho e membros da Pombal XXI e da comunidade.

Podemos, também, observar na lista das acções que os materiais mobilizados constituem basicamente em instrumentos e suportes para a expressão do vivido pelas crianças individual ou colectivamente e para a produção de documentos que serviram de suporte da memória do vivido e do que foi sendo construído como auto-apresentação do grupo, como outro, como sujeito colectivo portador e autor de uma nova identidade.

Embora na fase inicial os recursos tivessem sido construídos pelo investigador, designadamente as caixas de cartão com mensagens escritas sobre os direitos de participação das crianças e sobre os propósitos do projecto, o restante material constou de: folhas de papel A4, papel de cenário; material de expressão gráfica e plástica bastante simples, tais como as canetas, os lápis de cor, os marcadores e instrumentos de construção de novos materiais como por exemplo a tesoura e cola, bem como de material de registo áudio e visual tal como a máquina fotográfica digital, máquinas fotográficas descartáveis, câmara de filmar, máquina de filmar digital, o gravador de áudio e auscultadores, gravador áudio do computador. Foram também utilizadas capas para organizar material diverso para a elaboração do portefólio. De notar também a frequência do recurso ao computador e num dos casos à internet.

Apesar de todas as limitações do espaço, justificadas em parte pela sua abertura e multiplicidade das suas funções para a comunidade a sede da Associação pôde ser apropriada pelo grupo como o seu espaço sede. No entanto houve momentos em que a acção do grupo estendeu-se ao espaço exterior, à rua e a locais diversos do bairro, mas também à casa das crianças. Num último momento, o espaço do Fun Center e da Associação de Moradores de outro bairro são também listados como recursos do projecto, por serem também estes entendidos não como simples cenários, mas como contextos da acção comunicativa, materializada como memória e conteúdo da narrativa identitária do grupo, como actores sociais e membros da comunidade residente no Bairro do Pombal.

Um dos recursos “invisíveis” neste mapa das acções concertas que materializam o projecto, como percurso de construção de actores e narrativas com e pelas crianças, são as parcerias que deram suporte de retaguarda e legitimidade a este processo. Referimo-nos a Associação de Moradores dos Bairros de Pombal e Bento Jesus Caraça) os ATLS da Escola Básica José Dionísio Matias e da Escola Básica e Integrada Joaquim de Barros, o GRAAL, a AMRT (Associação Melhoramentos e Recreativo do Talude), o ACIDI (Alto Comissariado para a Imigração e para o Diálogo Intercultural).

Compromissos possíveis entre o papel de Investigador e Animador

Como atrás referimos as várias intervenções/acções empreendidas neste projecto-processo adoptaram a metodologia de investigação-acção participativa e socorreram-se de técnicas participativas oriundas da Animação Sóciocultural, tendo em vista a melhoria das práticas sociais. Melhoria aqui definida em termos de aumento da capacidade e recursos de decisão e de mudança pelas pessoas e dos grupos com os quais se trabalha no seu próprio contexto através da auto-reflexão das suas práticas. Esta reflexão surge assim como garantia da possibilidade de reajustamento das estratégias de acção, em função das necessidades e problemas que se vão sentido no curso da investigação/acção/intervenção.

No desempenho deste papel de investigador-actor procurámos fomentar junto do grupo e de cada elemento “o sentido de si” e o “sentido de alteridade” através de situações por vezes imprevistas que estimulassem a exploração do meio circundante e servissem como oportunidade de valorização dos pontos de vista dos próprios sujeitos. Procurámos também promover relações interpessoais de cooperação entre as crianças,

motivando-as para o conhecimento do outro e dos outros grupos de crianças com que pudessem alargar a sua rede social fora das fronteiras do bairro.

Este processo exigente de criatividade no aproveitamento das circunstâncias e características de cada encontro, como contextos de interacção intra-grupais e inter - grupais constituíram a nossa principal ferramenta, na construção de possibilidades de um diálogo baseado realmente na escuta activa de opiniões, no conflito de interesses e pontos de vista emergentes na busca e construção de soluções partilhadas. Estas foram aliás características de um papel aprendido também em parceria com outros actores participantes neste Projecto¹⁶.

¹⁶ Ideias e conceitos provenientes do dispositivo pedagógico “ Sai do Bairro -primeiros passos no sentido da inclusão“ (pág. 17 e 18) desenvolvido pelo Graal, pela AMRT (Associação Melhoramentos e Recreativo do Talude) no âmbito de uma “Iniciativa Comunitária EQUAL”

CAPÍTULO IV

O PERCURSO DE CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA

Introdução

A Calendarização inicial do Projecto previa a realização de sessões bi-semanais entre os meses de Janeiro a Junho de 2009 em horários a combinar com as crianças, num percurso construído em três fases. Uma primeira que teria a duração de dois meses, consistiria no trabalho exploratório, na reconstrução da problemática proposta para o estudo com os dados do contexto e na constituição e observação do grupo de crianças. A segunda fase estava prevista como momento de construção dos *produtos comunicacionais* simbólicos, físicos e de análise dos mesmos a partir da escuta das crianças e da interpretação dos registos construídos através da observação e de conversas com as crianças. Depois desta fase, que teria a duração de três meses, entraríamos na fase final em que previmos o alargamento do âmbito da comunicação a outros grupos; comunicação que seria motivada e mediada pela proposta de intercâmbio dos produtos comunicacionais criados para a apresentação de si mesmos, em encontros a realizar dentro e fora do Bairro de residência das Crianças dos grupos.

Nesta parte do nosso trabalho faremos o relato deste processo iniciado com a entrada no terreno de investigação.

Da entrada no terreno à narrativa social

A entrada no terreno

A ideia de desenvolver um projecto de investigação-acção participativa com crianças do Bairro de Pombal surgiu de uma confluência de factores, aprendizagens, contextos, percursos e experiências de vida.

Ao longo de uma linha temporal posso constatar a importância dos conhecimentos adquiridos ao longo do primeiro ano de Mestrado em “Educação Social e Intervenção Comunitária”, nomeadamente as contribuições teóricas e práticas da disciplina de “Infância, Educação e Participação.

Outra experiência importante de referir, no contexto das aulas de seminário, foi a oportunidade de assistir à apresentação do “SAI DO BAIRRO”, um dispositivo pedagógico de inclusão desenvolvido ao longo do projecto “Vamos Utopiar”.

Paralelamente, no mesmo período, decorrente da minha actividade profissional como Psicólogo, na Bela Vista-Centro de Educação Integrada, estávamos a elaborar uma candidatura de um projecto de intervenção social no âmbito da igualdade de género. Isto fez-me pensar que poderia elaborar um projecto de mestrado na temática do género.

Com a conclusão do ano lectivo e mudança de residência para Paço de Arcos, as ideias, pensamentos e conhecimentos construídos anteriormente ficaram em moratória.

A meados de Setembro de 2008, já a residir em Paço de Arcos, comecei a procurar novo emprego. Esta procura levou-me até ao gabinete de acção social da junta de freguesia de Oeiras e de São Julião da Barra. Aqui travei conhecimento com a responsável pela acção social da freguesia, a quem falei dos meus interesses ao nível da realização do Projecto de mestrado.

Este contacto levou-me até ao presidente da Associação de Moradores dos bairros de Pombal e de Bento Jesus Caraça. Marcámos um encontro, no qual tive oportunidade de visitar, pela primeira vez, o Bairro do Pombal e propor-lhe a realização do trabalho de campo do Projecto.

Enquanto esperava por uma resposta, voltei-me a relançar nas considerações teóricas e metodológicas ao nível da realização e construção do projecto.

Reflecti que o importante seria edificar um projecto de investigação no qual as crianças tivessem, desde o início, um papel de actores sociais participantes, escolhendo as temáticas e assuntos significativos dentro dos seus mundos sociais e culturais, as quais seriam exploradas, por elas, através de metodologias participativas.

A resposta por parte do presidente da Associação de Moradores foi positiva.

Segundo ele, o principal problema da comunidade do bairro do Pombal reside no facto das pessoas que lá vivem, incluindo as crianças com as quais eu poderia desenvolver o projecto, não valorizarem o seu próprio bairro. Ele considera, também, que o bairro do Pombal, apesar de ser categorizado como bairro social, revela um conjunto de características e aspectos positivos. As principais características positivas realçadas, por ele, foram:

- A localização geográfica do bairro. O Bairro do Pombal estar situado na entrada norte de Oeiras, junto à estrada de Oeiras na direcção de Porto Salvo, à distância de cerca de 2,5km do centro histórico de Oeiras. Ou seja, este bairro não se encontrar está geograficamente isolado.
- As torres habitacionais não ultrapassarem, em altura, os cinco andares e a existência de espaços verdes, passeios largos e um parque infantil.
- A existência da Associação de Moradores que promove várias iniciativas a nível social e recreativo com os habitantes do bairro, e que actua como mediadora entre os habitantes do bairro e a Câmara Municipal.

Finalmente no dia 5 de Dezembro de 2008 fui conhecer as crianças que estavam nos treinos de futebol, num campo próximo do bairro. No final do treino, apresentei-me a todo o grupo e falei-lhes dos meus propósitos em relação ao projecto de investigação que pretendia desenvolver em conjunto com a participação deles.

As crianças mais velhas entre os 13 e os 15 anos de idade mostraram desde logo desinteresse em participar no projecto, ficando apenas um grupo de 10 crianças entre os 8 e os 12 anos de idade. No entanto, só metade do grupo é que se mostrou mais interessado, enquanto eu lhes falava dos meus propósitos. Marcámos novo encontro.

No dia 11 de Dezembro, reunimos no final do treino e pude constatar que algumas das crianças que tinham estado no 1º encontro não se encontravam lá, enquanto outras novas tinham aparecido. Voltei a explicar todo o processo e aproveitei para pedir às crianças com quem já tinha estado na primeira vez, para explicarem às restantes o que tinham percebido aquando da primeira conversa. Apenas duas ou três crianças fizeram referência a alguns aspectos referentes ao projecto de investigação. Voltámos a combinar encontrar-nos na semana seguinte, mas desta vez na sede da Associação de Moradores.

Achei que seria importante reunir fora do contexto do treino de futebol, de forma a diferenciar o espaço de intervenção e também porque, tendo já reflectido nos primeiros encontros, considerei que o contexto do treino de futebol era desfavorável para a compreensão por parte das crianças em relação às minhas intenções.

O 3º encontro ficou marcado para o dia 17 de Dezembro. Encontrei-me com as crianças nessa data mas não na sede como havia sido combinado, uma vez que esta estava a ser ocupada com material para as actividades de Natal a serem realizadas pela Associação de Moradores. Reunimos, mais uma vez, no final do treino de futebol. No final do encontro, as dez crianças presentes assinaram os seus nomes numa folha A4, sendo este o primeiro registo físico do projecto.

O encontro com os “Putos do Pombal” como possibilidade...

Os encontros com as crianças começaram a ter lugar na sede da Associação de Moradores, situada no “coração” do bairro do Pombal, em 7 Janeiro de 2009. Foram realizados um total de 39 encontros com as crianças. O último foi a 27 de Junho de 2009.

O grupo das crianças que começaram a frequentar os encontros era inicialmente composto por cinco Meninos, com idades entre os 8 e os 12 anos, habitantes do bairro O grupo foi ao longo do tempo sofrendo alterações em relação à sua constituição. Durante a maior parte do tempo do projecto, o grupo foi constituído por cinco crianças, o Luís, o Hélder, o Milton, o Hugo e o Bruno. Estes dois últimos meninos foram muito inconstantes na presença aos encontros.

A partir do 24º encontro, entrou para o grupo a Eliana. Ela é a mais nova e tem 6 anos de idade. No 34º encontro, apareceu a uma outra menina, a Juliana.

O nome do grupo foi discutido no nono encontro (28/01/09). As crianças presentes colocaram várias hipóteses, desde “Tropa do Bairro do Pombal (TBP), Putos do Bairro do Pombal (PBP) e Projecto As Crianças. Não chegaram a um acordo concreto. No 12º encontro (11/02/09), o Luís decidiu escrever na lombada da capa (dossiê) do projecto, o nome do grupo, PDP-Putos do Pombal.

Daí para a frente este passou a ser o nome do grupo, sendo adoptado por todas as crianças presentes nos encontros.

Os produtos comunicacionais como mediação e reinvenção do possível

As actividades realizadas nos encontros com e pelas crianças tiveram por base a construção de produtos comunicacionais, nos quais as crianças dão a conhecer as suas visões dos seus mundos sociais e culturais, tendo por objectivo apresentarem-se a outros grupos de crianças provenientes de outros contextos diferentes dos seus.

Nestes processos as crianças são os protagonistas da acção e os seus contextos de vida são valorizados positivamente, procurando-se estabelecer um sentido de alteridade. Nestas interacções as crianças são apoiadas por mim, como animador.

Os produtos comunicacionais construídos e os processos gerados pelo grupo dos PDP dotados de uma dimensão física e ao mesmo tempo simbólica inerente, foram, numa sequência temporal, os seguintes:

- 1- O mapa do bairro feito em papel de cenário.

- 2- O dossiê do grupo.
- 3- Os cartazes individuais de auto-apresentação.
- 4- O cartaz dos direitos e deveres.
- 5- Os cartazes de auto-apresentação do grupo dos PDP.
- 6- Os emails enviados aos outros grupos de crianças.
- 7- O filme dos PDP.
- 8- A recepção, no bairro do Pombal, dos grupos de crianças do Talude e do Prior Velho pelo grupo dos PDP.
- 9- O “cartaz dos amiguinhos” no qual as crianças dos PDP registaram a memória colectiva do encontro com os dois grupos de crianças.
- 10- As entrevistas realizadas individualmente, excepto uma feita com duas crianças, usando como base um documento digital criado pelo animador com as fotos tiradas durante os encontros do projecto, partilhando com as crianças os conteúdos do documento, no sentido de possibilitar a reapropriação simbólica de todo o processo gerado.
- 11- Apresentação ao grupo do conteúdo final do documento digital para funcionar como memória colectiva de todo o processo gerado. O formato do documento foi de um DVD constituído pelo filme dos PDP e pela apresentação em powerpoint com as fotografias complementadas com os comentários e opiniões das crianças emitidas nas entrevistas.
- 12- O segundo encontro entre os PDP e os grupos do Talude e do Prior Velho, no Bairro do Talude.

O exercício dos direitos de participação como desafio partilhado

Inicialmente parti para o trabalho de campo tendo como problematização a questão dos direitos de participação das crianças inseridas num contexto socialmente desfavorável, caracterizado por um nível profundo de exclusão social. No entanto, e à medida que o processo de investigação foi se desenvolvendo e construindo, fui-me apercebendo das dificuldades em gerar contextos de interacção positivos com o grupo das crianças, tendo o processo de constituição de sujeitos em actores sociais participantes sido bastante moroso e complicado.

A comunicação com as crianças e entre elas foi, muitas vezes, de ordem fragmentada o que se transformou num obstáculo para o desenvolvimento de uma verdadeira acção comunicativa capaz de transformar o indivíduo em sujeito social

dialógico. De um ponto de vista Habermasiano e Freiriano poder-se ia dizer que existiram no processo obstáculos, lacunas e algumas insuficiências, para que através da racionalidade comunicativa, a competência cognitiva dos actores sociais envolvidos evoluísse de forma positiva, permitindo um ressignificação do discurso produzido, no sentido de se atingir uma consciência crítica dos sujeitos (conscientização)¹⁷.

No entanto, todos os processos desenvolvidos e produtos comunicacionais construídos pelos PDP, pretendiam constituir uma plataforma comunicacional, na qual os direitos de participação das crianças fossem, de certo modo, garantidos. Nesse sentido, surge o exercício dos direitos de participação como um desafio partilhado pelos vários actores sociais envolvidos nos processos, desde a entrada no terreno até ao encerramento da investigação.

A primeira fase do projecto esteve directamente relacionada com o estabelecimento de contacto com a Associação de Moradores; com o processo de entrada no bairro, nomeadamente, os contactos estabelecidos com um grupo natural de crianças, já com as suas hierarquias definidas e relações interpessoais já formadas e com o convite às crianças para participarem na investigação.

A segunda fase prendeu-se com o estabelecimento de um relação interpessoal positiva com o grupo de crianças e a construção dos vários produtos comunicacionais, no sentido da constituição de sujeitos em actores sociais participantes. Esta fase poderia ser retratada como a construção conjunta de uma nova narrativa social, que teve como propósito constituir novas memórias colectivas e suprimir a condição de oprimidos dos sujeitos envolvidos. As ferramentas usadas foram forjadas através do diálogo e da busca pela participação.

A terceira e última fase do projecto, surgiu no sentido de encerrar a narrativa social construída e de devolver às crianças o processo de investigação como um todo, procurando uma ressignificação do discurso criado por parte das crianças ao longo de todo o processo.

¹⁷ *“Tecendo os fios da sociedade: reforçando os nós da interação Freire-Habermas”* por Edna G. de G Brennand, retirado de fonte de internet 9 remetida para a bibliografia.

CAPÍTULO V

A RESSIGNIFICAÇÃO DA NARRATIVA COMO PERCURSO HISTÓRICO-SOCIAL

Introdução

Nesta última parte do trabalho pretendemos revisitar e interpretar os dados gerados no processo descrito no capítulo anterior, e que foi vivenciado com as crianças, enquanto actores participantes no processo de investigação-acção participativa. Iremos fazê-lo retomando a referência ao contexto social e ao contexto teórico, que justificaram esta investigação -intervenção social, no sentido de confrontarmos o conhecimento social que pudemos construir em 39 encontros com os Meninos e Meninas do Bairro do Pombal

Como apoio à esta tarefa, em que ressignificaremos o percurso de intervenção como processo de investigação-acção, nos apropriaremos do conteúdo das notas de campo (em anexo) que construímos a partir de cada encontro com as crianças e com cada uma delas. Quando retomamos as notas constatamos que algumas são puramente descritivas, enquanto outras contêm interpretações das observações com os contributos teóricos e conceptuais com que procuramos compreender as diferentes temáticas. Neste texto, algumas das notas de campo serão usadas parcialmente e intercaladas com considerações e justificações de índole teórica.

A interpretação dos dados gerados teve a seguinte orientação (i) escolha dos encontros que, sob um ponto de vista inter-subjectivo considerámos mais relevantes, ou mais ricos em conteúdo para análise e reflexão crítica (ii) agrupamento dos mesmos em sub - capítulos, tendo por referência uma problemática específica (iii) recontextualização teórica e apropriação reflexiva das notas de campo (que constam do anexo)

A Construção de um percurso entre “pontes” e barreiras no encontro com as Crianças

A Sociologia da Infância, a emergência do Paradigma Sócio - crítico, e a própria metodologia de Investigação - Acção Participativa exigem o acolhimento dos pontos de vista dos diversos inter-locutores que constituem o espaço social e cultural, como garantia da possibilidade de desenvolvimento da inter-subjectividade. Neste sentido, desde que me apresentei pessoalmente, apresentei o projecto e formulei o convite às crianças, procurei criar condições que permitissem a expressão e partilha das opiniões e pontos de vista de cada um e de todos com o intuito de minimizar as *“diferenças sociais, culturais, económicas que desenham a relação de poder”*, possibilitando *“uma mediação entre as lógicas simbólicas presentes.”* (Santos, 2004)

Partindo do pressuposto de que um animador/investigador deverá, desde o princípio investir na horizontalidade de relações com os participantes, para atenuar a assimetria da relação de poder inerente à prática de investigação social investi na comunicação imediata com as crianças, através de mensagens que eu esperava que pudessem definir a priori a relação de investigação que gostaria que nos tornasse parceiros de um processo de descoberta da possibilidade de transformação social.

Preparei uma apresentação do projecto usando cubos feitos de papelão e um convite manuscrito, no qual quisemos tornar claro que a investigação (i) teria características lúdicas e apelativas aos universos das crianças (ii) se diferenciaria das actividades escolares (iii) assumiria características da animação sócio – cultural enquanto prática de educação informal. Quisemos enfim deixar claro que a nossa actividade seria de animação que conforme aqui se sugere “ *significa, desde logo, que está liberto dos constrangimentos legais de outras formas de educação* ” (Lima, 2003 p. 146).

O que nos apercebemos foi que estávamos a iniciar um percurso conjunto de exploração de pontes e de superação mais ou menos bem sucedida, através da reconstrução permanente dos papéis de animador e investigador num campo marcado pela pobreza e pela precariedade de horizontes de possibilidade de acção para a realização de aspirações concorrentes e ausentes no presente e no contexto social imediatos.

Nós diante Delas: a proposta de encontro e participação através do diálogo

Durante os primeiros encontros, as crianças presentes foram variando. Conforme registado nas notas de campo do 3º, 4º e 5º encontros, a relação com as crianças só começou a ganhar a consistência a partir da 4ª sessão. Apenas duas crianças do grupo que aderiu inicialmente participaram em todo o percurso de investigação. As restantes participaram apenas em algumas das actividades e momentos pontuais de aprendizagem. Como já foi referido, três outras crianças, em momentos diferentes, vieram juntar-se ao grupo, que se auto designou como PDP (Putos do Pombal).

A primeira proposta de actividade, que foi aceite com grande entusiasmo pelo grupo, foi construção de um mapa do bairro, em papel de cenário. Além do entusiasmo, motivação, empenho e participação das crianças, esta actividade desencadeou uma série de diálogos informais no grupo.

Foi nossa preocupação desde este primeiro momento, evitar que as crianças sentissem a sua participação como “manipulação” ou “decoração” de qualquer processo de que seríamos o protagonista. Tínhamos muito presente a tipologia de Hart, que Trilla e Novella (2001)¹⁸ invocam para criticar esta atitude bastante frequente dos adultos em relação às crianças. Queríamos escapar aos três primeiros níveis, aos níveis mais baixos de participação infantil da escala de Hart, mas não sabemos se conseguimos que as crianças vivessem a sua própria participação como mais um simples acto de reconhecimento simbólico da sua presença, já que o projecto ainda só estava a arrancar.

Quando propusemos a actividade que identificámos como “o nosso mapa do bairro”, as crianças ainda não estavam conscientes do papel que lhes propunhamos, enquanto sujeitos individuais e colectivo, com quem pretendíamos partilhar conhecimento sobre o Bairro. Embora tivéssemos criado a oportunidade para as crianças se expressarem, acreditamos que esta oportunidade não tivesse sido experienciada por elas como possibilidade de influenciarem a realidade, relativamente a assuntos que lhes diziam respeito.

Notámos no entanto que, quando as crianças estavam envolvidas na construção do mapa do bairro e conversavam umas com as outras, havia entre elas um movimento de construção de pequenos consensos em função do que queriam representar. Elas estavam a romper com os limites de imaginação do bairro, estavam a “des-guetizar” as suas representações simbólicas e sociais do bairro.

Naquele momento tomámos consciência do papel da interacção social que estas crianças mantinham nos seus contextos e espaços de vida imediatos, na sua própria construção social e histórica como sujeitos individuais e membros do grupo. Fizemos presente o pensamento de Paulo Freire quando define a educação como um acto comunitário, em que o diálogo com os outros, mediado pelo mundo, torna-se condição necessária para a libertação de relações de opressão.

Desta perspectiva pudemos identificar na actividade de representação do bairro as propriedades de uma prática educativa dialógica; prática que Paulo Freire define como “ *um caminho fecundo para o desenvolvimento de acções que tenham como propósito quebrar o ciclo dominador da educação bancária onde examinar ou validar*

18 Publicação da Revista Ibero-Americana, nº26. Trilla, J. e Novella, Ana. (2001). *Educación y participación social de la infancia*. , através da consulta ao sítio <http://www.rieoei.org/rie26a07.html>, acedido 13/03/09

verdades compete a sujeitos individuais dotados de razão”.¹⁹ Perguntávamo-nos em que medida aquele momento inicial estaria sendo uma forma de *caminharmos para acções que privilegiam a acção de sujeitos grupais, capazes de interagir e comunicar-se*”, conforme propõe o mesmo autor.

Os (re) sentimentos vividos na interacção social (desigualitária) entre Adulto -Criança (s)

Foi no sexto encontro que senti pela primeira vez dificuldades em criar contextos de interacção positivos. Percebi que o grupo tinha dificuldade em investir na mesma actividade durante muito tempo e que os diálogos gerados e desenvolvidos em torno do mapa do bairro, tinham esgotado as suas potencialidades como contexto informal de acção comunicativa. Senti este limite como um primeiro teste à minha capacidade como animador.

A solução que encontrámos foi encaminhar a investigação noutra direcção. Lembramos naquele momento a consideração feita por Sarmiento (2005) relativamente à capacidade simbólica das crianças; como afirma o autor *“há muito se vem estabelecendo a ideia de que as crianças realizam processos de significação da acção e estabelecem modos de monitorização que são específicos e genuínos”* contrariando a visão do senso comum que vê na infância *uma idade sem “sentido das realidades”*.

Pensei que deveria criar uma ferramenta para me socorrer frente à dificuldade de gerir alguns contextos de interacção espontânea entre as crianças. Recorri ao lúdico e decidi construir uma televisão de papelão o que “funcionou” durante algum tempo oferecendo suporte à manifestação de novos interesses e às interacções entre as crianças.

Quando o desinteresse voltou, questioneei novamente os limites da minha capacidade enquanto adulto diante de adultos, dos pais e da comunidade que, como todos, exercem o direito inquestionável de avaliar, em qualquer ocasião, as acções das crianças, quaisquer elas que sejam. Tomei consciência do quanto é difícil interromper o processo de reprodução das desigualdades de poder entre adultos e crianças, em contextos de interacção onde as relações de poder justificam atitudes que estão tão profundamente enraizadas na sociedade.

19 *“Tecendo os fios da sociedade: reforçando os nós da interacção Freire-Habermas”* por Edna G. de G Brennand, retirado de fonte de internet 9 remetida para a bibliografia.

Embora a reprodução desta desigualdade das posições ou estatuto das crianças e adultos ocorra em qualquer contexto social, esta parece mais visível nas comunidades onde a exclusão e a pobreza social são maiores devido à existência de estereótipos relativos à infância. Descobri, curiosamente, na atitude de alguns actores locais que são as memórias dos adultos do Bairro relativas às suas próprias infâncias que alimentam o estereótipo de que as perspectivas e opiniões das crianças não mereciam ser levadas em conta por serem avaliadas como infantis e desajustadas.

O desafio da superação das relações de opressão interiorizadas²⁰

Durante os 39 encontros realizados com as crianças, houve alturas em que senti que as relações interpessoais entre os vários elementos estavam fragmentadas e eram pouco consistentes. Esta percepção levou-nos a reforçar o nosso empenho em sustentar processos de (inter) acção comunicativa com e entre as crianças, no contexto informal do grupo. Só aos poucos pudemos vislumbrar a possibilidade de exploração e desenvolvimento de “ espaços de cidadania residuais” à medida que as crianças se descobriam como actores sociais realmente participantes nas decisões que orientaram o processo.

O facto de estas crianças serem provenientes de um bairro onde a exclusão social é forte e o capital social é baixo, combina um conjunto de condições para que elas se reconheçam e interiorizem o estatuto de oprimidas. Estatuto que é evidenciado socialmente pelos pais e outros cuidadores destas crianças mas também pela própria escola. Embora actualmente todas as crianças passem muitas horas no contexto escolar e a escola tenha um papel indiscutível na sua educação formal, a cultura escolar desvaloriza as disposições das crianças para o desempenho do papel de actores sociais e co-construtores do conhecimento sobre a realidade. Torna-se assim bastante difícil para estas crianças libertarem-se da sua condição (imposta) de oprimidos.

Referindo-se a realidade dos rapazes de uma outra zona desfavorecida (Cova da Moura e bairros da Outurela e da Portela) Santos (2004) chama a atenção para o facto da “*construção pessoal progressiva actor social, perceptível para a criança, parece estar entre as principais carências nos rapazes*”. Segundo a autora, “ *mais do que uma ausência da figura paterna, em termos cronológicos, ou do tempo passado na rua sem*

vigilância, como é vulgar ouvir-se, parece estar em causa a ausência de um modelo de masculinidade que se constitua e cumpra as funções de “idealidade” e de interdição indispensáveis ao crescimento de qualquer sujeito.” Ainda da sua perspectiva o que parece faltar são “modelos socialmente reconhecidos, a partir dos quais eles se possam imaginar outros, acreditem e desejem ser outros, e, igualmente crucial, que possam simbolizar em actos operacionalizáveis, progressivos, e susceptíveis de se tornar marcos de crescimento, de um caminho percorrido desde a tenra idade.” (p.207, 2004).

No caso deste grupo de crianças do Pombal, a sua condição de participantes na investigação parece ter facilitado a sua auto-descoberta como actores sociais participantes, o que acreditamos que possa servir como recurso pessoal no enfrentar das dificuldades e barreiras visíveis e identificáveis atrás referidas. As estratégias de animação tiveram o objectivo de superar estas barreiras. O que constatamos foi que existem outras barreiras, menos visíveis e de difícil identificação que dificultam o processo de constituição das crianças como sujeitos, mesmo quando são investidos como actores sociais participantes. As dificuldades que enfrentámos na condução de alguns encontros com o grupo podem ser explicados pela heterogeneidade das condições e do próprio grupo durante o processo de investigação realizado.

À construção do lugar social do Adulto entre o Animador e o Investigador - Parceiro²¹

A minha postura como animador nos encontros mereceu ser reflectida quando me dei conta que as crianças me percepcionavam como professor enquanto trabalhávamos na produção de dispositivos de comunicação sobre os seus próprios direitos de participação. A sua dificuldade em separar o contexto educativo formal do contexto educativo não formal parecia decorrer do facto destas crianças gostarem de ir à escola para encontrar-se com os amigos, com quem brincam e aprendem, e para conviver com os professores.

Perguntava-me se o facto de eu estar a desempenhar funções de professor e de animador noutro contexto estaria a influenciar o desempenho do papel de investigador e animador nos encontros no Pombal. Dado que a questão não parecia resolver-se com chamadas de atenção sobre as diferenças entre os dois contextos passei a estar mais vigilante às fronteiras da minha acção em cada um dos espaços reconstruindo assim o

meu papel com as crianças, enquanto animador do processo de investigação que seria desenvolvida com elas.

Elas diante de Nós : a exigência de reconhecimento dos seus mundos de vida

Foi no 6º encontro que descobri o valor da pertença de algumas crianças à equipa de futebol. Trata-se de um aspecto simbólico importantíssimo na vida destas crianças. Penso que para além do convívio e diversão proporcionados, o contexto dos treinos do futebol representam um espaço de sociabilidade e de socialização que tornam possível que elas habitem mundos sociais e culturais próprios, construídos nas suas interacções quotidianas.

Para o grupo de crianças que frequentava o grupo, pertencer à equipa parecia ser mais importante do que a própria actividade de jogar. O pertencer à equipa parecia ser uma questão identitária, que alimentava o sentimento de uma pertença colectiva, que era reconhecido dentro da comunidade onde viviam e que actuava como mediação nas relações interpessoais entre as crianças e os jovens. Este reconhecimento estabelecia uma diferença de poder entre as próprias crianças o que, em alguns momentos gerava dificuldades na manutenção de contextos informais de interacção simétrica entre nós e as crianças e entre as próprias crianças do grupo.

Um convite; vamos construir outra memória de futuro?

Um dos aspectos curiosos era o desinteresse das crianças na documentação dos encontros. Quando faziam registos estes tinham um carácter descritivo e pouco reflexivo. Frequentemente limitavam-se a registar a sua presença com expressões como: “*eu sou o Hugo... Foi fixe ter participado nesta sessão*”; “*Eu sou o Luís e vim participar no Projecto*”; “*Hoje escolhemos as fotos*”.

Apesar do nosso incentivo para registarem as suas experiências, as crianças pareciam resistir, talvez por terem consciência das dificuldades que elas enfrentavam no uso da língua portuguesa. Pareciam sentir vergonha e preferirem não expor-se perante o grupo. Preferiam desenhar, adoptando muitas vezes uma atitude cooperativa e de entreaajuda; a crítica dos pares era menos incisiva nestas ocasiões.

O dossier do grupo era decorado com a fotografia da equipa de futebol e desenhos que na maioria eram auto-retratos. Os nomes escritos em estilo graffiti fruto dos processos de socialização no bairro. As relações comunitárias são de facto construções colectivas de horizontes de referência, dos valores e das formas de conduta.

Sarmiento (2002) chama, no entanto, a atenção para algumas implicações sociais das pertenças comunitárias fechadas, designadamente *da sua imediata conotação com práticas desviantes e /ou delinquentes*, o que constitui um entrave para *a compreensão das formas grupais de constituição das culturas infanto-juvenis*. Raramente reconhecemos que os próprios bandos de bairro *comportam formas muito criativas de expressão das culturas das crianças e jovens*, tal como a música RAP e os grafitti. Como refere o mesmo autor, os grupos informais, as festas e os festivais constituem formas de expressão destas comunidades quando são abertas e integradoras, contrastando com aquelas cujos laços comunitários são fechados e que contribuem para acentuar a exclusão social profunda.

O grupo de crianças com que desenvolvemos o nosso projecto parece construir a sua identidade e uma cultura própria na dialéctica resultante do contacto com estes dois espaços distintos de sociabilidade e de cultura.

Memórias de um presente.... com que futuro? ²²

Nas várias actividades e tarefas propostas as crianças foram convidadas a expressar as suas opiniões e ideias, através de conversas e diálogos informais, da produção de registos/“documentos” sobre as suas experiências, através da escrita, do desenho, de cartazes com fotografias dos locais filmados por elas e de entrevistas individuais. A interacção social emergente nos contextos de interacção criados deixou a descoberto dificuldades de todas em elaborar reflexões sobre a construção dos produtos comunicacionais. Só uma das crianças escrevia com facilidade mas não gostava de a demonstrar na presença dos outros membros do grupo; escrevia apenas na presença de uma ou duas crianças no máximo.

Segundo Santos (p.202, 2004) *“as crianças parecem avaliar o seu sucesso pessoal no grupo de amigos, pela afirmação e reconhecimento que aí obtêm”*. A autora refere que *“o rapaz que se constrói entre os amigos, forte, respeitado, lutador, impulsivo, territorial, não é o mesmo que o rapaz reflectido, com boa letra, que levanta a mão e espera a sua vez para falar, sossegado”*. Em relação aos rapazes a falta de valorização das aprendizagens resultantes dos processos de educação formal no espaço

da escola ocorre quando o foco colocado na relação do grupo e nas grandes actividades colectivas é simultânea.

Durante grande parte da investigação o grupo era constituído apenas por elementos do sexo masculino. Pudemos constatar também no caso do PDP que embora a escolaridade fosse um valor socialmente reconhecido pelos adultos este era sentido pelas crianças como trajectória obrigatória havendo um conflito de valores e de exigências entre o que é socialmente reconhecido pelo grupo dos amigos e o que é socialmente exigido pelos adultos, quando em causa estava o compromisso das crianças com o meio escolar. Santos (2004) explica esta constatação com o facto de *“no grupo de amigos, a vida é dimensionada essencialmente no presente, enquanto que a escola acarreta uma perspectiva permanente de preparação do futuro.”*

Reconstruir a possibilidade de diálogo: a caminho de “algures” ?²³

No 10º encontro a entrada de uma nova criança no grupo parece ter reforçado as relações interpessoais entre os seus elementos, ao gerar oportunidades de diálogo sobre alguns “produtos comunicacionais” criados pelo grupo e sobre projectos para futuros encontros.

Ao apresentarem informalmente à recém-chegada o percurso do grupo e os seus projectos, as crianças puderam reflectir sobre o seu próprio papel na construção social e histórica do processo de investigação, consolidando assim a sua memória como sujeito colectivo. A interacção social e os diálogos emergentes constituíram uma oportunidade especial de apropriação do conhecimento sobre as construções realizadas pelas crianças no âmbito do projecto, aproximando-as da compreensão dos seus mundos objectivo, social e subjectivo. Ao dialogar em torno dos produtos comunicacionais já construídos e sobre as acções futuras, cada criança participante no processo de investigação-acção viu-se envolvida em processos de constituição e expressão de uma subjectividade individual e colectiva.

Naquele momento tornou-se relevante o conhecimento que dispunhamos sobre a teoria da Acção Comunicativa de Habermas, que opõe a racionalidade hermenêutica, que procura *“resgatar os padrões comunicativos e simbólicos de interacção que tornam possível a sua apreensão, moldada nos significados individual e subjectivo, à*

23 Nota de campo 10

racionalidade comunicativa”²⁴ baseada que é no reconhecimento das intersubjectividades que diálogo se constrói e se gera.

O contexto de diálogo que se procurou criar em cada encontro foi a forma que encontrámos para que aquelas crianças, que no seu dia-a-dia são reconhecidas estritamente na sua condição de filhos e de alunos, e mais raramente na posição de pares de outras crianças, pudessem assumir o seu estatuto de cidadania, como sujeito pleno a quem são reconhecidos direitos próprios. Ao promover experiências que lhes possibilitavam exprimir as suas opiniões e pensamentos na relação com o meio que as rodeia puderam adoptar formas próprias de expressão face aos problemas e realidade com que se deparam no quotidiano.

A (re) construção de Si mesmos: a procura de um lugar de Vez e de Voz

Recordamos a recomendação de Sarmiento (2002), no sentido do *“reconhecimento dos direitos de participação das crianças na construção do espaço público e pela mobilização expressiva da sua opinião, segundo modalidades e fórmulas imaginativas e diversificadas”*.

Este foi mais um passo para orientarmos a nossa (inter) acção no sentido de propormos ao grupo o desafio de se auto-apresentarem a outros grupos de crianças, através das fotografias tiradas por eles e de cartazes a construir como forma de expressão genuína das suas ideias. Este foi também o momento em que pudemos assegurar que todas as crianças estavam conscientes dos motivos, objectivos, condições da sua participação desde as primeiras etapas do processo e dos critérios por que se orientaria a avaliação do mesmo.

Ao assegurar que as condições acima descritas estavam salvaguardadas naquele momento, sentimos que estávamos a caminho de conseguir que as crianças vivessem uma experiência significativa de protagonismo; experiência que implica a existência de três condições: a organização infantil, a participação infantil e a expressão infantil (Gaitan citado por Fernandes, 2004).

As condições que nos eram dadas para os encontros passavam somente pela disponibilidade da sede da Associação de Moradores. A estrutura física dificultava os processos de envolvimento e a actividade das crianças face ao improvisado na estruturação do espaço físico por exemplo, o que reproduzia a experiência de desestruturação e de

24 *“Tecendo os fios da sociedade: reforçando os nós da interação Freire-Habermas”* por Edna G. de G Brennand, retirado de fonte de internet 9 remetida para a bibliografia.

pobreza vivida nas ruas do bairro. Estas condições concorriam directamente com os processos de participação e de acção comunicativa que se pretendiam desenvolver, dificultando a interacção informal entre as crianças e entre nós e elas.

A construção de espaços de inter-subjectividade e de valorização da linguagem²⁵

A construção de um sujeito colectivo, ou antes de uma identidade própria do grupo foi e passou a ser uma preocupação nossa e motivo de investimento contínuo na geração de contextos e processos de (inter)acção comunicativa. Com a animação de conversas em contextos de comunicação informais pretendíamos que as crianças o reconhecessem como espaço de cidadania residual. Vimos também na mobilização do grupo em torno da construção de materiais de auto-apresentação de si mesmos e do Bairro, através da construção colectiva de “produtos comunicacionais”, a possibilidade das crianças experienciarem esta identidade através da apropriação colectiva de materiais comuns, de desenvolverem relações de cooperação, de tomarem decisões, e dialogar com um outro posicionamento, face aos adultos, afirmando-se assim como grupo geracional.

No curso do projecto procurámos aprofundar estas relações de alteridade e de empoderamento do grupo como “relação dialógica”, Gustavsen (p. 176, citado por Lima, 2003) caracteriza como uma relação em que todos os participantes podem participar em condições de igualdade reconhecida em termos de estatuto e de validade da sua experiência; relação esta que promove a ajuda mútua na compreensão do que está em causa em dada situação-problema e na qual todos os sujeitos são convidados a participar de forma activa e a aceitar argumentos que possam ser melhores do que os seus. Trata-se de uma relação que toma como ponto de partida a experiência e o cruzamento não unidireccional da comunicação, no sentido de integrar progressivamente as divergências e accionar plataformas orientadas para a acção conjunta.

Em todo o processo a linguagem assumiu um papel primordial enquanto *instrumento mediador que possibilita uma construção mais elaborada do pensamento e da interpretação que cada uma das partes consegue durante o diálogo encetado* conforme defendeu Vigotsky. O papel da linguagem é também valorizada por Lima

(2003) para quem “as palavras e expressões seleccionadas e as formas como as organizamos para nos exprimirmos configuram a nossa visão das coisas e do nosso modo de nos relacionarmos com elas”.

A brincadeira como meio de acesso e como barreira ao diálogo e participação²⁶

Como atrás referimos a sede estava ocupada com outras actividades da Associação o que impossibilitou muitas vezes a entrada do grupo para se dedicar ao projecto à hora marcada. As crianças ficavam então a brincar livremente na rua e quando era autorizada a sua entrada na sede continuavam a brincadeira, resistindo aos estímulos e estratégias com que pretendíamos propor processos orientados de interacção social. Embora a brincadeira parecesse ser mais apetecível e desejável pelas crianças do que a própria experiência de participação no projecto, sentimos algumas vezes que esta era uma forma das crianças reclamarem um direito negado no quotidiano.

Entre as brincadeiras mais observadas estava o jogo dramático sobre as profissões, sobre as aspirações futuras e sobre a propriedade e uso de determinados bens.

Percebi inicialmente que as crianças tendiam a brincar como se estivessem sozinhas. Apesar de estarem próximas umas das outras e de estarem a partilhar o mesmo espaço cada uma construía o seu contexto de acção e as suas personagens. As interacções entre as crianças aconteciam a partir das trocas de personagens e de produtos comunicacionais estabelecidas por iniciativa das próprias crianças. Os legos eram os brinquedos que a nosso ver permitiam a cada uma brincar livremente e de forma mais estruturada.

Muitas vezes senti que havia conflito entre o meu interesse como investigador e os interesses das crianças em brincar, pelo que no 24º encontro decidimos que haveria sempre um tempo inicial em sala, de 10 a 15 minutos dedicado à brincadeira livre. Decidimos o mesmo relativamente ao uso dos computadores que estavam ligados à internet que durante algum tempo desestabilizou a participação das crianças nas actividades realizadas no interior da sede. Tanto a brincadeira quanto o uso dos

computadores implicavam uma satisfação mais imediata do que as actividades mais prolongadas para as quais solicitávamos a sua participação sem a contrapartida do esforço. Descobrimos também que para as crianças, jogar bem no computador era socialmente reconhecido e valorizado entre pares, o que contribuía para a sua auto-estima.

A fotografia como olhar para fora a partir de dentro – do grupo²⁷

Uma das actividades para a qual desafiámos as crianças do grupo foi fotografarem o bairro para construirmos um cartaz colectivo. As crianças usaram máquinas descartáveis para este efeito e as fotografias trazidas por cada uma foram objecto de selecção pelo grupo.

A escolha das fotografias foi feita pelas crianças. Pudemos observar as estratégias experimentadas por elas para gerarem consensos e tomarem decisões. Começaram por explorar e conversar sobre o conteúdo das fotografias disponíveis, discutindo a relevância de cada imagem. Depois da primeira selecção adoptaram o sistema de votação democrática; cada fotografia era exibida por uma das crianças para votação. As poucas trocas das fotografias que foram votadas ocorreram pela apresentação de argumentos que foram aceites pelo grupo.

Depois de seleccionadas pelo grupo as fotografias constituíram um bom “mote” de diálogo informal entre elas e nós. Puderam falar mais abertamente (i) sobre a escola: as salas de aulas que têm ou que vão ter quadros interactivos e os resultados das provas de aferição e dos testes (ii) sobre o bairro, em especial a garagem onde se enchem as bolas de futebol e os pneus da bicicleta; o parque infantil, o campo de futebol e as ruas representados como espaços de brincar; a creche e os prédios novos que fazem o bairro maior, os automóveis das fotografias (iii) sobre os amigos ausentes (iv) sobre os direitos e deveres dos participantes do projecto, aos quais se acrescentaram mais deveres.

Neste percurso descobrimos as potencialidades do uso do gravador²⁸ como meio de auto-descoberta de si mesmas e do poder da palavra pelas crianças. Pensamos que

27 nota de campo 17º Encontro

28 nota de campo 17º Encontro

esta descoberta poderia vir a constituir um recurso no longo processo que teriam que percorrer no sentido da emancipação da sua condição de oprimidos.

Pude sentir o quanto estas crianças, sentem dificuldades e encontram muitas barreiras para darem a conhecer a sua voz devido às condições de exclusão e de pobreza social a que estão sujeitas. Possivelmente, o uso de determinadas ferramentas de comunicação permite que a censura proveniente dos obstáculos inconscientes oriundos da condição de oprimidos seja mais atenuada, permitindo às crianças dar a conhecer o seu discurso como se de um outro se tratasse, projectando-se, dessa forma, como sujeitos sociais dialógicos.

Ao mesmo tempo, estas ferramentas de comunicação, neste caso específico, a gravação da voz, contribuem de forma positiva para a criação de contextos comunicativos nos quais os processos dialógicos desenvolvidos resultam de uma ressignificação da realidade e dos contextos e experiências de vida significativos.

Segundo Lima (2003), é através da comunicação dialógica e da educação mútua feita em colectivos, por meio de reflexões pertinentes, que os indivíduos vão-se progressivamente constituindo como sujeitos sociais históricos.

Esta comunicação dialógica “ressignificada” é também crucial na questão da formação da identidade individual dos sujeitos e da identidade da comunidade. Para Lima (2003), o sujeito envolvido em processos educacionais de aprendizagem e de auto-capacitação, vai alterando as suas auto-representações à medida que se vê a si próprio de maneira diferente e mais positiva, ao mesmo tempo que recebe dos *“seus parceiros mensagens correspondentes às diferenças visíveis na sua actuação.”* A imagem da comunidade, enquanto actor colectivo, vai-se modificando à medida que *“as diferenças que se vão operando nas pessoas e nas suas práticas vão ganhando visibilidade no exterior.”*

A emergência do/no Projecto de reconstrução de um espaço de cidadania (residual ?)²⁹

Pensámos que a criação de oportunidades, de momentos, ocasiões e processos de descoberta de si seriam um caminho a percorrer no estabelecimento de relações de alteridade. Com que outros poderiam elas resgatar a sua condição de criança-cidadã? Que outros poderiam elas perceber como iguais? A acontecer isto seria

extremamente dignificante para elas e as estaríamos a envolver num outro enredo, num enredo dialógico que possibilitaria apresentar ao outro as suas perspectivas dos seus mundos sociais e culturais próprios e por outro lado, conhecer o outro, as suas opiniões e perspectivas.

Neste contexto informal, de alteridade dialógica poderiam ressignificar os espaços sociais que estruturavam as suas vidas como sujeitos participantes na construção social e histórica da realidade em que viviam.

A partir do encontro em que imaginamos esta possibilidade, os PDP mostraram-se muito activos na realização das actividades que conduziram ao encontro entre os três grupos de crianças, os PDP e os grupos do Talude e do Prior Velho³⁰.

Conhecer os outros grupos, resultou num processo de dar sentido e significado real às construções simbólicas efectuadas durante o processo de investigação, através de uma experiência de cidadania de contacto com grupos de crianças providos de referências sociais diferentes, promovendo, assim, o estabelecimento de relações dialógicas, num contexto de alteridade.

Foram enviados dois emails ao grupo de crianças do Talude e do Prior Velho que podem ser consultados nas notas de campo deste encontro. As crianças empenharam-se bastante nesta actividade, participando activamente na leitura da carta escrita em papel de cenário pelo grupo numa sessão anterior. Utilizando as frases e as ideias patentes na carta e procedendo a algumas alterações, as crianças foram me ditando o email que pretendiam enviar para as crianças do Talude.”

A auto avaliação como um novo “primeiro passo”

No final desta sessão fizemos uma avaliação e reflexão crítica sobre os processos desenvolvidos até ao momento a partir de quatro perguntas a que teriam(os) que responder: (i) o que mais gostámos; (ii) o que menos gostámos; (iii) o que correu bem; (iv) e o que podia ter corrido melhor. Os comentários foram sendo anotados numa folha para cada tópico.

Como as crianças não estão habituadas a envolverem-se em processos desta natureza, nos quais lhes é pedido para elas adoptarem um papel de avaliador crítico, as crianças foram sucintas e pouco reflexivas. Viam-se ainda como objecto de avaliação, tal como aprendem a ser no contexto escolar.

Dos resultados desta avaliação sobressaíram as suas opiniões a respeito do que (i) o grupo dos PDP gostou: de tirar as fotografias, de construir os cartazes de auto-apresentação e o mapa do bairro. (ii) o grupo dos PDP menos gostou: as sessões nas quais houve conflitos entre elas e eu próprio, no papel de animador do grupo (iii) o grupo dos PDP acha que correu bem, referiram as sessões nas quais se envolveram mais activamente na construção dos produtos comunicacionais, dando como exemplo o mapa do bairro e os cartazes. (iv) o que grupo dos PDP achou que podia ter corrido melhor foram as sessões nas quais se envolveram pouco nas actividades propostas.

A partir desta reafirmação do grupo como sujeito colectivo em acção, inaugurou-se uma nova fase de apresentação de si mesmos e de alterização desta identidade social.

O Grupo dos PDP como realizadores do Filme sobre o Bairro do Pombal³¹

A realização do filme surgiu como projecto no nosso 23º encontro no Bairro. Fiz-lhes o convite, como desafio, de darem a conhecer a outros, os contextos sociais e culturais mais significativos para elas. A proposta entusiasmou-as e começaram de imediato a sugerirem sítios do bairro que poderiam aparecer no filme bem como outras pessoas que gostariam de incluir nas filmagens.

No encontro seguinte começámos a imaginar os espectadores do filme: os meninos e meninas dos grupos do Talude e do Prior Velho e do Bairro do Pombal.

Começámos por experimentar o uso da câmara de vídeo fazendo gravações no interior da sede. Gostaram da experiência de filmarem, de serem filmadas e visualizarem-se nas imagens. No dia marcado encontrámo-nos à tarde para fazer as filmagens no bairro.

As crianças filmaram-se a brincar umas com as outras. Apresentaram-se pelo nome diante da câmara. Filmaram o campo de futebol “velho” depois de atravessar todo o bairro. Pelo caminho encontraram um grupo de jovens adolescentes e gravaram o improvisado de um “rap” em crioulo, feito por um deles. Chegados ao campo, subiram a um ponto em que podiam avistar todo o bairro e arredores. Depois de conversarem sobre os locais que avistavam, filmaram toda a zona envolvente. Filmaram as próprias brincadeiras em que se iam envolvendo uns com os outros durante o percurso. No segundo dia deveríamos continuar as filmagens e escolher as imagens para o filme.

Desta vez filmaram o percurso desde a sede da Associação de Moradores até ao campo e depois até à escola. Voltaram a filmar o campo onde decorrem os treinos de futebol e também a escola enquanto locais que eram frequentados pela maioria dos elementos do grupo. Uma vez mais despenderam parte do tempo no campo de futebol a filmar brincadeiras; neste caso a luta entre duas das crianças. Da escola filmaram a parte exterior e o percurso em volta dos muros porque estava fechada. Filmaram as duas entradas, o placard com os avisos, a insígnia da Câmara de Oeiras.

No percurso o grupo foi conversando sobre o campo de futebol, que compararam com outros campos que conhecem e conversaram sobre a escola, sobre os vários espaços, desde as salas de aulas, ao recreio, a zona do lanche, fazendo também referência às árvores de fruto e aos morangos plantados junto de um dos muros da escola. Conversaram também sobre a futura melhoria das instalações.

A selecção das imagens foi preparada por uma explicação sobre alguns aspectos técnicos da produção: a selecção dos conteúdos de cada ficheiro gravado, o uso de intervalos de tempo em relação à duração total de cada ficheiro, o corte do material não utilizado, a ligação dos conteúdos escolhidos a nível informático que teria que ser feito por mim. As crianças aceitaram o procedimento e deram início à escolha do material significativo em cada ficheiro depois de visualizarem na íntegra todos os conteúdos filmados. Discutiram sobre a relevância e pertinência dos conteúdos que achavam que deveriam incluir no filme, em função do que queriam dar a conhecer aos outros grupos.

Da imaginação ao Encontro com os Outros, como Outro³²

Na sexta-feira as crianças arrumaram mesas e cadeiras, a tentar ampliar o espaço, o mais possível, com a colaboração de outras crianças e jovens, do bairro. De seguida, afixaram os seus vários “produtos comunicacionais”: o mapa do bairro, os cartazes de auto-apresentação, os cartazes dos direitos e deveres e o cartaz que serviu de base para o email escrito aos dois grupos de crianças. Enquanto decoravam a sede relatavam aos outros o que ali estava documentado das suas memórias colectivas. Além de tomarem decisões sobre os melhores locais para afixar os cartazes imaginavam a chegada dos grupos do Talude e do Prior Velho e decidiam o percurso que iam fazer pelo bairro com os visitantes.

Era domingo e os PDP esperavam pelos outros grupos. Três crianças esperavam-me à chegada. Os dois rapazes foram brincar, a Menina ficou. Havia que fazer os últimos preparativos para a recepção e acolhimento dos grupos de crianças visitantes.

Chegaram enfim treze crianças: oito do Talude e cinco do Prior Velho, com os responsáveis e técnicos por esses dois projectos. Na sede encontravam-se só três crianças. Fui procurar as duas que faltavam e que apesar de dizerem que não queriam estar presentes dirigiram-se comigo para a sede.

As crianças estavam sentadas em função do seu grupo. Cada grupo estava sentado a um lado sem se misturar com os demais enquanto observavam os cartazes e o mapa do bairro afixados na parede.

Depois das boas vindas pelos adultos a Menina mostrou o cartaz, em forma de livro, com as boas-vindas do PDP aos outros grupos e pediu que cada criança escrevesse o seu nome numa pequena tira de papel.

Os adultos pediram e as crianças resistiram à proposta de se sentarem alternadamente e em círculo para fazer a sua apresentação. Com alguma persuasão, acabaram por formar um círculo em posições alternadas e foi-lhes pedido que durante dois minutos cada uma perguntasse ao seu par o que quisesse saber dele para o poder apresentar. Como as crianças ficaram constrangidas em se exporem individualmente, optámos por pedir a cada uma dissesse apenas o nome da criança com quem tinham estado a falar. Só algumas crianças acrescentaram algumas coisas. Pensamos que teria sido melhor se tivéssemos pedido que cada grupo se apresentasse como sujeito colectivo. A referência ao grupo teria sido menos invasiva, as crianças teriam sido menos expostas e talvez o resultado tivesse sido melhor.

O Diálogo possível...mediado pelo mundo

O filme foi apresentado num segundo momento. Enquanto decorria, algumas das crianças do grupo, do PDP, iam conversando com as crianças do Bairro do Talude sobre o campo de futebol, o parque infantil e a escola, à medida que iam surgindo.

No fim do filme as crianças dos outros grupos pediram para ir brincar no parque infantil. A comunicação e diálogo entre as crianças continuaram enquanto brincavam. Algumas delas usaram a máquina de filmar e a máquina fotográfica para documentarem o momento.

O grupo do Talude tinha trazido o lanche. Os três grupos mobilizaram-se para preparar a sala e pôr a comida nas mesas. Organizaram-se entre elas, dividiram tarefas e

entrepajudaram-se espontaneamente. Foi a altura do encontro na qual houve mais cooperação entre as crianças.

No final do lanche, o grupo do bairro Talude apresentou os cartazes de auto-apresentação pessoal e dos seus contextos de vida no bairro. Uma das meninas do Prior Velho, assumiu o papel de porta-voz, apresentou o seu grupo e ofereceu aos PDP um cartaz construído por eles.

O encontro finalizou com a eleição do local para o segundo encontro dos três grupos. Cada grupo havia escolhido um local para propor aos restantes grupos e foi feita a votação democrática. Cada criança assinalou a sua escolha num boletim individual de voto e colocou na caixa de votação feita pelos PDP. Foi feita a contagem de votos e o local eleito foi o Fun Centre. O regresso a casa foi às 18horas.

Importante também foi a presença da mãe de duas crianças dos PDP a quem as crianças tiveram oportunidade de dar a conhecer as produções do grupo. Pensamos que este facto pode ter contribuído para reforço identitário das crianças.

Sair do Bairro com outras Criançasuma busca partilhada de espaço para a Infância?

O local escolhido para o reencontro, feito por auscultação e eleição pelas crianças dos três grupos do Pombal, do Talude e do Prior Velho, foi como referimos o Fun Centre. De seguida iríamos ao Talude almoçar e visitar o Bairro conhecido pelos relatos das crianças no primeiro encontro, tendo como guias o Grupo do Talude.

. A visita pelo bairro foi um contexto extremamente favorável, para a comunicação informal entre as crianças individualmente e enquanto grupo.

Quiseram as crianças viverem um dia comum à de todas as outras, divertindo-se num local emblemático do lazer na Cidade de Lisboa. Depois de exploraram as brincadeiras jogaram bowling; este foi o último divertimento experimentado pelos grupos no Fun Center. Foram constituídas três equipas, segundo os bairros. A competição suscitou interações intra e intergrupos e funcionou como “quebra -gelo” no diálogo e nas relações interpessoais entre as crianças.

Depois de almoço no Talude as crianças foram brincar e jogar computador. Conversavam entre si de forma fluida, sem a mediação dos adultos, enquanto iam a casa de uma das moradoras do bairro comprar gelados feitos em casa. O ambiente informal criado pelo envolvimento das crianças nas actividades lúdicas foi especialmente importante para a visita ao bairro do Talude que foi acompanhada pelo presidente da

Associação de Moradores do bairro do Pombal e pelo representante da Associação de Moradores do Talude (AMRT).

Um dos Meninos do Talude foi o guia, que fazia uma breve descrição de cada local que em outro momento as crianças tinham “qualificado” como importante e significativo. As outras crianças do grupo iam comentando o que viam enquanto conversavam sobre os aspectos das suas vidas quotidianas. Os PDP faziam comparações em relação ao seu bairro, até sobre a referência que foi feita pelos meninos do Talude às plantações de cana-de-açúcar e os seus processos artesanais de trituração para preparar o “grog” e ponche.

As Crianças dos PDP pareciam estar realmente interessadas e atentas quando alguns dos adultos da comunidade do Talude iam explicando alguns dos aspectos do cultivo da cana-de-açúcar e da sua utilidade. Esta foi sem dúvida, uma oportunidade única de contactarem, com mais profundidade e de forma contextualizada, com alguns aspectos tradicionais da cultura cabo-verdiana o que possibilitou a apropriação colectiva de algumas características que fazem parte da identidade comum, a aceitação do “nós” referido às suas raízes mais ou menos distantes, que também reclamam respeito e compreensão no face a face com o outro que é igual mas sempre diferente. A possibilidade de conversarem sobre estes aspectos, de falarem e estarem dispostas a ouvir, revelou o seu interesse em relação aos referenciais culturais e históricos da sua comunidade de origem. Somos levados a crer que as crianças do bairro do Pombal tiveram naquele um contacto significativo com as raízes culturais da sua comunidade, esbatidas na vida do Bairro.

No final da visita, voltámos para o bairro do Pombal. Uns dias mais tarde, recebi um email do Nédilson a pedir-me o email do Luís.

O Projecto como contexto de (re) Construção da Narrativa dos PDP

Como temos vindo a relatar todo o processo de investigação, foi atravessado por dilemas e descontinuidades. Restava saber se o que para nós tinha sido um percurso significativo, construído a partir do diálogo com este grupo de crianças em circunstâncias tão difíceis e inesperadas, fazia parte das suas ainda curtas histórias pessoais vividas num contexto tão constrangido pela pobreza. Haveria algum significado que pudesse ser resgatado através da reconstrução narrativa do percurso de investigação acção participativa desenvolvido com elas? Não o fazer não significaria

roubar às crianças a “co-autoria” de uma história, construída como possibilidade, no encontro com elas?

Foi assim que após o 32º encontro, realizado em Maio, decidi arranjar uma forma de devolver às crianças imagens que eu tinha retido sobre a nossa comunicação, materializada em alguns “produtos comunicacionais”, ou seja em produções materiais criadas para comunicarmo-nos e comunicarmos com os outros. Queríamos devolver a nossa experiência e permitir que cada uma se apropriasse também de todo o processo, o que lhes permitiria reflectir, enriquecer com novos elementos e dar outro sentido, o seu próprio sentido aos vários momentos vividos. Restava a minha preocupação de resgatar a sua condição de sujeito, dar visibilidade social ao seu estatuto como actores sociais e consolidar as memórias de si mesmos como sujeito colectivo que foi sendo construído e ganhou voz ao longo de todo o processo.

A forma que encontrámos foi criar um contexto de “encerramento” do projecto como outro momento de reescrita da narrativa do grupo sobre o vivido. Queríamos contribuir para que estivessem em melhores condições para começar uma nova narrativa pessoal e local como moradoras do Bairro do Pombal e como Crianças.

Preparei um conjunto de slides com fotografias dos vários momentos do processo. De seguida, convidei as Crianças duas a duas para conversarem comigo sobre a História que tínhamos vivido em conjunto. Munido de um guião discreto para uma entrevista informal encontrei-me com elas, duas a duas e em alguns casos com uma de cada vez. Todas tiveram oportunidade de falar sobre os momentos vividos durante o projecto. Este processo foi documentado e devolvido ao grupo em formato digital (dvd), juntamente com o filme realizado pelos PDP.

A (re) Escuta das crianças como Sujeitos e Autores de uma história colectiva

Para este encontro, a realizar no espaço habitual da sede, preparamos um contexto mais estruturado e semi-directivo, pois as questões colocadas eram sugeridas pelo powerpoint construído por mim, contendo fotografias, ordenadas cronologicamente, que tinham sido tiradas por mim, durante as actividades. As fotografias incluíam imagens de cada um dos produtos comunicacionais construídos pelo grupo.

Foi fácil gerar os contextos de interacção positiva a partir da proposta de realização da entrevista. No início das entrevistas, perguntei se consentiam a gravação

áudio da entrevista, depois de as esclarecer sobre o propósito da gravação. Todas deram o seu consentimento. As crianças pareciam verdadeiramente disponíveis e motivadas para participar, na sua qualidade de sujeito individual, de actor social participante no processo e co-construtora de uma narrativa histórica colectiva que era possível recontar.

Fiquei bastante surpreendido. As crianças que pareciam ter estado distraídas, lembravam-se de vários momentos e de particularidades de cada uma das actividades, à medida que visualizavam o powerpoint. Penso que elas próprias se surpreenderam com as memórias que conseguiram resgatar dos processos desenvolvidos!

A difícil conciliação de papéis: entre o lugar de sujeito, de investigador e animador

Na maioria dos encontros com as crianças esteve presente um jovem, membro da associação de moradores, que era responsável pela gestão do espaço da sede. Esta foi uma das situações que nos colocou um dilema enquanto investigador e animador.

Enquanto investigador desejava ter condições óptimas de interacção com as crianças como sujeitos e parceiras de investigação e intervenção. Queria que na sede estivessem as crianças participantes no projecto. Enquanto animador tinha que reconhecer que moralmente não poderia reivindicar estas condições de exclusividade numa sede que deve estar aberta à comunidade. A sede da associação de Moradores é um espaço comunitário privilegiado para os moradores exporem as suas questões, problemas e demandas quando estas surgem e devem proporcionar os serviços possíveis a oferecer: os computadores ligados à internet e a pequena biblioteca destinada a um público mais jovem.

Por outro lado, pretendendo desenvolver uma Investigação-Acção Participativa não deveriam os outros membros da comunidade ser bem-vindos como participantes nas actividades desenvolvidas pelo grupo? Isto dispensaria no mínimo a preocupação de inventar contextos de diálogo com e entre os membros da comunidade e as crianças participantes no processo de investigação. No entanto esta coexistência de espaços de interacção com a comunidade local a que pertenciam as crianças foi uma dificuldade, em todos os momentos em que a nossa meta era precisamente gerar contexto de interacção positivos com e entre as crianças.

Que factores teriam contribuído para prevenir este impasse entre abrir ou fechar o espaço físico onde todo o trabalho se centrava na criação de pretextos e contextos para e na interacção social com as crianças?

Pensamos que houve uma série de factores diferentes, de ordem endógena directamente relacionados com a necessidade de criar os contextos de interacção, o que exigia uma estruturação diferente do espaço interior da sede, a ritualização dos processos de comunicação e o planeamento, distribuição e avaliação de tarefas pelos vários elementos do grupo.

Mas houve também factores de ordem exógena que condicionam as interacções. Além dos computadores estarem ligados e atraírem a atenção das crianças, a sala estava constantemente cheia de donativos: brinquedos desarrumados e de roupas espalhadas que funcionavam como estímulos concorrentes às propostas de interacção e de diálogo que se pretendiam estabelecer. A comunicação foi muitas vezes, fragmentada e desordenada, pela replicação das condições materiais e sociais vividas no quotidiano do bairro.

Se reflectirmos sobre o projecto como processo de intervenção comunitária teríamos que admitir que todos estes aspectos constituíram problemas e limitações que teriam exigido resposta no curso da nossa acção. No entanto ao reflectirmos sobre o processo vivido, como contexto de investigação é possível valorizarmos o trabalho, não apesar da fragmentação da comunicação mas ao contrário por aquilo que foi possível compreendermos sobre o que é viver e ser criança num contexto social cuja comunicação e as redes sociais são fragmentadas por efeito da exclusão, da pobreza e da desorganização social.

A “INVENÇÃO” DE UM PONTO FINAL ONDE EMERGIU UM OUTRO PONTO DE PARTIDA

Vamos concluir este texto a repensar os vários constrangimentos de ordem endógena e exógena que nos levaram a questionar estratégias de acção que adoptámos como animador num contexto de exclusão e de pobreza num bairro onde nos pareceu fundamental gerar novos contextos de interacção social “positivos” para reinventar a possibilidade de diálogo entre crianças e entre estas e os adultos da Comunidade e para além dela.

Pensamos que as condições adversas que enfrentamos estão de tal modo interiorizadas nas auto-representações destas crianças sobre os seus mundos sociais, que seria necessário analisar a possibilidade de interromper a reprodução dos seus efeitos na comunidade, enquanto espaço estrutural constituído por sentimentos de pertença e de identidade.

Acreditamos que as crianças podem e devem participar neste processo de tomada de consciência dos constrangimentos que opõem obstáculo ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento das suas comunidades, através da prática de diálogo e de conscientização proposto por Paulo Freire. Sem esta tomada de consciência crítica não nos parece possível que as crianças, enquanto actores sociais possam exercer plenamente os seus direitos de cidadania e assumir a sua subjectividade enquanto Crianças, ou seja enquanto grupo geracional, distinto dos adultos.

Por sabermos que a dimensão identitária, das crianças enquanto grupo geracional, está dependente da sua visibilidade no seio da comunidade envolvente, procurámos criar condições para a emergência de uma outra narrativa das crianças sobre si mesmas, neste percurso de investigação. Tentámos criar as condições mínimas para que este percurso constituísse uma espécie de palco e ao mesmo tempo um espaço de “gestação” de novas memórias nas vidas destes pequenos actores sociais. Memórias que um dia os encorajasse a superar a condição de oprimido, através da conquista do seu novo lugar numa sociedade desigualitária que os discrimina, estigmatiza, marginaliza, define como dependentes e exclui como cidadãos e cidadãs.

Acreditamos na possibilidade de construção de contextos informais onde se desenvolva uma acção comunicativa, que recrie espaços – eventualmente residuais- de cidadania também residual, mas concretos. Apesar dos constrangimentos referidos no ponto anterior, foi possível vivenciarmos colectivamente a experiencia de co-construção do que designamos como produtos comunicacionais. Este foi um contexto gerador de processos dialógicos, de cooperação e de desenvolvimento do sentido de identidade /pertença e de diferença/ alteridade face a outras crianças e a outros bairros nas mesmas condições de desvantagem que põem em causa o estatuto da criança-cidadã, cuja voz e acção mantém-se ocultada pela privação e adversidade do meio em que crescem.

Neste processo a participação infantil foi pensada e investida a partir das próprias experiências de vida das crianças, dos seus contextos sociais e culturais, das suas opiniões e pontos de vista. Contudo, temos que assumir o pequeno contributo que tentamos dar à temática da consciencialização das crianças face aos próprios direitos de participação, o presente trabalho não desenvolveu processos que, de facto, legitimassem essa apropriação colectiva face aos direitos de participação.

Em futuros projectos seria importante arranjar mecanismos, que fizessem ouvir as opiniões e os pensamentos das crianças sobre a sua realidade próxima e distante, e que a escuta desta voz tivesse um impacto no espaço público, sem o que não será

possível resgatar plenamente a sua cidadania. Parece-nos que os direitos de participação das crianças, poderão ser tanto mais conversados e concretizados quanto os processos informais de animação puderem ser vividos e reforçados a nível da educação formal, no trabalho realizado na escola, por ser este o espaço estrutural em que o Estado exige o cumprimento de mínimos éticos universais, que muitas vezes são desvalorizados nas relações das e entre comunidades.

Não sabemos se este processo contribuiu ou não para reduzir os factores de exclusão social na vida deste grupo de crianças. Sobre isto, será totalmente legítimo referir que o tempo de acção/intervenção de seis meses é pouco para que se obter resultados a este nível.

O que podemos afirmar, no entanto, tendo em conta à forma e aos pressupostos teóricos sobre os quais a investigação foi conduzida, foi que fomos capazes de pensar a inclusão como oportunidade e exigência de que as crianças sejam reconhecidas e investidas como actores sociais, como protagonistas da inserção das suas próprias experiências, narrativas e percursos de vida, na comunidade e para além dela, tendo presente que as suas experiências são comuns e contemporâneas às experiências de outras crianças que vivem em outros contextos, eventualmente mais alargados.

Durante a escrita das notas de campo e a interpretação dos dados gerados fui-me apercebendo de outras questões implicadas na minha dificuldade de gestão de contextos de interacção positivos e da brincadeira entre as crianças. Em muitos dos encontros com as crianças, a brincadeira, o jogo foi o mais forte concorrente ao meu esforço de propor e desenvolver actividades e manter processos de interacção social com e entre as crianças.

Reflecto sobre isso quando constato também que nos encontros em que foi possível gerar processos de participação e acção comunicativa a brincadeira era parte significativa do processo! Pergunto-me porque durante o processo de investigação não pudemos ouvir o suficiente o quanto estas crianças reclamavam pelo SEU direito de brincar?

Esta contradição (aparente?) leva-me a pensar que no futuro, talvez seja interessante tentar desenvolver um projecto de investigação e/ou de intervenção com crianças em comunidades excluídas, onde a brincadeira seja explicitamente investida como instrumento de inclusão. Extrapolando para um nível mais abstracto, quero pensar que a brincadeira poderá ser vivida como uma das formas de diálogo mais consequente com os recursos que estas crianças dispõem para se afirmarem como cidadãos!

Com o título deste trabalho “Putos do Pombal... Uma Nova Narrativa Social?” deixamos em aberto a seguinte questão: a narrativa que construímos com os PDP é social e é nova? Acreditamos que sim, porque todos os processos desenvolvidos e os produtos comunicacionais que construímos “entre nós” fazem parte das nossas memórias vividas e da memória que o Bairro não pode apagar por fazerem parte integrante na narrativa de vida que estas crianças hão-de contar! Memórias que ressignificaram pequenas coisas dos mundos sociais e culturais que partilham entre si e que contradizem a sua disposição de conformidade passiva à condição de oprimidos a que estão sujeitas pela exclusão social das suas famílias e pela exclusão da infância nesta segunda modernidade. Num mundo mais inclusivo das diferenças onde sonhar, idealizar e contar histórias pessoais fosse acessível a qualquer criança, a todas as crianças, seria mais seguro confiar na competência social e histórica da “criança-cidadã”, que hoje vemos ainda muito timidamente entrar no espaço público em permanente reconstrução material e simbólica!

Bibliografia

- André, João Maria (2005), *Diálogo intercultural, Utopia e Mestiçagem em tempos de globalização*. Coimbra: Ariadne Editora, Coleção Éthos, nº3.
- Albuquerque, C. (2004). *Os Direitos da Criança em Portugal e no Mundo Globalizado*, in *Direitos das Crianças*. Coimbra: Coimbra Editora, p. 39-63.
- Bruto da Costa, A. (2006). *Exclusões sociais*. Comunicação no ICSW, 32nd International Conference on Social Welfare ACEDIDO EM: 4 Dez. 07 no Website da <http://www.icsw.org/global-conferences/global-conf-intro.htm>
- Caldeira, F. (n.d.). *Exclusão Social: uma Aventura Teórica pela Busca de um Conceito*. Recuperado em 14 de Junho de 2008, de http://www2.prudente.unesp.br/eventos/semana_geo/fabianacaldeira.pdf.
- Cardoso, C. (1996), *Educação Multicultural – percursos para práticas reflexivas*. Texto Editora: Lisboa.
- Christensen, P.; James, A. (2005). *Investigação com crianças: perspectivas e práticas*. Porto. Edições Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.
- Costa, A. B. (2001). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Costa, A. B. (n.d). *Exclusões Sociais – Conceito (s) de “exclusão social”*. Recuperado em 26 de Junho de 2008, de http://www.metanoia-mcp.org/documentos/varios/bruto_costa_01.htm.
- Delgado, P. (2006). *Os Direitos das Crianças: da Participação à Responsabilidade*. Porto: Profedições.
- Fernandes, N. (2005). *Infância e direitos: participação das crianças nos contextos de vida: representações, práticas e poderes*. Tese de doutoramento. Recuperado em 29 de Janeiro de 2008, de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6978>.
- Fernandes, N. (2006). “A *Investigação Participativa no Grupo Social da Infância*”. In *Currículo sem Fronteiras*, v.6, n.1, pp.25-40. Recuperado em 28 de Outubro de 2008, de <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/soaresen.htm>.

- Fernandes, N.; e Tomás, C. (2004). *Da Emergência da Participação à Necessidade de Consolidação da Cidadania da Infância...os Intrincados Trilhos da Acção, da Participação e do Protagonismo Social e Político da Infância*”. In Manuel Jacinto Sarmiento e Ana Beatriz Cerisara. Crianças e Miúdos. Perspectivas
- sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Edições Asa, p. 35-162.
- Freire, Paulo. (1996), *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gabinete de Comunicação. (2003). *Oeiras, Factos e Números*. Oeiras: Edição Câmara Municipal de Oeiras-Gabinete de Desenvolvimento Municipal.
- Graue, M. E. e Walsh, D.J. (2003). *Investigação Etnográfica com Crianças: Teorias, Métodos e Ética*. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lemos André. (?). *Cibercultura, Cultura e Identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft”?*
- Lima, R. J. S. (2003). *Desenvolvimento levantado do chão... ...com os pés assentes na terra*-Dissertação de Doutoramento em Ciências de Educação. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação.
- Marques, M. M.; Santos, R.; Araújo, F.; Nóbrega, S. (2001). *Realojamento no Concelho de Oeiras-Um Estudo Sociológico*. Oeiras: Edição Câmara Municipal de Oeiras, Direcção Municipal de planeamento Urbanismo e Habitação, Departamento de Habitação.
- Petrus, A. (1997). *Pedagogia social*. Barcelona: Ariel.
- Rodrigues, E. V.; Samagaio, F.; Ferreira, H.; Mendes, M.; Januário, S. (n.d.). *A Pobreza e a Exclusão Social: Teorias, Conceitos e Políticas Sociais em Portugal*. Recuperado em 23 de Junho de 2008, de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1468.pdf>
- Santos, Irene. (2004). *Quem habita os alunos? A socialização de crianças de origem africana*. Lisboa: Educa.
- Sarmiento, M. J. (2002). *Infância, Exclusão Social e Educação como Utopia Realizável*. In Educação, Sociedade e Culturas, n. 17 , p. 13-32.
- Sarmiento, M. J. (2005). *Crianças: educação, culturas e cidadania activa. Reflectindo em torno de uma proposta de trabalho*. In Perspectiva. Florianópolis. v.23, nº01, p. 17-40.

- Sarmento, M. J., Soares, N. e Tomás, C. (2006). *Participação social e cidadania das crianças*. In David Rodrigues (org.), *Inclusão e Educação*. Doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus Editorial, pp.141-159.
- Trilla, Jaume. (1997), *Animação Sociocultural: teorias, programas e âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget
- Xiberras, M. (1996). *As teorias da exclusão: para uma construção do imaginário do desvio*. Instituto Piaget

Fontes de internet:

- 1- <http://www.citador.pt/pensar.php?op=10&refid=200806200900>, (acedida a 01/07/08).
- 2- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Oeiras_\(Portugal\)#Evolu.C3.A7.C3.A3o_Demogr.C3.A1fica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Oeiras_(Portugal)#Evolu.C3.A7.C3.A3o_Demogr.C3.A1fica), (acedida a 05/01/09)
- 3- <http://www.jf-oeiras.pt/Default.aspx?Module=ArtigoForm&ID=8>, (acedida a 05/01/09).
- 4- http://pt.wikipedia.org/wiki/Anima%C3%A7%C3%A3o_s%C3%B3cio-cultural, (acedida a 02/07/08).
- 5- http://www.foro-latino.org/info_flape/info_pdf/info-flape_10.pdf, (acedida a 09/07/08).
- 6- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Multiculturalismo>, (acedida a 01/07/08).
- 7- http://nautilus.fis.uc.pt/cec/teses/armenio/TESE_Armenio/TESE_Armenio/vti_cnf/TESE_Armenio_web/cap3.pdf- (acedida a 26/10/2007)
- 8- <https://woc.uc.pt/fpce/getFile.do?tipo=2&id=3159>, (acedida a 19/01/09).
- 9- <http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/seminarios/mesa15-a.pdf>, (acedida a 10/09/09).

**ANEXOS: NOTAS DE CAMPO DOS 39 ENCONTROS REALIZADOS COM
OS PDP**

1ª Encontro (07/01/09)

No dia 5 de Janeiro de 2009, encontrei-me com as crianças no final do treino de futebol, para combinarmos o primeiro encontro na sede da Pombal XXI. O encontro ficou agendado para o dia 7 de Janeiro, às 19h15 na sede da Associação de Moradores do bairro.

Para este primeiro encontro decidi que deveria de voltar a informar as crianças dos meus propósitos como investigador uma vez que já haviam passado mais de duas semanas do último encontro. Resolvi, também, que deveria, por um lado, arranjar uma forma mais lúdica de transmitir esses conteúdos e ideias, e por outro, formalizar por escrito o convite apelando a participação e envolvimento das crianças no processo de investigação. Nesse sentido, construí dois cubos a partir de caixas de papelão, com as medidas aproximadas de 20cmx20cmx20cm, e em cada uma das faces escrevi informações sobre a convenção dos direitos das crianças, os direitos de participação, a cidade amiga das crianças, sobre a importância de escutar as opiniões e ideias das crianças sobre os seus mundos sociais e culturais e sobre as características do projecto de intervenção, utilizando uma linguagem simples e acessível. As faces estavam numeradas de forma a orientar a apresentação e divulgação dos conteúdos da seguinte forma:

Face 1- A tua opinião é importante.

Face 2- Tens o direito a participar. As tuas ideias são tão importantes como as ideias dos adultos.

Face 3- E se fosses o primeiro-ministro, o que fazias para melhorar a tua escola, o teu bairro, a tua vida?

Face 4- E se tivesses de te apresentar a outras crianças, como o farias? Falavas de ti, da tua casa, dos teus amigos, da tua família?

Face 5- Usavas desenhos, escrevias, tiravas fotografias? Já ouviste falar dos direitos da criança?

Face 6- Em 1989 apareceu a Convenção sobre os direitos da criança, aprovada pela ONU. 192 países (quase todos) aceitaram e aprovaram a convenção sobre os direitos da criança. Em 1990 Portugal aceitou e apareceu.

Face 7- A convenção sobre os direitos da criança é um livro dividido em 4 capítulos, com 54 artigos: direitos à sobrevivência; direitos ao desenvolvimento; direitos à protecção; direitos de participação.

Face 8- Direito de Participação= Tens o direito de exprimir a tua opinião. Artigo

12: Quando os adultos tomam qualquer decisão que possa afectar a tua vida, tens o direito de dar a tua opinião e os adultos devem ouvir seriamente o que tens a dizer.

Face 9- Cidades Amigas das Crianças: Existem 867 cidades amigas das crianças. São projectos que chamam as crianças e jovens a participar em iniciativas e decisões sobre os assuntos que lhes dizem respeito.

Face 10- Em Novembro de 2009, a convenção sobre os Direitos da Criança faz 20 anos. Participar neste projecto significa que estás a lutar pelo Direito de ser criança.

Face 11- Projecto: dar a tua opinião; dizer o que pensas; escolher os assuntos; escolher as formas de guardar as opiniões e o que formos falando e descobrindo; divertir, aprender, participar; explicar como tu vês o bairro, à tua maneira.

Face 12- Explicar como tu vês a escola e a tua família, à tua maneira; contar as tuas histórias e encontrar respostas para os teus problemas, as tuas respostas; encontros na sede, uma vez por semana; de Janeiro até Junho; a partir das 19h; cada encontro vai durar 45 minutos (+/-).

O convite dirigido às crianças foi manuscrito numa folha A4 “Olá, eu sou o Fred estou a estudar numa escola parecida com a tua, a Universidade de Aveiro. Tal como na tua escola, eu também tenho que fazer trabalhos. Este ano tenho que fazer um trabalho muito importante sobre a participação como direito das crianças. Preciso da tua ajuda e da tua participação. Convido-te a participares neste projecto. Obrigado pela tua atenção e presença. Se aceitares participar, escreve o teu nome na parte detrás da folha.” Este convite foi apresentado às crianças depois da partilha dos conteúdos dos cubos.

Os cubos foram construídos com o objectivo de tornar a partilha da informação, sobre os direitos de participação da criança e sobre as características do projecto a desenvolver, mais apetecível, mais lúdica e mais informal para as crianças.

Estiveram 3 crianças presentes, sendo que uma delas, o Seidi esteve presente pela primeira vez. O Diogo saiu a meio da sessão pois recebeu uma chamada no telemóvel. O Hélder foi a criança que mostrou mais interesse sobre os assuntos que conversámos, sugerindo que as folhas que iam ser usadas durante o projecto deviam de ser guardadas numa capa A4. O Diogo falou que gostava que a zona junto ao campo do bairro não devia de ser jardim. Apresentei, de seguida, o folheto dos direitos da criança através do computador. Nesta altura, o Seidi mostrou-se interessado em ler esta informação.

No início da sessão, combinámos a duração de 45 minutos, o que foi cumprido. Propus na próxima sessão escolherem imagens a partir de revistas, o Hélder ficou entusiasmado e queria fazer isso na sessão presente.

2ª Encontro (14/01/09, 19h45-20h45)

Estiveram presentes o Miguel, o Lito e o Leo. O encontro não se realizou na sede pois esta estava fechada. Portanto, juntámo-nos próximo de um muro junto a um dos prédios. Convidei-os a participarem no projecto e falei-lhes dos vários aspectos em torno deste. As crianças aceitaram participar.

O Lito e o Leo fizeram muitas perguntas sobre como tinha chegado ao bairro e sobre os aspectos do projecto. Já tinham ouvido falar dos direitos da criança, nomeadamente, o direito a ir à escola, o direito a serem protegidos e o direito a não terem de trabalhar. Falaram, também, que na China as crianças não tinham direitos.

Conversei com o grupo reunido de crianças sobre o consentimento da parte deles para poder fazer a gravação em áudio, usando o computador, das sessões e encontros do projecto. Fui também conversar com o pai do Leo e do Lito para eles participarem no projecto/ investigação. O pai deles autorizou-os a participarem.

Em relação ao consentimento do pai do Miguel para ele participar, eu já tinha tratado desse assunto anteriormente. O pai do Miguel é o Zé Luís, o presidente da Associação de Moradores do bairro, a Pombal XXI.

A actividade que propus às crianças realizarem foi o de criarem um mapa do seu bairro e de outros locais significativos para elas. Usámos o muro para fixar o papel de cenário, de forma a que as crianças pudessem desenhar ou escrever no papel, como se se tratasse de uma grande tela. O Leo e o Lito tiveram que ir para casa e só o Miguel ficou envolvido na actividade. No seu desenho deu mais ênfase ao prédio onde vive e à zona envolvente, nomeadamente o parque infantil que fica próximo do seu prédio.

3ª Encontro 15 de Janeiro das 19h30 às 20h30.

Neste encontro, apareceram duas crianças novas, o Bruno e o Luís. Conversei com eles sobre o que tinha sido começado a fazer pelo Miguel, no encontro anterior. As duas crianças aderiram com entusiasmo à actividade.

O Bruno investiu na tarefa de desenhar o mapa do bairro. Desenhou os prédios, a sede, o café, a escola, o campo de futebol. Esteve calado a maior parte do tempo. Quando chegou o Luís, juntou-se ao Bruno e completou os desenhos do Bruno e fez outros.

Dialogaram sobre os lugares e sítios do bairro mas em voz baixa. À medida que a encontro chegava ao fim eles foram se sentindo mais confiantes para falarem sobre o que estavam a construir.

4ª Encontro 16 de Janeiro das 19h45 às 20h45

Neste encontro estiveram presentes o Luís, o Bruno e o Hélder. O Miguel só apareceu mais tarde.

As crianças continuaram a investir no mapa do bairro. Foram mais pormenorizados, dialogaram mais sobre as características do bairro. Sempre que queriam dizer algo que lhes parecia importante aproximavam-se do microfone e davam o seu testemunho. No princípio mostraram-me as fotografias do torneio de futebol no qual participaram antes do período de natal. Falaram da escola, do bairro, do futebol, dos equipamentos. Falei com o pai do Hélder para ter o consentimento dele. O Hélder foi para a dispensa e falou com o pai em crioulo. O Luís disse que precisavam de desenhar o supermercado Modelo, mesmo não pertencendo ao bairro, uma vez que era importante para fazerem as compras para a escola.

5ª Encontro 21 de Janeiro 19h30-21h

Estiveram presentes o Bruno, o Luís e o Miguel. A sede estava aberta a toda a comunidade para distribuírem roupa pelos mais necessitados. O Zé Luís também estava presente.

Durante o encontro houve entrada e saída constante de moradores. Assim, o ambiente na sede manteve-se bastante confuso e não muito propício ao desenvolvimento de uma actividade específica com as crianças. Não foi possível gravar o encontro devido à constante entrada e saída de pessoas.

Dessa forma, convidei as crianças a abrirem os materiais de desgaste que vão ser utilizados durante o projecto. Os meninos ficaram surpreendidos e radiantes com a abundância de material. Numa caixa de sapatos colocaram o material tendo em conta que são um grupo de 4 meninos (o Luís, o Hélder, o Miguel e o Bruno). Numa caixa de papelão maior colocaram o resto do material para ser usado à medida que o outro se vai gastando. Investiram na decoração de ambas as caixas, colando folhas de papel nas faces das caixas e desenhando as caras de cada um. O Miguel fez o desenho de um graffiti. O Bruno teve a iniciativa de ir buscar à estante o dossier deles. O Luís decorou a tampa da caixa de sapatos com uma folha na qual escreveu caixa de material. Falaram, também, que

gostariam de tirar as fotografias, disse-lhes que como estava escuro eles não poderiam tirar todas as fotografias.

No final, perguntaram quando voltaríamos a estar juntos e sugeriram que fosse na sexta-feira, dia 23. Combinaram que queriam acabar de decorar as caixas e o dossier e finalizar os mapas. No dossier, assinaram, tal como nos encontros anteriores “eu sou o ...”. O Luís para além de assinar registou que tinham estado a fazer a caixa de material.

Conversámos, ainda, sobre a participação de mais crianças no projecto. Sobre isto, eles não querem ser muitos mais, uma vez que acham que seria bastante confuso participar todos, nomeadamente na execução das actividades. Sobre a ausência do Hélder, referiram que ele tinha saído com um familiar. Penso que não querem ter mais pessoas a participar por uma questão de protagonismo, também. Sugeri que era importante ter pelo menos um grupo de 5/6 crianças. Sobre o desenrolar desta sessão, os meninos consideraram que foi difícil desenvolverem as tarefas com toda a azáfama que se passou na sede, queixaram-se do barulho. Perguntaram-me, de novo, como eu tinha chegado ao bairro do Pombal e se eu iria estar com outros meninos de outro bairro a desenvolver um projecto igual ao deles.

6ª Encontro 23 de Janeiro 19h30m-20h45.

Estiveram presentes o Miguel, o Luís, o Ivan, o Hélder. O Ivan apareceu nos encontros pela primeira vez. O Bruno faltou. Os meninos presentes disseram que o Bruno tinha saído com o padrasto. Durante o encontro com as crianças, esteve também o Tiago, um dos filhos do António Cruz. O António Cruz, mais conhecido por Flu é um dos membros da direcção da Pombal XXI, um dos responsáveis pela gestão do espaço para as várias actividades que se realizam na sede.

O Flu, também, entrou na sede por breves instantes e pediu aos meninos para lhe mostrarem o que haviam feito no projecto. Eles mostraram o mapa do bairro. O Flu disse que o mapa deles tinha imprecisões. Intervi, ressaltando a ideia de que o importante era a representação das crianças do seu bairro e não o ponto de vista dos adultos. A presença do Tiago foi apenas ocasional, uma vez que ele não vive no bairro, apenas estava a visitar o pai. O Tiago desenhcou e pintou numa folha A4 letras a dizerem “Pombal 21”.

O Ivan foi a primeira vez que apareceu depois dos primeiros encontros, ainda nos treinos de futebol. Participou junto com o Luís, o Helder e o Miguel na continuação da decoração e personalização das caixas de materiais e do dossier do projecto. Estenderam também o mapa do bairro que haviam feito com o objectivo de acabarem de o pintar. O

que não aconteceu. Até à primeira hora do encontro, os meninos investiram na actividade que estavam a desenvolver. Na capa do dossier colocaram duas fotografias tiradas no torneio de futebol realizado antes do Natal. Numa das fotos aparecem todos reunidos na equipa de futebol que representam da junta de freguesia de Oeiras. O pertencer à equipa de futebol constitui um elemento vital para a identidade destas crianças. Apesar do Bruno não estar presente, o Miguel desenhóu e coloriu as letras que formam o nome “Bruno” em folhas A4 e colocou-as dentro de uma mica no dossier do projecto. O Ivan desenhóu os nomes, dele mesmo, do Hélder, do Miguel e do Luís numa folha A4 e colou na contracapa do dossier. No interior da contracapa, o Luís desenhóu numa folha A4 e colou o meu primeiro e último nome. Depois da primeira hora, começaram a brincar e desinvestiram nas actividades que estavam a realizar. Conversei com eles sobre o sucedido mas eles não se mostraram receptivos. Sugeri que poderíamos encurtar o tempo disposto para os encontros. Esta ideia não lhes agradou. No final do encontro combinámos encontrar-nos no dia seguinte para lhes entregar as máquinas fotográficas descartáveis para tirarem as fotografias ao bairro.

Depois de ter reflectido sobre este 6º encontro com as crianças penso que no próximo encontro realizado na sede irei sugerir-lhes que quando algum dos membros do grupo, incluindo eu, tiver algo de importante a dizer, a informar ou a pedir aos outros que requeira a atenção e silêncio por parte destes, essa pessoa usará uma caixa de papelão aberta em forma de televisão para comunicar a sua mensagem, e nessa altura os restantes ficarão em silêncio de forma a escutar o que a pessoa tem a dizer. Depois disso será posto à consideração do grupo. Este instrumento poderá ser útil para diminuir os possíveis atritos entre os membros do grupo e para, ao mesmo tempo, dar voz às preocupações individuais e estimular a participação de cada pessoa presente.

7ª Encontro 24 de Janeiro, 15h30

O Luís, o Ivan, o Miguel e o Hélder estiveram presentes. Entreguei as máquinas fotográficas e expliquei-lhes o seu funcionamento. Cada máquina tem 27 fotografias. Combinei que tirassem fotografias do bairro mas também outras que tirariam caso fizessem uma apresentação deles mesmos ao presidente da câmara de Oeiras e a outras crianças. O Bruno não estava no bairro. O Luís apareceu pela primeira vez sem o gorro.

8ª Encontro 25 de Janeiro, 19h30

Fui buscar as máquinas para revelar as fotos. Conversei com a mãe do Ivan no sentido de obter o consentimento dela para ele poder participar no projecto. Ela aceitou. O Luís trouxe um amigo que também vive no bairro para participar no projecto, o Hugo. Eu já havia conhecido o Hugo na primeira conversa com as crianças no treino de futebol.

9ª Encontro 28 de Janeiro, 19h30-20h45

Às 19h30 cheguei à sede da Pombal XXI e só o Miguel estava à minha espera. Perguntou-me se eu queria que ele fosse chamar os outros meninos. Com ele veio o Hélder. O Bruno não compareceu porque tinha um teste na escola no dia seguinte. Às 19h50 iniciei a gravação da sessão com apenas o Miguel e o Hélder. O Luís e o Hugo chegaram à sede às 20h. Foi a primeira vez que o Hugo veio a uma das sessões realizadas na sede. O Ivan não compareceu. Tinha uma grande expectativa que pela primeira vez iriam comparecer as seis crianças, o que infelizmente não acabou por acontecer. Pedi ao Ivan, ao Hélder e ao Miguel para explicarem ao Hugo o que haviam feito até ao momento no projecto. Fizem-no de uma forma breve e pouco pormenorizada. Os meninos tinham a expectativa de que as fotografias que tinham tirado no sábado já estariam reveladas, o que também não aconteceu.

Para a sessão levei uma televisão feita de uma caixa de cartão para que fosse usada pelos meninos e por mim sempre que algum dos membros do grupo tivesse algo importante a anunciar. Os meninos gostaram da ideia mas nenhum deles durante a sessão usou a “televisão”. Concluíram o mapa do bairro mas notei que não estavam muito motivados para esta tarefa, o que me levou a considerar que uma mesma actividade para os meninos desenvolverem não pode ser repetida durante muitas sessões. Por outro lado, penso que como as crianças tinham criado expectativas face à visualização das fotografias e tal não aconteceu, isto pode ter influenciado negativamente o empenho e participação na actividade proposta. Adicionaram ao dossier, na parte interior da capa, colando um folha A4 os nomes dos 6 meninos que fazem parte do projecto. Falei-lhes do encontro que tive com a Isabel Paes do ACIDI e do projecto Sai do Bairro. Ficaram, ao mesmo tempo, entusiasmados e receosos com a ideia de estabelecer contacto via email com os meninos do SAI do bairro. Aproveitei isto para lhes perguntar que nome dariam ao projecto que estamos a construir. Colocaram várias hipóteses, desde “Tropa do Bairro do Pombal (TBP), Putos do Bairro do Pombal (PBP) e Projecto As Crianças. Não chegaram a um

acordo concreto. Penso que quando confrontados com a escrita do email irão chegar a um consenso. No final da sessão cada um dos meninos fez uma folha individual de presença. Pela primeira vez, um dos meninos, neste caso o Hélder, escreveu um relato sobre as actividades nas quais as crianças participaram. O Luís assinou “Eu sou o Luís” e fez um desenho de uma cara, uma espécie de auto-retrato, o mesmo que desenhou numa folha para decorar a caixa dos materiais ainda não usados. O Hugo escreveu que foi “fixe” ter participado nesta sessão.

Em relação à ausência do Ivan, os meninos apenas disseram que ele tinha treino de futebol na escola Mário Wilson.

10º Encontro 30 de Janeiro, 19h50-21h05

Estiveram presentes o Miguel, o Luís e um menino novo, habitante do bairro, o Milton. O Luís disse que o Hugo não compareceu porque estava em casa, vestido com o seu pijama, não sabia a razão concreta pela qual ele tinha faltado à sessão. Em relação à ausência do Bruno às últimas sessões, os meninos consideram que, por alguma razão desconhecida, ele pode sentir-se desmotivado, ou impedido por parte da família em participar no projecto. O Luís foi a casa do Hélder chamá-lo para a sessão. O Hélder disse-lhe que tinha de ir com o pai buscar os irmãos e que depois iria para a sede. Acabou por não comparecer. Quando estava de saída do bairro, constatei que ele estava a chegar com o pai e com os irmãos. Aproveite para falar pessoalmente com o pai dele e relembrei-lhe os horários e dias escolhidos para os encontros. O pai do Hélder não se mostrou evasivo e não se opõe a que ele participe no Projecto. Em relação ao Ivan, foi-me dito pelo Flu (membro da associação de moradores Pombal XXI) que, por vezes, o pessoal da Escola de futebol Mário Wilson traz o Ivan de volta para o bairro depois das nove horas da noite. Por vezes, também, quando há jogos no fim-de-semana o treino estende-se até mais tarde.

Aproveitei a presença da nova criança, o Milton, e pedi ao Luís e ao Miguel para lhe contarem o que tinha sido feito até agora no projecto. Mostraram-lhe o mapa do bairro, falaram-lhe das fotografias, da apresentação que iam fazer eles próprios aos meninos do Sai do Bairro e ao presidente da câmara. Foram mais pormenorizados nas suas explicações relativamente à última sessão (quando contaram ao Hugo sobre o projecto). Mostraram, também, ao Milton, a caixa de material, o dossier do projecto e a televisão de cartão. Sobre esta, o Luís disse que quando alguém do grupo teria algo de importante a transmitir aos outros, podia usar a televisão. Em relação ao dossier, o Luís e o Miguel fizeram uma

apresentação detalhada de todos os conteúdos nele registados. O Milton esteve a maior parte do tempo calado e a ouvir os outros dois meninos.

Propus que para esta sessão, cada um dos meninos contasse como iria construir a sua apresentação, quais os critérios para escolherem as fotografias de forma a colocá-las nos cartazes. Para além das fotos, os meninos disseram que iam escrever, desenhar, usar imagens de revistas e pesquisar na internet. Para que estes processos de tomada de decisão ficassem registados, ou seja passassem de um plano simbólico para um plano material, tudo aquilo que cada um dos meninos disse sobre o processo de construção dos cartazes foi registado em papel de cenário o qual foi afixado numa das paredes interiores da sede. As ideias do Luís e do Miguel foram anotadas por mim. As ideias do Milton foram anotadas pelo Luís. Este foi um importante momento de participação e de expressão infantil (Gaitán, citado por Fernandes e Tomás 2004). Sob o ponto de vista da relação dialógica foi, também, pertinente uma vez que as duas crianças estabeleceram um diálogo mobilizador para uma acção futura (possível construção de conhecimento). Este foi um claro momento de empoderamento.

Porém, nesta sessão houve um acontecimento externo que ocorreu na rua da sede e que deixou-me a mim e às crianças apreensivos. A dada altura ouviu-se alguém a disparar uns tiros no exterior. Face a isto, o Miguel e o Milton não disseram nada mas as suas expressões faciais revelavam um certo desconforto (desconcerto), enquanto que o Luís disse, prontamente, “é por isso que eu não gosto deste bairro”, “eles estão sempre a fazer porcarias”. O Luís foi espreitar pela entrada do correio. Eu e o Miguel aconselhámo-lo a afastar-se da porta de entrada da sede. As crianças pareciam ter uma ideia de quem eram os responsáveis pelo que estava a acontecer lá fora, contudo, não dialogaram sobre o sucedido.

No final da sessão entreguei uma máquina descartável de fotografias ao Milton e pedi ao Miguel para ele ir a casa do Hugo entregar a outra. Ficou combinado que na segunda-feira seguinte encontrar-me ia na sede com o Hugo e com o Milton para que me pudessem entregar as máquinas já com as fotografias tiradas.

Antes de sair do bairro, passei por casa do Luís e conversei com a mãe dele sobre os aspectos principais do projecto com as crianças. A mãe do Luís aceita que ele participe no projecto/investigação.

2 de Fevereiro 2009

Cheguei à sede por volta das 20h e o Milton já se encontrava à minha espera. Entregou-me a máquina descartável. Não foi muito conversador. Voltei a assegurar-me que ele estava interessado em participar no projecto, ao que ele respondeu afirmativamente. Pedi-lhe para ele me indicar e acompanhar-me até casa do Hugo. O Milton concordou em ajudar-me. Conversei com o Hugo e com a mãe dele. O Hugo disse-me que ainda não tinha tirado as fotografias todas. Combinámos que no dia seguinte regressaria a casa dele para recolher a máquina descartável. Com a mãe do Hugo, conversei, explicando a ideia principal do projecto/investigação. Ela não se opôs à participação do Hugo mas referiu que ele era diferente dos outros miúdos e que no bairro havia más companhias para o filho. Ressaltei que o projecto teve como ponto de partida um grupo natural das crianças do bairro do Pombal que frequentavam os treinos de futebol, sendo que o Hugo, também, pertence a esse grupo. Adiantei que na continuidade do projecto os pais e familiares das crianças envolvidas iriam ser convidadas para conhecerem os resultados de algumas actividades desenvolvidas pelas crianças. Perante isto a mãe do Hugo ficou mais tranquila e mais descansada, reconhecendo o potencial do projecto em causa.

3 de Fevereiro de 2009

O Hugo não se encontrava em casa pois tinha ido sair coma mãe. Um dos familiares do Hugo entregou-me a máquina uma vez que ele já tinha terminado de tirar as fotografias.

11º Encontro 4 de Fevereiro de 2009, 19h30-20h40

Estiveram presentes o Hélder, o Miguel, o Milton e o Hugo. O Bruno voltou com um menino novo, também morador do bairro, o Zé. O Luís não esteve presente, pela primeira vez, e o Ivan voltou a não comparecer. Em relação à ausência do Luís e do Ivan, as crianças presentes desconheciam o motivo pelo qual eles não compareceram. Pude constatar que as crianças presentes não se parecem importar quando algum dos outros meninos falta. Isto poderá traduzir-se na ideia de que o grupo de actores sociais ainda não está formado uma vez que as relações de interdependência entre os vários membros, situados neste contexto simbólico, social e físico ainda não estão totalmente cimentadas. No entanto, é positivo o aparecimento de novas crianças, ou pelo menos a curiosidade em presenciar as actividades que estão a ser desenvolvidas pelo grupo. Desde o início do projecto, esta sessão foi aquela na qual, pela primeira vez, estiveram presentes seis crianças.

Uma vez que as crianças se encontravam em diferentes fases no desenvolvimento de tarefas no âmbito da construção das suas auto-apresentações, tornou-se necessário agrupar os actores sociais em sub-grupos de dois elementos cada. Antes porém, solicitei aos elementos que têm vindo a participar desde as primeiras sessões para contarem ao Zé o que havia sido realizado até à data. Falaram-lhe sobre o mapa do bairro, as fotografias tiradas ao bairro, a caixa de material e a televisão de cartão. Mostraram-lhe o dossier do grupo e falaram-lhe, também, sobre o grupo de crianças do Projecto “Sai do Bairro”, dizendo que eles são um grupo de Loures e que se vão apresentar a eles. Não se alongaram muito em pormenores e detalhes sobre este assunto. Penso que o facto de na sede estarem, também, um grupo de raparigas adolescentes a utilizar os computadores, resultou em algum embaraço sentido por parte dos meninos na transmissão das suas opiniões e ideias. Um detalhe importante a acrescentar é o facto de a dada altura durante este diálogo entre as crianças, uma delas, o Hugo, ter referido “e se em vez de falarmos tanto, começarmos a fazer”. Este comentário foi o estímulo desencadeante da acção e mobilização do grupo para as actividades a desenvolver nesta sessão. Este facto reforça, mais uma vez, a concepção teórica ao nível do estatuto da infância face à necessidade, por parte das crianças, da materialização dos produtos comunicacionais simbólicos e culturais em produtos comunicacionais físicos e materiais, no contexto dos seus mundos sociais e culturais.

Neste seguimento, as crianças agruparam-se em três sub-grupos consoante a tarefa que iam desenvolver. O Bruno esteve a mostrar o mapa do bairro ao Zé, enquanto o Hélder e o Hugo se debruçaram sobre a planificação dos seus cartazes de modo que isso ficasse registado no papel de cenário afixado na parede. O Miguel e o Milton, por seu lado e um vez que já tinham na sessão anterior planificado os seus cartazes, iniciaram logo o processo de selecção das fotografias por eles tiradas. Quando o Hélder e o Hugo terminaram a planificação das suas apresentações (número e temas dos cartazes, recursos a utilizar como as fotos, imagens, escrita e desenhos) passaram para a fase de selecção das fotografias. O Bruno e o Zé, depois de se debruçarem no mapa da bairro passaram para a fase de planificação das suas apresentações. Não realizaram mais nenhuma tarefa uma vez que ainda não tiraram as fotografias.

Relativamente à selecção das fotografias ficou decidido que os meninos escolheriam 5/6 fotografias por cartaz, ou seja, por área temática de interesse. O Miguel, o

Hélder, o Milton e o Hugo seleccionaram as fotografias e iniciaram a legendagem no verso destas.

No final da sessão, os meninos perguntaram se podiam guardar em casa as fotografias não seleccionadas e se podiam levar para casa as fotografias escolhidas para mostrarem às suas famílias. Assenti ao seu pedido. O Hélder preferiu deixar as fotografias seleccionadas guardadas numa mica no dossier do grupo. Antes de irem embora, cada um registou a sua presença numa folha individual, no dossier do grupo. Escreveram coisas como “Eu sou o ...” ; “foi fixe”; “hoje o Fred trouxe as fotos”.

Durante a sessão o Hélder perguntou-me como iríamos contactar o grupo de meninos do “Sai do Bairro” e entendeu que ao escreverem uma carta ou um email teriam de dizer quem eram e o que tinham feito até ao momento. A sessão não foi gravada uma vez que as crianças não estavam sozinhas na sede. Contudo, foi interessante observar como os “estranhos” ao grupo, incluindo uma das avós deste bairro, foram tomando atenção ao que foi sucedendo.

Antes de ir embora, o Zé Luís falou-me da possibilidade de elaborarmos uma candidatura, baseada neste projecto de mestrado, à “Fundação edp” no âmbito do “Programa edp Solidária “, uma iniciativa que visa apoiar projectos que têm por base a melhoria da qualidade de vida e a integração de pessoas ou comunidades em risco de exclusão social. O Zé Luís sugeriu que poderia ser interessante e positivo para estas crianças terem a oportunidade, no âmbito deste projecto, de viajarem até Cabo-Verde para estabelecerem um contacto mais profundo e directo com as suas raízes e origens culturais. Pensei desde logo que esta iniciativa seria uma óptima ideia como finalização do projecto de mestrado. Para as crianças isto constituiria uma oportunidade única ao nível do diálogo intercultural. Disse ao Zé Luís que seria importante desde já estabelecer contacto com uma escola em Cabo-Verde de forma a que as crianças do Pombal pudessem iniciar o diálogo com as crianças de Cabo-Verde.

5 de Fevereiro 2009

A Eliana, uma das responsáveis pelo Projecto “Sai do Bairro”, ligou-me para me dizer que poderia haver a possibilidade do “Sai do Bairro” ser alargado o que significaria uma possível partilha de recursos materiais e algum apoio ao nível de inter-locação no desenvolvimento do projecto no Pombal. Fiquei muito contente com esta possibilidade, uma vez que seria útil e importante em termos da investigação-acção, de forma a melhorar

a minha acção em campo, uma partilha directa de ideias e do trabalho com os responsáveis técnicos do Sai do Bairro. Falei à Eliana da ideia relacionada com a viagem a Cabo-Verde e da candidatura ao “Programa edp Solidária 2009”, sugerindo que as crianças do “Sai do Bairro” poderiam também estar incluídas nessa iniciativa. Conversámos ainda como seria valioso em termos de diálogo intercultural e de construção alargada do “nós” ao nível identitário comum “glocal” (fusão dos conceitos local e global) após o contacto e partilha entre as crianças de Loures e do Pombal, alargar o contacto e a partilha das construções simbólicas e materiais desenvolvidas por ambos os grupos com os meninos de Cabo-Verde.

12º encontro

11 de Fevereiro, 19h30m-20h45m

Estiveram presentes o Luís, o Milton, o Bruno e o Zé. O Hélder, o Hugo, o Miguel e o Ivan não compareceram. Questionei as crianças em relação à ausência dos outros. Em relação ao Miguel, referiram que ele não estava presente pois, de momento, encontra-se na Casa da Fonte em Oeiras, uma instituição que acolhe crianças e jovens em situação de risco. Os meninos disseram que não sabiam se os responsáveis da instituição permitiriam que ele continuasse a participar no projecto. Disseram, também, que iriam conversar com o Miguel, na escola, e saber se ele poderia continuar no projecto. As crianças presentes nesta sessão mostraram-se preocupadas com a situação actual do Miguel, pois, para além da relação de amizade que têm com ele, reconhecem-no como um dos membros do grupo, isto é, como pertencente do “nós” colectivo edificado por eles no âmbito deste projecto.

Em relação ao Hugo, disseram que ele estava de castigo e que por isso a mãe não o deixou participar na sessão. No que concerne ao Ivan, lembrei ao grupo as ausências constantes dele. O Luís considera que o Ivan não deverá participar mais no projecto uma vez que ele não se mostra interessado e que raramente aparece nas sessões de grupo. Sobre isto sugeri que se o Ivan não comparecer na próxima sessão, significará que deixaremos de contar com ele como membro activo e participante do projecto. Pedi, também, aos meninos para conversarem com o Ivan sobre este assunto e que na próxima sessão o grupo teria que decidir sobre a continuidade ou não participação do Ivan no projecto.

Confrontei o Luís pelo facto de não ter comparecido na sessão anterior. Ele disse que ficou em casa a ver o jogo de futebol do Benfica na televisão. Não o censurei tendo-lhe frisado, apenas, que a presença dele nas sessões é muito importante e lembrei que o

projecto que estamos a desenvolver somente faz sentido com a presença e participação de cada uma das crianças. O Luís estava ansioso por visualizar as fotografias que tirou.

Entreguei as máquinas fotográficas descartáveis ao Bruno e ao Zé. Expliquei-lhes o funcionamento destas. Resolveram tirar umas primeiras fotos dentro da sede, ou seja, onde nos encontrávamos. Combinei com eles que na terça-feira da semana seguinte devolver-me-iam as máquinas, para que na sessão do dia 18 eu pudesse trazer as fotografias reveladas. Convidei-os a ficarem na sede, para assistirem a esta sessão. Eles resolveram ir tirar algumas fotos ao bairro e depois regressaram para se despedirem e voltarem para casa.

Fiquei na sede só com o Luís e o Milton. Eles debruçaram-se na legendagem das fotografias, no seu verso. O Milton, já tendo escolhido as fotos para usar nos seus cartazes na sessão anterior, continuou a legendar as fotografias. O Luís seleccionou as fotografias e de seguida fez a legendagem das mesmas. As fotos que ele não seleccionou para os cartazes, levou-as para casa. No caso do Milton, as fotos não seleccionadas foram entregues ao Hugo que entretanto apareceu na sessão, pois tinha ido às compras ao supermercado do bairro com a irmã (mais velha que ele). O Hugo entrou na sede e disse que estava de castigo. Mostrou-se muito curioso em relação ao que os outros meninos estavam a fazer. Conversei com a irmã dele e frisei que a participação do Hugo no projecto era muito importante e pedi-lhe que ela transmitisse essa informação à mãe do Hugo.

O Milton e o Luís estiveram empenhados na realização das actividades propostas. No final sugeri que guardassem as fotografias para cada cartaz que vão construir em transparências (micas) separadas, dentro do dossier do grupo. Antes de guardarem as fotografias, valorizei a actividade desenvolvida como uma forma de participação infantil. Para tal, observei cada fotografia escolhida e sugeri as correcções ortográficas necessárias em relação às legendas.

Observei que o Luís explorou mais o conteúdo da cada fotografia em relação ao Milton. Percebi que o Milton tem maiores dificuldades em escrever em Português. Será importante na próxima sessão, dizer aos actores sociais participantes presentes que eles podem acrescentar mais informação às legendas das fotografias, se assim o desejarem, e que posso ajudá-los a escrever correctamente. Ao transmitir esta informação ao grupo, isso poderá actuar como um estímulo e um incentivo ao uso da forma de registo escrito para aqueles que se sentem menos à vontade com a escrita. Disse, também, que para além da

escrita, existem outras formas de expressar as ideias e as opiniões, como por exemplo o uso de imagens e de desenhos.

Durante a sessão, o Milton esteve, a maior parte do tempo, calado, enquanto que o Luís mostrou-se mais falador e menos conformado. As duas crianças não dialogaram muito uma com a outra. O Luís foi fazendo várias sugestões em relação à legendagem das fotos por parte do Milton.

No final, combinámos a próxima sessão para a quarta-feira seguinte, uma vez que por motivos familiares eu não poderia comparecer na sexta-feira, dia 13 de Fevereiro. Pedi-lhes para avisarem os outros meninos. Registaram a sua presença no dossier do projecto. O Luís escreveu que “hoje o projecto foi muito fixe e o Hugo, o Hélder, o Miguel e o Ivan faltaram e perderam esta aula de projecto”. O Milton apenas fez um desenho.

Antes de sairmos da sede, o Luís decidiu legendar a lombada do dossier do projecto e escreveu P.D.P (Putos do Pombal).

13º encontro 18 de Fevereiro, 19h45m-20h30m-sessão gravada

Estiveram presentes nesta sessão o Bruno, o Milton, o Zé, o Hugo e o Luís. O Ivan voltou a não comparecer. O Hélder faltou pois foi visitar familiares, no entanto, no final da sessão apareceu. O Miguel continua na Casa da Fonte e por esse motivo não compareceu nesta sessão.

O Milton já estava na sede quando eu cheguei às 19h20m. Pedi-lhe que fosse chamar os outros. O grupo apenas ficou reunido às 19h45 minutos. Questionei as crianças sobre o seu atraso e algumas delas disseram-me que tinham estado no treino de futebol. Falei-lhes que pensava que os treinos estavam marcados para outros dias da semana e relembrei-lhes que tinham sido elas a escolher os dias de quarta e de terça-feira para os encontros do projecto. Disseram-me que não tinham culpa pois quem marcou os dias do futebol tinha sido o treinador. Questionei-as sobre a importância do projecto nas vidas delas e sobre as questões de compromisso face à participação e horários destinados à realização de actividades do projecto. Falei-lhes também do meu empenho, gosto e trabalho para com o projecto e para com elas próprias. Usei por esta altura a “televisão de cartão” para ter as atenções dos meninos voltadas para mim. Voltei a lembrar que os meninos que não estão interessados no projecto podem desistir. Nenhuma das crianças quer desistir. De forma a fortalecer as relações interpessoais e o espírito de grupo, e reforçar o compromisso e empenho das crianças no projecto, aproveitei estarmos sentados à volta

de uma mesa e disse “quem quer continuar a participar no projecto e faltar apenas por uma razão muito importante (doença, testes no dia seguinte) que ponha a sua mão em cima da minha, no centro da mesa”. Todos os meninos colocaram a mão, sendo que o último foi o Hugo, fazendo-o com pouca garra e com pouco interesse.

Posto isto, voltámos a conversar sobre os direitos e deveres dos membros do grupo, remarcámos os dias dos encontros, tendo sido decidido pelas crianças encontrarmo-nos às terças e sextas-feiras. Fiz, também, uma síntese do que havia sido desenvolvido na sessão anterior e expliquei que o Zé e o Bruno iriam começar a debruçar-se sobre a flanela preta que será usada, por um lado, como forma de calendário no qual serão registadas as actividades desenvolvidas pelos meninos, e por outro, para afixar comentários e alguns dos produtos comunicacionais produzidos pelas crianças.

O Zé e o Bruno começaram a escrever em folhas A4 alguns comentários sobre o projecto. O Zé foi mais activo nesta tarefa, enquanto que o Bruno colocou-me várias questões sobre a função da flanela e como iria ser usada. Os restantes meninos, o Luís, o Milton e o Hugo começaram a pensar como iriam dispor as fotografias nos cartazes de apresentação. Todos os meninos debruçaram-se sobre a sua tarefas de forma bastante confusa e desorganizada, e não conseguiram estruturar as suas ideias, vagueando pelo espaço da sede, ocupando-se com brincadeiras e desinvestindo nas tarefas propostas. Fiz várias tentativas de redireccionar as atenções e interesses das crianças para as actividades a desenvolver, contudo, foram infrutíferas. Nesta altura, optei por terminar o encontro, o que coincidiu com a chegada do Zé Luís (o presidente da Pombal XXI), as crianças ficaram um pouco surpreendidas mas não se opuseram à minha decisão.

Será importante conversar com as crianças na próxima sessão e auscultar e perceber o ponto de vista destas sobre o sucedido. Desta forma, estamos a minimizar, por um lado, os efeitos negativos na relação interpessoal entre Animador e os restantes actores sociais decorrentes do conflito suscitado, e por outro, incentivar as crianças a procurar as suas próprias soluções e respostas para evitar episódios semelhantes no futuro, ou seja estamos a incentivar para a organização, participação e expressão infantil.

14º encontro 20 de Fevereiro, 19h30m-20h45m

Estiveram presentes o Milton, o Zé, o Bruno, o Luís e o Hugo. O Ivan não compareceu, o Hélder voltou a faltar e o Miguel não pôde estar presente pois continua na Casa da Fonte. Sobre a ausência do Ivan, o grupo decidiu que ele não deve ser considerado

mais como um dos membros do projecto. No dia anterior, 19/02, conversei com o Ivan e ele garantiu-me que iria estar com o grupo na sexta-feira (20/02) e que queria fazer parte do projecto. Conversámos sobre os dias de reunião do projecto coincidirem com os treinos de futebol da escola Mário Wilson, ao que o Ivan simplesmente respondeu que nesse caso não iria comparecer no projecto. Falei-lhe que poderia ir lá, de qualquer forma, para que lhe possa entregar as fotos que ele tirou, e com o objectivo de o voltar a incluir no grupo por influência da participação e envolvimento dos restantes membros do grupo e dos produtos comunicacionais físicos já produzidos. Infelizmente, o Ivan não compareceu. Quanto ao Hélder, pedi ao Bruno para que fosse a casa chamá-lo. O Bruno regressou dizendo que o Hélder lhe tinha dito que não podia ir à sessão. As outras crianças não se pronunciaram sobre os possíveis motivos que levam à ausência do Hélder.

Decidi que deveria falar com as crianças sobre o que se tinha passado na última sessão, já quando elas estivessem envolvidas nas suas tarefas relacionadas com a apresentação nos cartazes. Pensei que desta forma, seria mais fácil obter os testemunhos deles sobre esse assunto. As crianças não acrescentaram nada em relação ao sucedido, apenas confirmaram que a sessão não correu bem. Ao mesmo tempo, não me pareceram muito interessadas em explorar o sucedido.

O Milton, o Luís e o Hugo debruçaram-se sobre a construção dos cartazes, colando as fotografias nos vários cartazes consoante o tema e escrevendo por baixo das fotografias a respectiva legenda. Os três actores sociais participaram com agrado e empenho nesta actividade. Sugeri que usassem o chão para trabalhar, por dois motivos. O primeiro prende-se com o querer desconstruir o clima e o ambiente físico escolar a que as crianças estão tão habituadas e familiarizadas. Com a recriação do espaço físico procuro uma estimulação para uma mais genuína opinião e pensamentos por parte das crianças por oposto ao “escolarmente correcto”. A segunda razão está relacionada com a falta de espaço físico dentro da sede, uma vez que parte do espaço estava ocupado com material escolar a ser enviado para Cabo-Verde. O Luís mostrou muito empenho e interesse nesta tarefa.

O Bruno e o Zé tiveram o primeiro contacto com as fotografias por eles tiradas. Seleccionaram as fotografias para os cartazes a apresentar. O Bruno iria inicialmente construir três cartazes, decidindo-se apenas por dois (o do Bairro do Pombal e o dos amigos, prescindido o da família). O Bruno não queria escrever as legendas no verso das fotografias. Penso que isto se deve ao facto de ele não saber escrever bem. Incentivei-o a

falar sobre as fotografias e escrevi eu os seus comentários no verso destas. O Zé foi mais autónomo, tendo sido ele a escrever as legendas das suas fotografias.

Nenhuma das crianças trouxe consigo um objecto pessoal para deixar na sede como artefacto simbólico da sua pertença ao grupo e participação no projecto. Eu levei um atacador de sapatilha. A princípio estranharam que eu tivesse surgido com este objecto. Peguei no atacador e dei seis nós ao longo deste, explicando que cada nó simbolizava um dos elementos do grupo, incluindo eu próprio. Disse também que cada nó só seria desfeito pela desistência de algum dos elementos.

A “televisão de cartão” já é usada pelas crianças com mais seriedade quando querem comunicar algo de importante ao grupo.

Durante a sessão, as crianças dirigem-se, com alguma frequência, a mim chamando-me professor. Relembro-lhes para me chamarem pelo meu nome. Sobre isto perguntei-lhes se o que fazíamos na sede era parecido com o que faziam na escola. Disseram que os recursos materiais que usam são os mesmos que existem na escola. Em relação ao chamarem-me, algumas vezes, de professor, disseram que estão habituados a conviver com os professores e que têm dificuldade em separar o contexto educativo formal do contexto educativo não formal. Relembrei-lhes das diferenças entre estes dois contextos de educação distintos em função dos produtos comunicacionais desenvolvidos por eles, no contexto do projecto até ao momento, e das questões relativas aos direitos de participação das crianças.

No final, as crianças registaram no dossier a sua presença e foram consensuais em relação ao agrado sentido durante esta sessão.

15º encontro 3 de Março, 19h30m-20h45m

Estiveram presentes o Zé, o Bruno e o Luís. Os dois primeiros chegaram juntos, enquanto que o Luís chegou depois. O Milton, o Hugo, o Hélder e o Miguel não compareceram. O Miguel continua na “Casa da Fonte” e o Hugo encontra-se de castigo e por isso a mãe não o deixou participar nesta sessão do projecto. Em relação ao Milton e ao Hélder, as crianças presentes desconheciam a razão das suas ausências. Neste seguimento, conversámos sobre a importância da presença de todos os elementos do grupo. As crianças presentes não se sentem ainda parte de um grupo, encontram-se muito centradas nas suas construções físicas e simbólicas individuais, nomeadamente os portefólios de apresentação individuais.

Neste sentido, e de forma a cimentar e a resgatar a identidade colectiva do grupo como actores sociais participantes, na próxima sessão é crucial implementar uma actividade através da qual se gere um processo colectivo de construção de produtos comunicacionais físicos, de forma a serem apropriados como um registo simbólico e colectivo, tornando o processo gerado como capacitador de relações dialógicas num quadro de alteridade (promovendo o estabelecimento de relações interpessoais de cooperação e motivando para o conhecimento do outro) e de tomada de decisão (empoderamento).

O Bruno e o Zé concluíram os seus cartazes de apresentação, enquanto que o Luís construiu mais um cartaz. O grupo depois debruçou-se na flanela preta. Informei-os que a flanela iria servir para colocar registos e informações sobre as actividades que foram sendo desenvolvidas no projecto até ao momento, sobre as outras actividades que virão a ser encetadas, e, também, ideias e opiniões que eles desejem registar. Isto proporcionou um momento de diálogo entre os actores sociais presentes sobre o início do projecto e sobre o percurso traçado. As crianças conversaram sobre o primeiro contacto que tiveram com o projecto, que coincidiu com a altura em que eu e elas nos conhecemos no treino de futebol; sobre terem sido elas próprias a escolher o horário dos encontros na sede; sobre o dossier do projecto e a caixa de material e sobre as diferenças entre o trabalho que desenvolvem na escola e as actividades desenvolvidas na sede, no âmbito do projecto. Disseram que gostariam que na escola pudessem estar mais vezes a fazer trabalhos no chão. Conversaram, também sobre a apresentação delas próprias aos meninos e meninas do Talude. Constataram também que todo o grupo do projecto é constituído por elementos do sexo masculino.

Destes diálogos resultaram alguns comentários escritos pelo Luís, em folhas A4, e afixados na flanela preta sobre o primeiro contacto com o projecto, o mapa do bairro construído em papel de cenário, a actividade de tirar as fotografias...

O Zé saiu mais cedo e o Hélder apareceu no final da sessão. Conversei com ele sobre a importância dele estar presente, mostrei-lhe os cartazes já construídos e o “atacador”. Falei-lhe que os nós do atacador significavam cada elemento do grupo a participar no projecto. Disse-lhe que na próxima sessão seria importante que ele trouxesse um objecto dele para deixar na sede, como símbolo da sua vontade e compromisso em participar no projecto e fazer parte do grupo.

16º encontro 6 de Março, 19h15m-20h30m

Estiveram presentes as seis crianças que participam no projecto, o Hélder, o Luís, o Bruno, o Milton, o Zé e o Hugo. Quando cheguei à sede da Pombal XXI, todos os meninos, excepto o Hélder e o Milton, estavam no passeio a jogar futebol à minha espera. O Hélder juntou-se pouco depois e o Milton apareceu com o Zé Luís, o Presidente da Pombal XXI. Os meninos estavam ansiosos por entrar na sede, no entanto, só mais tarde, já próximo das 20h15, foi possível termos acesso à sede uma vez que as chaves da porta só foram encontradas a essa hora.

Durante este período de espera, tentei reunir todo o grupo no passeio exterior junto à entrada da sede, e conversar sobre o contactar o grupo dos meninos e meninas do “Sai do Bairro”, sendo necessário para tal, a construção de uma apresentação colectiva do grupo (Os Putos do Pombal), aproveitando para esse efeito o material já produzido individualmente por cada elemento do grupo, nomeadamente, os cartazes com as fotografias. A ideia subjacente a isto, seria o de gerar um processo colectivo de escolha e de selecção dos recursos já produzidos, com os objectivos de promover a coesão do grupo e a identidade colectiva num quadro de alteridade e de construção dialógica.

Apesar de todas as crianças envolvidas no projecto estarem presentes, apenas três delas, o Milton, o Luís e o Bruno estavam interessadas em escutar as minhas propostas. Os restantes, o Hugo, o Zé e o Hélder, continuaram a brincar e não se envolveram nesta partilha e diálogo de ideias. Apercebi-me, também, que as crianças envolvidas e interessadas estavam a fazer um esforço grande para não se deixarem contagiar pela brincadeira dos outros. Senti que o meu papel como animador do grupo não estava a ser frutífero, sendo muito difícil conseguir a atenção das crianças desinteressadas. Penso que se estivéssemos a conversar no interior da sede teria obtido melhores resultados. O ambiente-contexto exterior associado, naturalmente, à brincadeira e ao jogo, estava a exercer uma influência mais forte no comportamento das crianças do que as estratégias usadas por mim, como animador, na animação do grupo.

Antes de entrarmos na sede, comecei por ler às crianças a cartas que os meninos e meninas do “Sai do Bairro” trocaram com outros grupos de crianças. Inicialmente, isto suscitou curiosidade às crianças menos interessadas, dirigindo a atenção delas para a escuta das cartas. Entrámos na sede e continuámos com a leitura das cartas, gerando-se um curto diálogo entre todas as crianças sobre as suas origens. Concluíram que todos eles estão

ligados a Cabo-Verde por motivos de ordem familiares. Rapidamente, voltaram a envolverem-se em brincadeiras, nomeadamente, o Hugo, o Hélder e o Zé. Decidimos afixar os cartazes de apresentação individuais, para se iniciar a escolha e selecção colectiva das fotografias e das legendas. Contudo, limitaram-se a olhar para todos os cartazes enquanto se iam envolvendo em brincadeiras.

Já bastante extenuado e frustrado, dei por encerrada a sessão. Retirei os cartazes enquanto relembra às crianças que o projecto depende da participação, envolvimento e interesse delas próprias, e que elas eram livres de desistir, caso não estivessem interessadas, e que não tinham o direito de privar os outros interessados através das brincadeiras.

O Luís foi o único a trazer o objecto pessoal para ficar na sede e se juntar ao “atacador” que eu levei. O objecto foi um jogo electrónico de bolso.

Penso que o grupo destes seis meninos vai ser alterado. No momento, apenas três destas crianças, o Bruno, o Luís e o Milton, estão verdadeiramente interessadas em participar no projecto. Passadas quinze encontros com as crianças, deparo-me com um problema grave: estas crianças ainda não se constituíram como grupo, havendo algumas que possivelmente irão desistir, ou que com a sua presença estão a contribuir negativamente para a evolução e desenvolvimento do projecto por parte das outras crianças interessadas. Penso, também, que a não existência de meninas no grupo, afecta, numa primeira instância, a heterogeneidade do grupo ao nível do género, e numa segunda instância, possivelmente poderia contribuir para apaziguar os efeitos indesejáveis decorrentes das brincadeiras entre os meninos.

Neste sentido, penso que é importante e crucial para a sobrevivência e gestão do projecto, a apresentação colectiva do grupo a outros e a inclusão de meninas no grupo. Desta forma, na próxima sessão vou conversar com os meninos interessados e pedir que eles contactem algumas meninas do bairro do Pombal, e as convidem para participar no projecto.

17º encontro 10 de Março, 19h30m-21h00m

Estiveram presentes os seis meninos que integram o projecto até ao momento, o Hélder, o Luís, o Bruno, o Zé, o Milton e o Hugo. Quando cheguei à sede, já se encontravam todos junto à entrada, à minha espera, excepto o Zé. O Luís veio logo ter comigo e disse-me que o Zé lhe tinha transmitido que não queria participar mais. Passado

poucos instantes, o Zé passou de bicicleta na rua, parou e juntou-se ao grupo. Entrámos todos juntos na sede. O Bruno informou-me que tinha de sair mais cedo, por volta das 20horas. O Hugo trouxe com ele o “objecto pessoal” para deixar na sede e juntar ao atacador e ao jogo electrónico de bolso. Ao ver o atacador, o Hélder perguntou se podia dar o nó correspondente à participação dele como membro do grupo. Contou os nós e enunciou o nome de cada uma das pessoas do grupo.

A sessão começou com bastante barulho e alguma confusão. A transição do contexto exterior “rua” para o contexto interior “sala” é sempre realizada com alguma turbulência. Começámos por afixar os cartazes individuais de apresentação, construídos pelos meninos, numa das paredes da sala. Nesta altura, o Hélder perguntou se podia colar as fotografias tiradas por ele num cartaz, uma vez que ainda não tinha realizado essa tarefa. Acedi ao seu pedido e o Zé e o Hugo juntaram-se a ele para o ajudar. Conversaram sobre as fotos tiradas, fazendo comentários sobre o conteúdo das mesmas. Os restantes meninos fizeram o mesmo com os cartazes afixados. O cartaz do Hélder ficou pronto e legendado em pouco tempo, tendo sido depois afixado na parede junto aos outros. De seguida, o Luís pegou na “televisão de cartão” e transmitiu ao resto do grupo que se alguém não tivesse mais vontade de participar no projecto e quisesse desistir, que o deveria fazer. Ele estava, claramente, a referir-se ao Zé. Este, por sua vez, retorquiu “cala essa boca”. De forma, a não gerar conflitos interpessoais entre as crianças e, também, para que o Zé não se sentisse embaraçado, apenas lembrei que qualquer um dos meninos podia desistir quando quisesse e que a desistência de qualquer um iria sempre afectar todo o grupo. Anunciei, depois, a proposta para a actividade a realizar na sessão, consoante o que tinha sido planeado no encontro anterior. O Bruno saiu da sessão às 19h55m e o Zé acompanhou-o. Penso que o Zé não está mesmo motivado para continuar o projecto, aproveitando a saída do Bruno para ele próprio se escapulir.

Nesta altura, o grupo na sala ficou reduzido a quatro meninos que voltaram a dispersar as suas atenções, envolvendo-se em brincadeiras. Propus, então, escrevermos em dois pedaços de cartão os deveres e os direitos dos participantes do projecto. Limitando-me, apenas a escrever o que era referido pelos meninos. Como direitos, referiram “o participar, o aprender, o desistir.” Como deveres, apontaram, o não brincar com as cadeiras, não falar enquanto o outro está a transmitir algo ao grupo, não gozar com a letra e

não gozar com os colegas”. Os direitos e os deveres ficaram em aberto para que possam acrescentar outros que forem sendo apontados pelas crianças nas sessões posteriores.

Posto isto, voltei a falar com o grupo sobre a apresentação aos meninos do “sai do bairro” e sobre os cartazes de apresentação. Os meninos começaram por sugerir o título do cartaz do grupo, optando pelo nome do grupo, os “PDP” (Putos do Pombal). Voltaram-se para a escolha das fotografias mas tiveram dificuldade em chegar a um consenso sobre quais haveriam de escolher. Sugerir que, tal como tinham feito inicialmente com os cartazes individuais agrupando-os por diferentes temáticas, poderiam proceder da mesma forma em relação ao(s) cartaz(es) para a apresentação do grupo.

Isto suscitou um processo de diálogo entre as crianças, resultando na escolha das áreas temáticas de cada cartaz colectivo. Desta forma, os meninos decidiram que iriam construir um cartaz sobre a escola, um sobre o bairro, um sobre a família, um sobre os amigos e um outro com o título “as coisas importantes”. Enquanto conversavam sobre os temas dos cartazes e observavam as fotografias expostas, os meninos referiram que na escola gostariam de falar mais vezes crioulo uns com os outros para poder ensiná-lo a outras crianças. Durante este processo, os meninos sentaram-se nas cadeiras e foram trocando e partilhando diferentes opiniões e pontos de vista em relação aos assuntos relacionados com as diferentes temáticas dos cartazes, nomeadamente a escola, o bairro e a forma de escolherem as fotografias. Valorizei a capacidade de reunião e de diálogo dos meninos. Sugerir que por área temática as crianças escolhessem cinco a seis fotografias, de forma a encetar um novo processo de construção dialógica associado à selecção das fotografias e enquadramento na área temática de cada cartaz. As crianças tiveram muita dificuldade em tomar uma decisão colectiva e unânime em relação às escolhas das fotografias. Por esta altura, o Hugo saiu da sessão uma vez que já estava na hora de ele ir jantar. Antes de sair, escreveu ainda numa folha A4 “não vou desistir do projecto, o Fred é uma pessoa especial para mim”. Até ao final da sessão ficaram comigo o Milton, o Luís e o Hélder.

Com o grupo mais reduzido, e apesar da diminuição das interacções entre os vários membros, iniciámos o processo de escolha das fotografias para cada cartaz. Optaram por escolher as fotos que, segundo a perspectiva dos três meninos, melhor reflectiam as representações deles sobre cada um dos espaços estruturais/áreas temáticas. Escolheram duas a três fotos cada um por cada área temática. Não conseguiram explicar o processo que

os levou a fazer as escolhas. Nesta altura, entraram na sede o Zé Luís e o Flu, apenas por breves instantes, e voltaram a sair. Os meninos escolheram as fotos para o cartaz da escola, do bairro e da família.

Durante todo este processo de diálogo, de tomada de decisões colectivas e de participação infantil, as crianças fizeram várias perguntas sobre o projecto dos meninos e meninas do “sai do Bairro”, nomeadamente, se eles tinham feito uma apresentação do grupo deles, se o projecto deles ainda existia, ou se já tinha acabado e sobre o encontro entre os dois grupos.

No final, antes de saírem da sede, voltaram a pegar nos cartões dos direitos e deveres e leram-nos em voz alta junto ao microfone do computador, dizendo ainda que iriam acrescentar mais direitos e deveres.

18ª encontro 17 de Março, 19h30m-20h45m-sessão gravada

Estiveram presentes todos os meninos do grupo à excepção do Zé. Quando cheguei à sede já lá se encontravam o Bruno, o Hélder e o Luís. Entrámos na sede e o Luís pediu para ir chamar o Hugo a casa, regressando à sede sozinho. Pouco depois juntou-se ao grupo o Milton. O Hugo foi o último a chegar.

Afixei os cartazes com a ajuda do Bruno e do Hélder à medida que lhes fui relembrando o que o grupo havia feito na última sessão, nomeadamente a escolha das fotografias para os cartazes colectivos do bairro, da escola e da família. O Bruno, em virtude de ter saído da última sessão mais cedo, escolheu com a ajuda do Hélder as fotografias para juntar ao cartaz da família, à medida que iam dialogando sobre o conteúdo das mesmas. Voltaram-se, em seguida, para as fotografias afixadas de modo a iniciarem a escolha das fotografias para o cartaz colectivo referente aos amigos. Por esta altura o Luís reentrou na sede e juntou-se a eles. Passado uns instantes, o Milton chegou à sede e depois seguiu-se o Hugo. Ambos os meninos juntaram-se de imediato ao processo de interacção comunicativo e dialógico nos quais os restantes actores estavam envolvidos.

As actividades desenvolvidas na sessão foram a escolha das fotografias para os cartazes colectivos dos “amigos” e “das coisas mais importantes”. Seleccionaram sete fotografias para o primeiro e cinco fotografias para o segundo.

Em relação ao processo de escolha das fotografias para ambos os cartazes colectivo, as crianças foram se articulando, experimentando várias estratégias para poder chegar a um consenso. Começaram por explorar o conteúdo das fotografias disponíveis,

conversando sobre quais das fotografias poderiam ser incluídas no cartaz colectivo. Neste processo foram discutindo a importância e relevância de cada imagem. Depois de terem um número mais restrito de fotografias, propuseram um sistema de votação democrática no qual perante cada fotografia exibida por uma das crianças, as outras e ela própria diziam se escolhiam ou não a fotografia. Se o número de votos a favor fosse superior aos votos contra, a fotografia seria escolhida. Em algumas das fotografias e apesar de haver mais votos favoráveis, as fotografias foram trocadas por outras. As crianças descontentes comunicaram as suas razões e o grupo cedeu aos seus apelos.

Durante os diálogos estabelecidos entre os actores sociais participantes ao longo da sessão, os assuntos mais explorados foram:

a) a escola, nomeadamente, as características das salas de aulas. As salas preferidas são as salas que têm ou que vão ter quadros interactivos; conversaram, também, sobre os resultados das provas de aferição e dos testes.

b) o bairro, em especial a garagem do bairro que aparece como muito importante pois é lá que os meninos enchem as bolas de futebol e os pneus da bicicleta; o parque infantil, o campo de futebol e as ruas surgem como espaços privilegiados para brincar; a dimensão do bairro, a creche e os prédios novos porque fazem o bairro maior, e os automóveis que aparecem nas fotografias.

c) os amigos, nomeadamente, conversaram sobre a ausência do Miguel e a estadia dele na Casa da Fonte.

d) os direitos e deveres dos participantes nas sessões do projecto, nomeadamente, releeram ambos e acrescentaram mais deveres.

Às 20h30m, o Hugo e o Milton foram para casa. Faltavam ainda escolher duas fotos mais para o cartaz colectivo das “coisas mais importantes”. O Luís, o Hélder e o Bruno levaram a cabo essa tarefa. Tiveram alguma dificuldade em chegar a um consenso e dialogar sobre o assunto. Penso que por esta altura os meninos já estavam cansados. Acabámos a sessão a conversar sobre o que iríamos fazer nas sessões seguintes, nomeadamente, a construção dos cartazes colectivos; o contactar com os meninos e meninas do Talude e de Cabo-Verde; o convite para os pais e familiares aparecerem na sede para ver os cartazes e tudo o que foi construído até ao momento no projecto; o uso da flanela preta como forma de registo das tarefas desenvolvidas e fio condutor de todo o

processo; a viagem à Universidade de Aveiro; e a construção de uma proposta de actividades para serem desenvolvidas no Dia Mundial da Criança.

19º encontro 20 de Março, 19h30m-20h30

Estiveram presentes as seis crianças que participam no projecto. O Zé saiu mais cedo e apenas permaneceu na sessão durante pouco tempo. Foi uma sessão na qual foi extremamente difícil desenvolver contextos de interacção através dos quais as crianças, como actores sociais participantes, envolvendo-se em processos de dialógicos decorrentes da actividade a realizar.

Os meninos participaram através da colagem das fotografias previamente escolhidas nas sessões anteriores para serem usadas em cada um dos cinco cartazes e na atribuição dos títulos dos cartazes. Os títulos escolhidos para os cartazes e que foram escritos no topo dos mesmos foram: “AS MUITAS COISAS IMPORTANTES”; “A ESCOLA DOS PDP”; “A FAMÍLIA DOS PDP”; “OS NOSSOS AMIGOS DO BAIRRO POMBAL”; O BAIRRO DOS PDP PUTOS DO POMBAL”. Em alguns dos cartazes os meninos alteraram o comentário por baixo das fotografias. Deixando, no entanto a maioria das fotos com os comentários já existentes provenientes da altura prévia na qual cada menino construiu o seu cartaz.

À medida que estes processos se foram desenvolvendo, durante esta sessão, o grupo foi observando as fotografias, discutindo o conteúdo das fotografias e os títulos dos cartazes. Contudo, observei que o grupo estava desmotivado e agitado, gerando-se muita brincadeira e confusão. Depois de reflectir sobre este assunto, penso que esta actividade de auto-apresentação do grupo já se arrasta há muito tempo, o que poderá estar a contribuir, em larga medida, para as dificuldades sentidas no estabelecimento dos contextos de interacção.

O Bruno sugeriu que todo o grupo poderia visitar o Miguel à Casa da Fonte e levar os cartazes para lhe mostrar. Fiquei de conversar com os responsáveis da Casa da Fonte e averiguar quais as possibilidades de visitar o Miguel. O resto das crianças gostou da ideia. O grupo conversou um pouco sobre a ideia sugerida, nomeadamente, o dia possível para realizar a visita.

20º encontro 24 de Março, 19h30-20h45-sessão gravada

Uma vez que a actividade relativa à construção dos cartazes colectivos, como forma de auto-apresentação para o outro, ter que ser terminada para evitar que o grupo desmotive e perda o interesse em participar no projecto, transmiti que a sessão de hoje seria a última dedicada à construção dos cartazes. Estiveram presentes o Bruno, o Milton, o Hélder, o Hugo e o Luís. Apareceram com o Luís e o Hugo duas crianças novas, o Edson (nome verdadeiro é Vítor) e o João Filipe. O Zé não compareceu.

Começamos a sessão apenas com a presença do Milton e do Bruno. O Bruno referiu que os outros meninos não compareceriam. O Zé Luís, o presidente da Pombal XXI, estava na sede a estudar. Expliquei-lhes que hoje seria a última sessão dedicada à construção dos cartazes colectivos, e que era importante fazer novas legendas para a maior parte das fotografias com o objectivo de criar comentários colectivos.

Os dois meninos iniciaram a actividade de criar novas legendas no cartaz “A FAMILIA DOS PDP”. Nenhum deles queria escrever por motivos diferentes. O Bruno porque tem dificuldades em termos de ortografia e o Milton por falta de confiança e pela sua caligrafia. Sugeri que eu escreveria num papel separado o que eles diriam sobre as fotografias e depois um deles, ou os dois, reescreveriam os comentários por baixo de cada fotografia. Eles aceitaram a minha sugestão. Durante este processo não foram registados muitos diálogos e interacções entre as duas crianças, talvez porque a presença do Zé Luís fosse inibidora para os meninos. Por outro lado, o Milton é uma criança bastante reservada e pouco comunicativa. De qualquer forma, exploraram, de novo, os conteúdos da fotografias, observando-as e encontrando novas legendas para estas. Por outras palavras, participaram. O Hélder chegou passado 35 minutos desde o começo da sessão. Transmiti-lhe o que os outros dois meninos estavam a fazer. Com a chegada do Hélder os diálogos entre as crianças aumentaram, como também o nível de empenho do grupo na reconstrução dos comentários das fotografias. Os meninos falam muito sobre as diferenças nas capacidades individuais de cada um. Passaram depois para o cartaz com o título “OS NOSSOS AMIGOS DO BAIRRO DO POMBAL”, conversando sobre os vários amigos que estavam nas fotografias, especialmente deram particular atenção ao Miguel, voltando a sugerir que gostariam de visitá-lo e levar as fotografias. Por volta das 20h20m chegaram o Luís, o Hugo e com eles dois outros meninos que nunca tinham estado na sede a participar no projecto, o Edson e o João Filipe. O Edson começou logo a participar reescrevendo uma

das legendas de um dos cartazes e a observar activamente as fotografias de cada cartaz. O João Filipe observou também as fotografias coladas nos cartazes. O Bruno saiu por volta das 20h30m. Pedi também para o grupo explicar aos meninos novos o que estavam a fazer e qual o intuito dessa acção. Falaram de contactar as crianças do Talude e de Cabo-Verde e mostrar-lhes os cartazes, e dos dias dos encontros para as sessões do projecto na sede. Convidaram os outros meninos a participarem. Analisaram cada cartaz, dialogando sobre os conteúdos expostos em cada fotografia (a parte da imagem e o comentário) e foram decidindo se fariam alguma alteração a estes antes de darem por finalizado a construção dos cartazes. Fizeram algumas alterações a nível do conteúdo e outras a nível da apresentação dos mesmos. O último cartaz a ser explorado foi o das “AS MUITAS COISAS IMPORTANTES”. O Hugo foi para casa, ficando até ao final da sessão o Hélder, o Luís, o Milton, o Edson e o João Filipe. Enquanto que o Edson envolveu-se mais activamente no processo de reformulação dos comentários das fotografias o João Filipe optou por fazer desenhos livres.

Antes de saírem já tendo terminado os cinco cartazes, falei aos meninos novos sobre a gravação das sessões. Convidei os meninos a falarem directamente para o microfone para falarem sobre o que tinham achado desta sessão. Os meninos aproximaram-se do microfone e duas das crianças decidiram entrevistar as restantes, perguntando-lhes o nome completo e as suas idades. Perguntaram também ao Edson o que ele tinha achado da sessão, dizendo primeiro que *“O Edson é novo e quer participar”*. Pela primeira vez um dos actores sociais do grupo usou a palavra “participar” em discurso directo.

21º encontro 31 de Março, 19h30-20h30

Estiveram presentes na sessão apenas duas crianças, o Hélder e o Milton. O Luís apareceu mas já a sessão havia sido concluída. As crianças não se pronunciaram em relação às ausências dos outros elementos do grupo. Desconheciam os motivos que os levaram a não comparecer. Na rua da sede estavam a decorrer alguns confrontos físicos entre alguns moradores do bairro.

No princípio da sessão, propus às duas crianças construirmos um calendário sobre as actividades e registos físicos construídos até ao momento desde o início do projecto, tendo em vista a apropriação do processo por parte das duas crianças. Numa folha de papel de cenário tracei uma recta na qual marquei com um “x” o início do projecto; mais à frente

assinalei a data presente. Pedi depois às crianças para irem assinalando na recta as actividades e registos por elas desenvolvidas e construídas numa sequência temporal. As duas crianças começaram por relatar tudo o que tinha sido desenvolvido. Registei no próprio papel de cenário tudo o que elas foram dizendo. De seguida, passaram para o assinalar de cada momento na recta. Como só tinha duas crianças presentes, decidi tomar o papel de anotador de forma a favorecer um melhor contexto de interacção dialógico entre as crianças.

Durante o desenrolar da sessão apareceram na sede três meninas que habitam, também, no bairro. Uma delas, a Nadine, mostrou-se bastante interessada no projecto. Os meninos convidaram-na a participar. A Nadine sugeriu, também, que os cartazes poderiam ser apresentados à comunidade, na festa do bairro. Enquanto estavam na sede, as três meninas observaram os cinco cartazes de apresentação dos PDP e o mapa do bairro dando a sua opinião em relação ao conteúdo das legendas, das próprias fotografias, do mapa, como também, em relação à carta que os meninos estavam a construir para o grupo de crianças do “Sai do Bairro”. Com a presença das três raparigas geraram-se conversas entre as crianças sobre os produtos comunicacionais físicos construídos até ao momento, o que contribuiu de forma significativa para a apropriação colectiva simbólica dos produtos comunicacionais edificados e para o desencadear dos mecanismos da participação infantil. Este foi o primeiro momento (não programado) que os meninos do projecto se apresentaram a um outro semelhante a eles numa relação de igualdade de poderes.

Durante o resto da sessão os meninos envolveram-se na continuação do processo de escrita da carta aos meninos do Talude e na carta aos meninos de Cabo-Verde. Finalizaram as duas cartas tendo estas sido registadas no papel de cenário. No entanto, como só estiveram presentes dois elementos do grupo, na próxima sessão, as cartas serão colocadas à consideração do resto do grupo. (ouvir gravação)

22º encontro 14 de Abril.

Foi uma sessão muito complicada em relação à criação de contextos de interacção entre as crianças. Estiveram presentes o Luís, o Hugo, o Milton e o Hélder. Os meninos não se mostraram receptivos para desenvolver nenhuma das actividades propostas. Encontravam-se muito agitados e passaram a maior parte do tempo a brincar entre eles, alheados dos conteúdos do projecto. Interessaram-se apenas com a ideia de fazer um filme

sobre o bairro mas não quiseram explorar os passos necessários para levar a cabo tal actividade.

Propus que voltássemos a encontrar-nos no dia seguinte para uma nova sessão.

23º encontro 15 de Abril, 20h-20h45

Estiveram presentes as quatro crianças do dia anterior. O Bruno voltou a não comparecer. O grupo desconhece as razões da ausência do Bruno. Os meninos não quiseram falar sobre o sucedido no dia anterior, tendo sido mais fácil gerar contextos de interacção. Contudo, envolveram-se pouco na discussão sobre a construção do filme.

Envolveram-se na leitura da carta para as crianças do Talude. Entre eles discutiram o seu conteúdo, uma vez que só o Hélder e o Milton tinham estado presentes na sessão referente à construção da carta. Foram introduzindo outros assuntos na conversa relacionados com a escola e com as suas brincadeiras. Sugerir que enviássemos a carta por email para o outro grupo de crianças. Ficaram entusiasmados com esta ideia, no entanto, devido a dificuldades técnicas não foi possível estabelecer ligação à internet. O grupo voltou a envolver-se em brincadeiras, sendo difícil gerar contextos de interacção.

Posto isto, optei por mudar de estratégia e introduzi o tema do filme. Os meninos mostraram-se entusiasmados com esta ideia, começando a sugerir que sítios e locais no bairro poderiam aparecer, quais as outras pessoas que gostariam de incluir nas filmagens, referiram que como são quatro deveria ser eu a filmar mas que gostariam, também, de serem eles a filmar. Sugerir depois que seria importante registar as ideias deles em papel de cenário sobre como construir um filme. Nesta altura, tornou-se bastante difícil continuar a gerirem contextos de interacção, sendo que as atenções e interesses do grupo voltaram a dispersar-se por outros conteúdos e brincadeiras. Disseram apenas que gostariam de fazer uma música e incluí-la nas filmagens.

24º encontro 28 de Abril.

Estiveram presentes neste encontro o Milton, o Hélder, o Luís, o Bruno e a irmã do Milton, a Eliana. Ela é mais nova que os restantes elementos. O Hugo não compareceu ao encontro. O Bruno regressou às sessões depois de uma ausência prolongada. Referiu que deixou de estar no grupo pois perdeu o interesse de participar no projecto. Contudo, disse que agora vai voltar a estar presente nas sessões. Não se alargou em explicações profundas sobre a sua súbita ausência e reaparecimento. O resto das crianças aceitou o Bruno de volta sem qualquer ressentimento.

Iniciámos o encontro apenas com a presença do Milton e do Hélder. Com o objectivo de criar melhores condições de atenção, de participação e consequentemente melhorar os contextos de interacção, sugeri que a partir desta sessão, iria sempre existir um tempo inicial dedicado à brincadeira livre. As crianças reagiram muito bem a esta proposta. Definiram em conjunto um tempo inicial de 10 a 15 minutos para este fim.

Posto isto, falei às crianças da reunião que tive com os responsáveis pelo projecto “Sai do Bairro” do Talude. Por esta altura, chegou o Luís. As crianças ficaram curiosas por saber quais os assuntos que me levaram a reunir como os responsáveis do outro projecto. Conteí-lhes que havíamos decidido marcar um primeiro encontro entre os três grupos de crianças dos bairros do Talude, do Pombal e do Prior Velho para o dia 16 de Maio, encontro este a ser realizado no Bairro do Pombal.

O grupo recebeu com agrado e excitação esta proposta, começando desde logo a fazer questões sobre o local do encontro, o número de crianças que viriam, o que os dois grupos já tinham construído nos seus projectos e sobre qual o propósito do encontro. Referi que seriam ao todo cerca de 20 crianças e que o nosso grupo iria ter a oportunidade, depois de uma actividade inicial de quebra-gelo e de apresentação das crianças umas às outras, de apresentar ao grupo de crianças do Talude e do Prior Velho os produtos comunicacionais construídos até ao momento durante o projecto. Acrescentei, também, que cada grupo iria sugerir um local para um segundo encontro agendado para o dia 20 de Junho.

Depois deste momento de partilha e de alguma reflexão, o grupo centrou-se na escrita de dois emails para os meninos e meninas dos outros dois grupos. As crianças empenharam-se bastante nesta actividade, participando activamente na leitura da carta escrita em papel de cenário pelo grupo numa sessão anterior. Utilizando as frases e as ideias patentes na carta e procedendo a algumas alterações, as crianças foram me ditando o email que pretendiam enviar para as crianças do Talude. Ficou decidido em grupo que seria eu a utilizar o computador para este efeito. De seguida, e através do mesmo processo, enviámos o email para o grupo as crianças do Prior Velho.

Durante esta actividade o Hélder saiu da sede e foi andar de bicicleta, não regressando mais à sessão. Os dois emails resultantes foram os seguintes:

“Olá,

Nós somos os P.D.P. (Putos do Pombal) Nós começamos por ser 5 meninos do Bairro do Pombal. Agora somos 4 meninos e temos uma menina chamada Eliana, tratamo-la por Mana. Queríamos conhecer vocês. Nós sabemos que vocês já fizeram os cartazes e nós também já acabámos os cartazes. Já fizemos os direitos e deveres da

participação no nosso projecto. Tirámos fotos e escrevemos nelas. Nós temos um mapa do bairro do Pombal. O mapa é grande como a sede dos moradores e fica no Bairro do Pombal. E nós temos uma caixa de material e tem canetas, lápis, afias, x-actos e tesouras.

Nós gostávamos que viessem cá ver os nossos cartazes. Nós gostávamos de ver os vossos cartazes. Porque é que vocês não vêm cá ver-nos ao bairro? Podia ser no dia 16 de Maio, às 14h30m.

Chau, adeus.

Gostávamos de vos ver. “

“Olá,

Nós somos os P.D.P. (Putos do Pombal) Nós começámos por ser 5 meninos do Bairro do Pombal. Agora somos 4 meninos e temos uma menina chamada Eliana, tratamo-la por Mana. Queríamos conhecer vocês. Tirámos fotos e escrevemos nelas. Nós temos um mapa do bairro do Pombal. O mapa é grande como a sede dos moradores e fica no Bairro do Pombal. E nós temos uma caixa de material e tem canetas, lápis, afias, x-actos e tesouras.

Nós gostávamos que viessem cá ver os nossos cartazes. Porque é que vocês não vêm cá ver-nos ao bairro? Podia ser no dia 16 de Maio, às 14h30m.

Chau, adeus.

Gostávamos de vos ver. “

No final desta actividade, as crianças quiseram consultar o sítio do “EntreKulturas” e procurar informação na internet sobre o bairro do Pombal. Aproveitei esta sua motivação e dei-lhes a conhecer algumas imagens das crianças e dos produtos comunicacionais construídos no projecto “Sai do Bairro” do Talude. Partilhei, também, com elas alguns vídeos construídos e protagonizados por crianças de todo o mundo sobre os direitos das crianças e sobre outras temáticas relevantes para estas no sítio “oneminutevideo.jr”.

Estas actividades de consulta de informação na internet estimularam a curiosidade e alguma discussão sobre os conteúdos visualizados. Neste seguimento, conversámos sobre a construção de um filme sobre o bairro do Pombal filmado pelas próprias crianças e nas quais elas seriam os seus protagonistas. O filme será para partilhar com os outros dois grupos de crianças do Talude e do Prior Velho no dia do primeiro encontro dos três grupos no bairro do Pombal. Discutimos um pouco sobre quais os locais a filmar e sobre os participantes no filme. Sugeri que mais crianças agora possam ser convocadas pelas existentes no grupo de forma a poderem participar no filme.

No final da sessão, as crianças foram convidadas a fazer uma avaliação e reflexão crítica sobre os processos desenvolvidos até ao momento no Projecto. Esta avaliação assentou em quatro eixos: o que mais gostámos; o que menos gostámos; o que acham que correu bem; e o que acham que podia ter corrido melhor. Os seus comentários foram

anotados por mim em 4 folhas A4, uma correspondente a cada tópico. As crianças foram sucintas e pouco reflexivas. Penso que não estão habituadas a envolverem-se em processos desta natureza, nos quais lhes é pedido para elas adoptarem um papel de avaliador crítico, uma vez que normalmente elas são vistas como objecto de avaliação, nomeadamente em contexto escolar.

O grupo gostou de tirar as fotografias, de construir os cartazes de auto-apresentação e o mapa do bairro. O que menos gostaram foram as sessões nas quais houve conflitos entre elas e eu próprio no papel de animador do grupo. Em relação ao que correu bem, referiram as sessões nas quais se envolveram mais activamente na construção dos produtos comunicacionais, dando como exemplo o mapa do bairro e os cartazes. O que acham que podia ter corrido melhor foram as sessões nas quais se envolveram pouco nas actividades propostas. Propuseram um maior empenho nas sessões e menos brincadeira.

Ainda antes de saírem, as crianças fizeram algumas gravações no interior da sede, de forma a experimentarem o funcionamento da câmara de vídeo. Gostaram da experiência de filmarem, de serem filmadas e depois de visualizarem as imagens obtidas na gravação. Combinámos para o dia 1 de Maio, às 14h30m, encontrarmo-nos com o objectivo das crianças realizarem algumas filmagens em alguns locais do bairro.

25ª sessão 01 de Maio.

Estiveram presentes nesta sessão o Milton e o Luís. Os restantes elementos do grupo não compareceram. No entanto, juntaram-se à sessão outras crianças do bairro. Estas foram o Hugo, o Elton, a Luana, o João e o Vítor.

Inicialmente apareceu o Luís. Fui com ele a casa das outras crianças do grupo. Algumas delas não estavam e outras iam sair com os pais para aproveitar o feriado. O Luís estava bastante desanimado e desmotivado em relação a usar a câmara de vídeo. Com a chegada das outras crianças do bairro, que entretanto juntaram-se a brincar na rua, o Luís pediu para usar a máquina de forma a filmar os seus amigos. Por esta altura, o Milton apareceu e juntou-se ao grupo. Foi curioso observar e constatar que a câmara esteve sempre a ser usada pelo Luís ou pelo Milton. O Vítor também a usou em uma ou duas situações. As crianças seguiram da rua em frente à sede da Pombal XXI para o parque infantil do bairro, em seguida dirigiram-se ao campo de futebol situado no topo do bairro.

No parque infantil as crianças foram filmadas a brincarem umas com as outras. Decidiram depois apresentarem-se dizendo, uma a uma, o seu nome para a câmara. Ainda

no parque , resolveram filmar um homem idoso que estava sentado no banco. Fizeram-lhe algumas perguntas às quais ele não respondeu. De seguida foram para o campo de futebol “velho”, atravessando o interior do bairro para lá chegar. Pelo caminho encontraram um grupo de jovens adolescentes, também eles moradores do bairro. Um destes jovens improvisou um rap em crioulo em frente à câmara. Chegados ao campo, deslocaram-se para uma zona superior, à volta do campo, da qual se pode avistar todo o bairro e os locais circundantes a este. Conversaram sobre os locais que avistavam, filmando toda a zona envolvente, como também as brincadeiras nas quais se iam envolvendo uns com os outros.

No final da sessão, combinámos novo encontro para o dia 5 de Maio, de forma a continuar o processo das filmagens e a visualizar e escolher as imagens obtidas durante as gravações.

26ª sessão 05 de Maio, 19h30-20h30.

Estiveram presentes o Milton, a Eliana, o Hélder e o Bruno. O Hugo não compareceu, tal como o Luís. O Milton e a Eliana foram os primeiros a chegar. O Hélder apareceu depois, logo seguido pelo Bruno.

As crianças começaram por perguntar se podiam visualizar as imagens gravadas na sessão anterior, de sábado. Propus que inicialmente aproveitássemos o facto de ainda estar de dia, para prosseguir com as filmagens nos outros locais que o grupo gostaria que fizessem parte do filme. Sugeriram irnos filmar o campo onde decorrem os treinos de futebol e a escola situada ao lado do campo uma vez que ambos os contextos são frequentados pela maioria dos elementos do grupo. As crianças filmaram, também, o percurso desde a sede da Pombal XXI até ao campo e depois até à escola. Estiveram uma parte do tempo no campo a filmarem brincadeiras de luta entre duas das crianças e a filmarem o próprio campo e as partes visíveis da escola. Depois o grupo deslocou-se do campo e foi filmar um percurso em volta dos muros da escola. Os operadores de câmara foram o Milton, o Bruno e o Hélder. As crianças envolveram-se com entusiasmo nesta actividade e foram conversando sobre o campo de futebol, comparando-o com outros campos que conhecem, e sobre a escola. Conversaram sobre os vários espaços existentes na escola, desde as salas de aulas, o recreio, a zona do lanche, as árvores de fruto e os morangos plantados junto ao longo de um dos muros da escola. Não foi possível entrar na escola, uma vez que ela já se encontrava fechada. Filmaram as duas entradas, o placard

com os avisos, a insígnia da Câmara de Oeiras. Dialogaram, também, das melhorias que no futuro vão implementar na escola, nomeadamente ao nível das instalações.

Regressámos à sede e as crianças pediram para visualizarem algumas das imagens anteriormente recolhidas. Foram comentando algumas das imagens dizendo que estavam bem ou mal filmadas. Combinámos que no próximo encontro, o grupo iria começar a escolher quais as imagens para fazerem parte do filme.

27ª sessão 08 de Maio, 19h30-20h40.

Estiveram presentes todas as crianças do grupo. O Milton, a Eliana e o Hélder já se encontravam na sede quando eu cheguei. Pouco depois chegaram o Luís e o Hugo. O Bruno foi o último a comparecer pelas 20 horas.

Primeiro conversámos sobre a caracterização e decoração do espaço que vai ser usado para a recepção dos dois grupos de crianças do Talude e da Quinta da Serra. A sala usada não vai ser a da sede, uma vez que se trata de um espaço exíguo para acomodar os três grupos de crianças. A possibilidade mais possível será uma sala existente no bairro na qual decorrem treinos de kung-fu. As crianças gostaram desta possibilidade. De seguida conversámos sobre como o espaço de recepção ia ser caracterizado. O grupo sugeriu que se podia afixar os cartazes construídos com as apresentações do grupo, o cartaz dos direitos e deveres, a televisão de cartão, a caixa de material, a capa dos P.D.P., o mapa do bairro e a apresentação do filme.

Em seguida, o grupo escolheu a ordem dos locais do bairro a mostrar às crianças visitantes, de forma a efectuarem um percurso. Acordaram e decidiram que a partida seria da sala de kung-fu, passando depois pela oficina, em direcção à creche até chegarem ao parque. Do parque, continuariam até ao campo junto à escola, seguindo depois até ao campo do bairro e regressando no final à sede. Disseram, também, que era importante mostrar a vista de todo o bairro e dos outros locais mais distantes que se podem avistar quando estão no campo do bairro.

Posto isto, pediram se podiam brincar. Assim o fizeram. Estabelecemos o tempo de 15 minutos, o qual foi ocupado a brincarem com legos. A formalização da brincadeira está a surtir um bom efeito na criação de contextos de interacção dialógicos que por sua vez possibilitam processos de participação infantil. Enquanto brincavam livremente, percebi que inicialmente cada uma das crianças construiu o seu contexto de acção e criou as suas personagens, brincando como se estivessem sozinhas, cada uma no seu canto, isto apesar

de estarem bastante próximas umas das outras e de estarem a partilhar o mesmo espaço. No final da brincadeira, já havia algumas interacções entre as várias crianças e consequente abertura do seu espaço intra-pessoal de jogo ao outro, o que resultou em algumas trocas de personagens e de produtos comunicacionais simbólicos, que cada um dos actores sociais inicialmente tinha construído.

Enquanto brincavam, aproveitei a oportunidade para lhes perguntar sobre os primeiros e últimos nomes, idades e origens. Os P.D.P (Putos do Pombal) são:

- Milton Lima, 8 anos de idade, frequenta a Escola Básica Gomes de Freire Andrade, nacionalidade portuguesa, comunidade de origem Cabo-verdiana;
- Luís Tavares, 10 anos de idade, frequenta a Escola Básica Gomes de Freire Andrade, nacionalidade portuguesa, comunidade de origem Cabo-verdiana;
- Hugo Miguel, 9 anos de idade, frequenta a Escola Básica Gomes de Freire Andrade, nacionalidade portuguesa, comunidade de origem Cabo-verdiana;
- Hélder Gonçalves, 11 anos de idade, frequenta a Escola Básica Gomes de Freire Andrade, nacionalidade portuguesa, comunidade de origem Cabo-verdiana;
- Eliana Mendes (Mana), 6 anos de idade, frequenta a Escola Básica Gomes de Freire Andrade, nacionalidade portuguesa, comunidade de origem Cabo-verdiana;
- Bruno Rodrigues, 12 anos de idade, frequenta a Escola Básica de S.Julião da Barra, nacionalidade portuguesa, comunidade de origem Portuguesa.

Em seguida, depois de encerrado período de brincadeira, o grupo voltou-se para visualização das imagens filmadas. Expliquei-lhes que teriam que fazer a selecção dos conteúdos em cada ficheiro gravado usando intervalos de tempo em relação à duração total de cada ficheiro. Expliquei, também, que a parte de corte do material não utilizado e a consequente ligação entre os conteúdos escolhidos é um procedimento a nível informático que será feito por mim, utilizando para isso o software “Windows Movie Maker”. As crianças aceitaram o procedimento e deram início à escolha do material significativo em cada ficheiro.

Os ficheiros de gravação foram organizados em três pastas, cada uma respeitante ao dia no qual as gravações foram realizadas. Em relação à pasta de 28 de Abril, o grupo não escolheu nenhum dos ficheiros. Relativamente à pasta de filmagens do dia 1 de Maio, o grupo escolheu passagens de três ficheiros. Falta ainda visualizar um outro ficheiro e decidir se vão escolher algumas imagens deste para incluir no filme. No que concerne à

pasta do dia 5 de Maio, escolheram apenas algumas imagens do primeiro ficheiro, faltando ainda visualizar o resto do primeiro ficheiro e os restantes cinco ficheiros. O processo de selecção dos conteúdos encetado pelo grupo de actores sociais participantes passa pela visualização na íntegra dos conteúdos filmados em cada ficheiro, tomada de consciência dos conteúdos percebidos, discussão dialógica sobre a pertinência dos conteúdos e sua inclusão ou exclusão no filme em função daquilo que consideram relevante para dar a conhecer aos outros grupos de crianças, seguida da assumpção de um consenso que se traduz num processo de tomada de decisão.

28ª sessão 13 de Maio, 19h35-20h55.

Estiveram presentes o Hélder, o Milton, o Luís e a Eliana. O Bruno e o Hugo faltaram. As crianças estavam entusiasmadas em visualizar as imagens filmadas na sessão anterior. Contudo, não se encontravam motivadas para seleccionar as imagens para a construção do filme. Houve dificuldades em serem criados contextos de interacção positivos.

As crianças pediram para brincar, antes de iniciarmos a visualização das imagens já filmadas. Propus que brincassem depois da visualização das imagens. Penso que procedi de forma errada e depois de ter reflectido sobre o assunto, tomei consciência que se as crianças tivessem brincado livremente no período estabelecido, teria sido mais apetecível, do ponto de vista das crianças, escolher os conteúdos das filmagens. A minha ansiedade de desenvolvimento de processos de interacção positivos sobrepôs-se à reclamação das crianças pelo direito a brincar. Contudo, a actividade proposta foi desenvolvida com sucesso. No final as crianças foram brincar com os legos e com os bonecos.

Na sede, encontravam-se, também, presentes dois outros jovens que estavam a usar os computadores, sendo que um deles, o Rúben, tem acompanhado a maior parte das sessões, uma vez que ele é o responsável pela gestão do espaço da sede da Pombal XXI, sendo também um dos membros desta associação de moradores. O outro jovem é morador do bairro. O grupo já está habituado à presença do Rúben, não sendo esta inibidora do envolvimento das crianças nas actividades e processos do projecto.

Como investigador e animador esta situação descrita anteriormente coloca-me num dilema. Por um lado, gostaria que, enquanto estou a desenvolver as actividades com o grupo, apenas estivessem na sede as crianças do projecto e eu. Por outro, não me parece moralmente correcto reivindicar e exigir estas condições, uma vez que o horário no qual as

sessões do Projecto decorrem, coincide com o horário em que a sede está aberta à comunidade. Trata-se de um espaço comunitário privilegiado para os moradores do bairro para, por um lado, exporem as suas questões, problemas e demandas, e por outro, usufruírem dos serviços que a Pombal XXI tem para oferecer, nomeadamente, os computadores ligados à internet e a pequena biblioteca, requisitados por um público mais jovem.

Posto isto, poder-se ia também argumentar que decorrente de uma perspectiva da Investigação-Ação Participativa e do conceito de Investigador Colectivo, o facto de outros membros da comunidade assistirem a algumas das actividades desenvolvidas pelo grupo será positivo, no sentido em que, de alguma forma, se está a colocar em diálogo esses membros da comunidade e o grupo de actores sociais participantes directamente envolvidos no processo de investigação.

29ª sessão 15 de Maio, 19h45-21h30.

Estiveram presentes nesta sessão todos os membros dos PDP (o Hélder, o Luís, o Milton, o Bruno), excepto a Eliana e o Hugo. O Hugo deixou de comparecer aos encontros do grupo, o Bruno (saiu da sessão às 20h15m, apesar de ter estado presente neste encontro, continua a não estar comprometido com os processos desenvolvidos ao longo do projecto. Nesta sessão, estiveram também presentes outras crianças e jovens moradores do bairro.

O grupo começou por preparar o espaço da sede para a recepção do grupo de crianças do Talude e do Prior Velho no domingo, dia 17 de Maio. Desta forma, inicialmente arrumaram as mesas e as cadeiras, encostando-as às paredes, de forma a criar um espaço o mais amplo possível. As outras crianças e jovens, o Vítor, o Elton, a Juliana, o Valdino e o Rúben também colaboraram na preparação e organização do espaço físico da sede. De seguida, afixaram pelo espaço envolvente os produtos comunicacionais físicos e simbólicos construídos pelos PDP ao longo das sessões do Projecto. Os produtos comunicacionais expostos foram o mapa do bairro, os cartazes de auto-apresentação, os cartazes dos direitos e deveres e o cartaz que serviu de base para o email escrito aos dois grupos de crianças.

A Juliana fez muitas perguntas sobre o propósito da actividade que estava a ser desenvolvida e sobre o projecto em geral. Perguntou, também, se podia integrar o grupo dos PDP. O grupo convidou-a a aparecer no dia da recepção aos outros dois grupos. Ela aceitou de imediato. Sugeriu várias ideias para o acolhimento dos grupos, no Domingo.

Resolveu elaborar um cartaz em forma de livro gigante a dizer “bem-vindos meninos e meninas”. A Juliana foi, desde logo, uma criança muito pró-activa, motivada e interessada em se envolver de imediato nos processos de participação do grupo.

À medida que a sede foi ficando decorada com as memórias colectivas oriundas dos produtos comunicacionais construídos, resultantes por seu lado dos processos de participação dialógicos e empoderamento decorrentes do projecto, outros moradores do bairro foram levados a entrar na sede pela curiosidade. Será importante referir que as crianças envolveram-se nesta actividade e foram dialogando sobre quais os melhores locais dentro da sede para afixar os vários produtos comunicacionais e sobre a recepção aos grupos do Talude e do Prior Velho, nomeadamente em relação ao percurso que iam fazer pelo bairro, de forma a darem-no a conhecer às crianças visitantes.

Nesta sessão, assistiu-se, de facto, a uma grande mobilização por parte do grupo de actores sociais participantes, no sentido de um momento privilegiado de participação infantil.

As crianças ainda elaboraram a caixa de votação destinada a receber os votos de cada criança, no Domingo, sobre a escolha do local para o segundo encontro entre os três grupos. No final da sessão, visualizaram a versão final do filme elaborado pelo grupo. Antes de regressarem para casa disseram com unanimidade que esta tinha sido o encontro, ao longo do Projecto, que mais tinham gostado.

30ª sessão 17 de Maio, 14h30-18h, parte da sessão filmada.

Recepção aos grupos de crianças dos bairros do Talude e do Prior Velho, pelo grupo dos PDP (Putos do Pombal), no bairro do Pombal.

Estiveram presentes neste encontro oito crianças do Talude, cinco crianças do Prior Velho e cinco crianças do Pombal. Estas cinco crianças que se constituem como os PDP (Putos do Pombal) foram o Hélder, o Milton, o Luís e a Eliana e a recém-chegada Juliana. O Bruno e o Hugo não compareceram. Para os PDP estas duas crianças já não fazem parte do grupo.

Quando cheguei à sede, por volta das 13h30m, estavam à entrada a Juliana, o Hélder e o Luís. Estes dois foram dar uma volta de bicicleta pelo bairro. A Juliana ficou comigo a ajudar nos últimos preparativos para a recepção e acolhimento dos grupos de crianças visitantes. O Milton e a Eliana juntaram-se a nós por volta das 14h. Pedi ao Milton para ele ir chamar o Luís e o Hélder.

Às 14h35m chegaram os dois grupos de crianças visitantes juntamente com os responsáveis e técnicos por esses dois projectos. Na sede encontrava-me apenas eu, o Milton, a Eliana e a Juliana para receber os grupos. Tomei a decisão de ir procurar o Luís e o Hélder e conversar com eles sobre a sua ausência. Encontrei-os numa rua do bairro a brincar com outras crianças do bairro, e eles disseram-me que não queriam estar presentes no encontro. Conversei um pouco com eles, disse-lhes que os grupos do Talude e do Prior Velho já estavam na sede e transmiti-lhes que a presença deles na sede era importantíssima e crucial para o encontro, para os restantes PDP, para mim e para o projecto em si, e que a ausência deles comprometia este momento do projecto. Continuavam sem vontade para regressarem à sede, mesmo com as outras crianças do bairro que estavam com eles a dizerem-lhes que deveriam dirigir-se para a sede. Por esta altura, senti-me triste, indignado e desapontado e apelei, mais uma vez, à consciência deles, nomeadamente à antiguidade deles como membros fundadores dos PDP. Falei-lhes, também, do meu empenho como Animador e dos processos desenvolvidos pelo grupo desde Janeiro. Acabaram por ceder e dirigiram-se comigo para a sede.

Às 14h50m, entrámos os três na sede. As outras crianças estavam a olhar para os cartazes afixados e para o mapa do bairro. As crianças mantinham-se nos seus grupos não se misturando com as outras. Passado uns instantes, pedi a atenção de todos os presentes e comecei por dar as boas vindas aos grupos e aos seus responsáveis, enquanto a Juliana mostrava o cartaz em forma de livro de boas-vindas. Antes disto, e durante a minha ausência enquanto dialogava com o Luís e o Hélder lá fora, a Juliana tomou a iniciativa de pedir a cada criança que escrevesse o seu nome numa pequena tira de papel, com o objectivo de formalizar a sua chegada à sede.

As crianças agruparam-se em função do seu grupo. Pedimos, então, a elas para se sentarem em círculo de forma alternada (Pombal, Talude, Prior Velho e assim sucessivamente) de forma a iniciarmos a dinâmica de apresentação. Todas as crianças ofereceram uma forte resistência a este processo. Com alguma persuasão por parte da Cidália, a Animadora do grupo do Talude, e da minha parte, as crianças formaram um círculo em posições alternadas. O passo seguinte foi convidar as crianças a dialogarem em pares, durante dois minutos e perguntarem ao seu par o que quisessem saber dele. De seguida, a Cidália apresentou-me a mim e depois atirou-me a bola. Eu apresentei a Cidália e atirei a bola para outra criança para que esta apresentasse o seu par, e assim

sucessivamente. As expectativas em relação ao envolvimento das crianças nesta dinâmica inicial não foram correspondidas, pois as crianças sentiram muitas dificuldades e constrangimentos em se exporem individualmente ao outro. Neste seguimento, optámos por mudar de estratégia e pedimos a cada criança que dissesse apenas o nome da criança com quem tinham estado a falar. Se o desejassem eram bem-vindas a dizerem mais coisas sobre o seu par. Algumas crianças disseram algumas coisas em relação ao seu par, no entanto, a grande maioria apenas referiu o nome da outra. Teria de facto sido mais fortuito, que cada grupo se apresentasse como grupo em detrimento das apresentações individuais. A apresentação do grupo tem um carácter menos invasivo para o indivíduo pois cada criança dá-se a conhecer às outras como sujeito colectivo, tendo como referência o grupo que a representa e não como sujeito individual.

O segundo momento deste encontro passou pela apresentação do filme, realizado pelos PDP aos outros dois grupos de crianças. Enquanto o filme decorria algumas das crianças do Pombal foram dialogando com as crianças do Talude sobre alguns dos contextos que iam surgindo, nomeadamente, o campo de futebol, o parque infantil e a escola. As crianças mostraram-se muito interessadas e atentas à passagem do filme, sendo este o primeiro momento de relação interpessoal espontânea e de diálogo entre as crianças de diferentes grupos.

Em seguida, as crianças dos três grupos pediram para irem brincar no parque infantil, invocando assim o direito a brincar. Deslocámo-nos até lá, constituindo-se este num momento de muita importância em termos de estabelecimento das relações interpessoais e inter-grupais, fomentando desta forma a comunicação e diálogo entre as crianças, sendo a brincadeira concomitantemente contexto e forma de diálogo. Algumas das crianças usaram a máquina de filmar e a máquina fotográfica para documentarem o momento no parque.

Depois da brincadeira no parque, regressámos à sede para efectuar o lanche, que havia sido trazido pelas crianças do Talude. Nesta altura, a maior parte das crianças dos três grupos mobilizaram-se no sentido de preparem a sala e disporem a comida em cima das mesas. As crianças organizaram-se entre elas e dividiram tarefas, entreajudando-se umas às outras. Foi a altura do encontro na qual houve mais cooperação entre os vários actores sociais participantes presentes.

No final do lanche, o grupo de crianças do Talude apresentou os seus cartazes de auto-apresentação, nos quais se evidenciam os seus contextos de vida. Uma das meninas do Prior Velho, assumindo o papel de porta-voz, apresentou o seu grupo e ofereceu um cartaz construído por eles para o grupo do Pombal.

A última actividade realizada foi a eleição do local para o segundo encontro dos três grupos de crianças. Cada grupo havia já escolhido um local para propor aos restantes grupos. As crianças do Pombal sugerindo a praia de Santo Amaro de Oeiras e o Macdonald's; as crianças do Prior Velho elegeram o Fun Centre no Centro Comercial Colombo em Lisboa; e as crianças do Talude sugeriram uma piscina. Estas eram as três hipóteses para serem consideradas pelas crianças. A votação foi feita de forma democrática. Cada criança assinalou com uma cruz a hipótese que desejava num boletim individual de voto e colocando-o na caixa de votação (elaborada na sessão anterior pelos PDP). Os votos foram contabilizados e o local eleito foi o Fun Centre.

No entanto, este local, tal como as outras hipóteses não constituíam um contexto positivo para que as crianças dos três grupos pudessem aprofundar o conhecimento umas com as outras segundo um quadro de alteridade e de cooperação. Isto significa que o processo de escolha de cada hipótese para o segundo encontro conduzido por cada um dos animadores do grupo em interacção com as crianças foi mal sucedido e falhou o seu propósito teórico e simbólico.

Depois da eleição do local para o segundo encontro, o Hélder e o Luís dos PDP abandonaram a sede não se despedindo das restantes crianças.

Às 18horas o autocarro chegou, as crianças do Prior Velho e do Talude regressaram de volta para as suas casas.

Durante o encontro, a mãe do Milton e da Eliana (duas crianças dos PDP) esteve presente em todas as actividades. Isto foi bastante positivo e importante, pois constituiu uma oportunidade para as crianças do Pombal e dos outros grupos darem a conhecer os seus produtos comunicacionais físicos e simbólicos construídos nos seus projectos a um adulto, colocando em diálogo outro membro da comunidade com o grupo de actores sociais participantes, implicando-o, também, no processo em si. Isto é bastante importante para a consolidação da identidade colectiva do grupo, fomentando o protagonismo infantil no sentido de contribuir para a realização das condições e momentos necessários, que

possibilitam que as crianças dêem a conhecer os seus contextos de vida através das suas próprias perspectivas.

No encontro, estiveram também presentes a Bárbara representando o ACIDI, juntamente com o marido e com a filha, e três membros do CESIS que são avaliadores externos dos processos do Sai do Bairro.

31ª sessão 22 de Maio, 19h35-21h, sessão gravada.

Estiveram presentes todos os PDP, o Milton, a Eliana, o Luís, o Hélder e a Juliana. O Bruno e uma outra menina que não pertence ao grupo também estiveram presentes.

No início da sessão estavam apenas presentes a Juliana, o Hélder e o Bruno. Propus às crianças construírem individualmente, através de desenhos ou de palavras, documentos sobre as memórias que tinham do encontro com as crianças do Talude e do Prior Velho. Ao Bruno, propus-lhe que ele documentasse em papel as suas memórias das actividades desenvolvidas durante o projecto.

A Juliana começou a desenhar o autocarro no qual as crianças do Talude e do Prior Velho chegaram ao bairro do Pombal, enquanto que o Hélder resolveu desenhar uma casa. Chegaram depois o Milton e a Eliana que começaram a fazer desenhos de duas crianças que conheceram. Enquanto as crianças investiam nesta tarefa de documentação, resolvi cortar uma folha de papel de cenário para que as crianças pudessem registar por palavras o que recordavam do encontro. Por esta altura, chegou o Luís. Depois de se inteirar em relação ao que as outras crianças estavam envolvidas, o Luís decidiu investir na documentação escrita das suas memórias do encontro com as crianças do Prior Velho e do Talude. Escreveu algumas frases nas quais referiu a data, o propósito e algumas das actividades realizadas durante o encontro. Posto isto, resolveu começar a brincar com os legos, que estavam espalhados num canto da sede. A ele juntou-se o Milton. Pelas 20h35m, o Bruno abandonou a sede, seguindo-se o Hélder. A Juliana foi, também, embora mais cedo regressando no final da sessão à sede com a sua mãe. Na presença das duas, conversei com a mãe e ela acedeu a que a Juliana estivesse presente nas sessões do projecto.

Depois da saída da Juliana, do Hélder e do Bruno, estavam agora na sede o Luís, o Milton e a Eliana e uma outra menina, que não pertence aos PDP, amiga da Eliana. O Luís e o Milton continuavam a brincar com os legos, enquanto que as duas meninas estavam a desenhar. Aproveitando o facto do grupo de crianças se encontrar em contexto de

brincadeira, resolvi fazer-lhes mais perguntas sobre o que recordavam do encontro com os grupos do Talude e do Prior Velho. Dirigi a primeira questão à Eliana, cuja resposta foi “não sei”, contudo o Luís e o Milton deram-me uma resposta e de seguida a Eliana acrescentou mais pormenores. Fui documentado as respostas das crianças no registo efectuado anteriormente pelo Luís. À medida que as crianças iam dialogando e respondendo às questões que eu ia expondo, eu registava por escrito o que diziam.

Esta estratégia de diálogo com os outros membros do grupo e imediata documentação escrita funcionou bastante bem ao nível da acção comunicativa, uma vez que as redes dialógicas partiram de um contexto significativo para as crianças, a brincadeira, inseridas num quadro de alteridade e de cooperação. Ao mesmo tempo, esta estratégia comunicativa resultou ao nível da desinibição das crianças, criando um clima mais facilitador para a expressão das suas próprias ideias e opiniões.

De forma a cimentar a apropriação colectiva das ideias e opiniões construídas durante este processo, li em voz alta toda a informação que havia sido documentada na folha de papel de cenário.

Posto isto, demos por terminada a sessão e arrumámos os materiais e brinquedos.

32ª sessão 26 de Maio, 19h45-22h

Estiveram presentes o Hélder, o Milton, o Luís, a Eliana, a Juliana e uma outra criança, primo do Milton, e que no dia seguinte iria regressar a Inglaterra. A Rosinha, a minha orientadora de mestrado também esteve presente.

Cheguei com a Rosinha e o grupo de crianças já estava à porta da sede, excepto a Juliana. Antes de entrarmos, a Rosinha apresentou-se às crianças como minha professora e começou por lhes perguntar o nome e a origem dos avós das crianças. Todas elas disseram que os avós eram Cabo-Verdeanos.

Inicialmente as crianças estavam tímidas e de forma muito contida foram dizendo os seus nomes. Entretanto, pedi a uma das crianças para ir buscar as chaves da sede. Posto isto, entrámos na sede, a Rosinha explicou que tinha vindo conhecer o grupo e o projecto que estavam a desenvolver. O Hélder invocou os dez minutos de brincadeira. Explicámos que, uma vez que tínhamos uma convidada que queria conhecer melhor as crianças, a brincadeira poderia ser adiada para outra altura. O Hélder insistiu para que fosse concedido ao grupo o tempo de brincadeira e os meninos juntaram-se a ele, dirigindo-se para os computadores.

Colocámos as mesas e as cadeiras, tendo sido a Eliana a única criança do grupo a colaborar nesta tarefa. Passados os dez minutos, a Rosinha sugeriu que começássemos a conversar. O Hélder e o Milton ofereceram alguma resistência mas acabaram por se sentar. Nesta altura, a Rosinha sugeriu que cada elemento apresentasse o outro. Esta dinâmica resultou bem, e as crianças pareciam estar envolvidas e motivadas para conversar. Em seguida, começámos a dialogar sobre a formação do grupo, nomeadamente, a ordem de chegada de cada elemento. Nesta altura, apareceu a Juliana que se juntou à conversa.

Enquanto as crianças iam dialogando, resolvi usar a máquina fotográfica para documentar visualmente o momento. O Hélder pediu para tirar uma fotografia, tendo isto desencadeado a brincadeira entre os rapazes, o que teve como consequência dificuldades em ser mantido o contexto de interacção entre as crianças face ao assunto que estava a servir de mote para a conversa. Apenas as raparigas, a Juliana e a Mana, mantinham-se interessadas em continuar a dialogar sobre a história do grupo. O Hélder competia pela liderança, claramente, com a Rosinha e comigo, e gradualmente foi tomando controlo de toda a sessão, conduzindo as outras crianças para a brincadeira e boicotando toda a intencionalidade dos diálogos que iam sendo construídos. Por esta altura, a Rosinha decidiu perguntar às crianças se elas queriam saber mais coisas sobre ela e qual o propósito desta sua visita. As crianças escutaram-na mas continuaram a envolverem-se com os brinquedos espalhados na sede.

A estratégia seguinte para recuperar o contexto de interacção foi o de perguntar às crianças se elas estariam dispostas a contarem à Rosinha a história do grupo e o percurso efectuado até ao momento. Esta pergunta foi feita directamente ao Hélder, que não se mostrou mobilizado para responder, tal como as restantes crianças. O passo seguinte foi o de tentar estabelecer interacção apenas com as raparigas, uma vez que elas estavam mais disponíveis para falarem sobre alguns dos momentos vividos pelo grupo no âmbito do projecto. Será importante voltar a relembrar que a Juliana só começou a frequentar os encontros a partir da sessão anterior à recepção aos grupos do Talude e do Prior Velho. A Eliana e a Juliana conversaram com a Rosinha, essencialmente, sobre o encontro entre os três grupos de crianças e sobre a representação mental que tinham da geografia do bairro, nomeadamente, as ruas principais, o nome das ruas, a localização das suas casas e das dos seus familiares. Enquanto esta conversa acontecia, os meninos continuavam a brincar, demonstrando-se pouco interessados nos temas da conversa e boicotando a todo o custo as

interacções entre a Rosinha, as meninas e eu próprio. Por esta altura, a Rosinha propôs às crianças irem com ela dar uma volta pelo bairro. As meninas mostraram-se interessadas e já contavam com a presença de uma outra menina, a Luana, que se juntou ao grupo e que já tinha sido convidada a participar no projecto em encontros anteriores. Quando a Rosinha e as meninas estavam a sair da sede para caminharem pelas ruas do bairro, apareceu o Zé Luís. Feitas as apresentações, o Zé Luís acompanhou a Rosinha e as meninas pela visita no bairro. Os meninos não se quiseram juntar ao passeio pelo bairro e decidiram ficar na sede. Tentei dialogar com eles sobre a visita da Rosinha e sobre como seria importante eles contarem a ela a história do projecto construído por eles e por mim, desde o princípio até ao momento. Eles não se mostraram receptivos e continuaram a brincar dentro e fora da sede.

Quando regressaram à sede, o Zé Luís despediu-se e foi embora. Pedi aos meninos para regressarem à mesa e conversarem com a Rosinha. Ela perguntou-lhes se, caso ela voltasse ao Bairro num outro dia, eles contariam a história do projecto. Os meninos disseram que sim, inclusive o Hélder. As meninas estavam envolvidas a desenharem. Uma vez que não tinha sido possível até ao momento estabelecer um vínculo comunicativo com as crianças e devido ao adiantado da hora, resolvemos dar por terminada a sessão e dizer às crianças para regressarem a suas casas. As crianças não foram logo todas embora. À medida que decidiam voltar para casa foram-se despedindo da Rosinha. As últimas crianças a despedirem-se foram o Hélder e o Luís.

Eu e a Rosinha continuámos na sede a arrumar as mesas e os materiais usados e a conversar sobre o sucedido durante a sessão. Concluímos que existe muita dificuldade em gerar contexto de interacção positivos com e entre as crianças por uma série de factores diferentes, alguns de ordem endógena directamente relacionados com as estratégias usadas para criar os contexto de interacção, nomeadamente ao nível da estruturação do espaço interior da sede, da ritualização dos processos e da divisão de tarefas pelos vários elementos do grupo. Existem, também, factores de ordem exógena que condicionam as interacções, especialmente, o facto da sede estar, grande parte das vezes, desarrumada, com brinquedos e roupas espalhadas, os computadores sempre disponíveis e ligados. Estes aspectos são concorrentes directos, em termos de estímulos e de provocações constantes, ao clima de interacção, diálogo e de comunicação que se pretende estabelecer. Do ponto de

vista da criança, os brinquedos são estímulos muito mais intensos que condicionam a acção e interacção.

A comunicação estabelecida entre as várias crianças e o animador/investigador, isto é, a comunicação existente entre os vários actores que fazem parte do Investigador Colectivo é muitas vezes, de natureza fragmentada e desordenada. Existe como que uma replicação da realidade exterior vivida no contexto do bairro nas sessões do projecto. Contudo, será importante frisar que nem sempre a replicação ou extensão da realidade do bairro acontece ou é trazida para as sessões. Do ponto de vista da intervenção comunitária e se o projecto desenvolvido fosse dessa natureza única, existem muitos aspectos endógenos e exógenos que teriam de ser modificados e redefinidos. No entanto, entendendo-se o projecto desenvolvido como um processo de investigação levado a cabo num contexto de exclusão, de pobreza e de desorganização social, será possível valorizar o trabalho desenvolvido, bem como as incoerências e fragmentos oriundos de todo o processo criado e erigido.

No final, conversámos sobre a importância de encerrar a narrativa construída com o grupo de actores sociais participantes. Concluímos que o melhor seria arranjar uma forma de devolver às crianças os vários produtos comunicacionais físicos e simbólicos construídos por nós nos vários momentos do projecto, de forma a que as crianças se apropriem colectivamente de todo o processo, podendo reflectir sobre os vários momentos e acrescentar novos dados que considerem pertinentes. Com isto, pretende-se, também, devolver e resgatar o estatuto das crianças como actores sociais participantes e consolidar as memórias construídas de grupo, de sujeito colectivo, ao longo de todo o processo.

A forma encontrada para efectuar esta sutura colectiva e encerrar esta narrativa, ou melhor criar as condições para começar uma nova, será, numa primeira instância, apresentar às crianças um conjunto de slides com os vários momentos fotografados de todo o processo, no qual as crianças podem visualizar os produtos comunicacionais construídos. De seguida, promover momentos de escuta das crianças através de entrevistas realizadas a duas crianças ou a uma criança de cada vez, para que tenham oportunidade de falar sobre os momentos vividos durante o projecto. Este processo será todo documentado e depois devolvido ao grupo em formato digital, juntamente com o filme realizado pelas crianças.

Dia 29/5/09

Não houve encontro com as crianças pois a sede encontrava-se fechada. Reuni, apenas por pouco tempo, com o Hélder, o Milton, a Juliana e a Eliana, numa mesa ao ar-livre, no bairro. Falei às crianças que na próxima semana, nos iríamos reunir em grupos de três para poder realizar entrevistas a cada par de crianças, de forma a escutar o que tinham para dizer sobre momentos específicos passados durante o desenvolvimento do projecto. Expliquei que cada par de criança iria ser entrevistado por mim sobre os processos de construção de produtos comunicacionais nos quais haviam participado mais. Combinámos ainda que na próxima segunda-feira, o grupo estaria todo reunido para visualizar o power point feito por mim, constituído por fotografias dos momentos relacionados com a construção dos produtos comunicacionais pelo grupo.

33ª sessão, 01/06/09-20h45-21h15 , sessão gravada

Entrevista à Eliana e à Juliana.

34ª sessão, 02/06/09

Entrevista ao Milton.

35ª sessão, 05/06/09, sessão gravada.

Entrevista ao Luís.

36ª sessão, 11/06/09, sessão gravada.

Entrevista ao Hélder.

As entrevistas

As entrevistas foram realizadas na sede da Pombal XXI num contexto mais estruturado e semi-directivo, pois as questões colocadas tinham como matriz o documento em powerpoint construído por mim. Este documento foi constituído por um conjunto de fotografias, tiradas por mim, durante os processos e actividades decorridas no âmbito do projecto de investigação desenvolvido. As fotografias retratam de uma forma cronológica os vários momentos do projecto, bem como todos os produtos comunicacionais físicos e simbólicos construídos pelo grupo de actores sociais participantes envolvidos.

As crianças mostraram-se disponíveis e motivadas para participar neste processo, tendo sido fácil gerar os contextos de interacção positivos para que as entrevistas decorressem com sucesso. Penso que o facto de criar o contexto para que cada criança (à excepção da Juliana e da Eliana) ser ouvida de forma exclusiva, foi de facto muito positivo

e importante no sentido de possibilitar resgatar a condição de cada sujeito individual como actor social participante, co-construtor de uma narrativa histórica colectiva.

Fiquei bastante surpreendido pois as crianças à medida que visualizavam o powerpoint, lembravam-se de vários momentos e particularidades que decorreram das actividades desenvolvidas. Penso que elas próprias se surpreenderam com as memórias que conseguiram resgatar dos processos desenvolvidos.

No início das entrevistas, foi sempre perguntado às crianças se consentiam a gravação áudio da entrevista, bem como o propósito da gravação. Todas as crianças consentiram as gravações.

37ª sessão, 24/06/09

Devolução ao grupo do power point com os comentários sobre as várias fases da narrativa expressados nas entrevistas por cada um dos actores sociais participantes.

Estiveram presentes na sessão o Hélder, o Luís, o Milton e a Eliana. A Juliana não se encontra no bairro do Pombal pois está a passar férias com o pai. Inicialmente o grupo das crianças estava motivado para visualizar o powerpoint, no qual está documentado a narrativa construída pelo grupo de actores sociais participantes, sob a forma de fotografias obtidas durante todo o processo de investigação e de comentários, resultado das transcrições obtidas nas três entrevistas individuais e na entrevista à Juliana e à Eliana em conjunto.

Primeiro comecei a ler cada um dos comentários que iam aparecendo na narrativa. O Hélder e o Luís optaram por ler os seus comentários em voz alta, enquanto que o Milton optou por não o fazer e pediu para eu continuar a ler por ele. À medida que a narrativa se aproximava do meio, foram surgindo mais dificuldades ao nível do estabelecimento do contexto de interacção colaborativo e positivo entre as crianças.

38ª sessão 25/06/09

Entrega a cada uma das crianças de um dvd constituído pela narrativa dos processos desenvolvidos e pelo filme realizado pelas crianças.

39ª sessão 27/06/09

Segundo encontro dos três grupos de crianças, do Pombal, do Talude e do Prior Velho.

Visita ao Fun Centre do Centro comercial Colombo, seguido de almoço na AMRT, no Talude e visita guiada ao bairro do Talude, tendo como guias as crianças do Talude.

Estiveram presentes a Eliana, o Milton e o Luís. O Hélder não compareceu, tendo decidido ir cortar o cabelo na hora da partida para o Fun Center do Colombo. Na visita ao Fun Center, o grupo das crianças foi constituído por três crianças do Pombal, três crianças do Talude e cinco crianças do Prior Velho.

As crianças do Pombal entraram no autocarro e sentaram-se uma em cada lugar não estabelecendo qualquer interacção com as outras crianças do Talude e do Prior Velho que já se encontravam no autocarro. Assim, pelas 10h40m, o autocarro partia do Bairro do Pombal com os três grupos de crianças juntamente comigo, com a Cidália Rocha responsável pelo projecto Sai do Bairro no Talude, e com a Cidália responsável pelo projecto Sai do Bairro no Prior Velho, em direcção ao centro comercial do Colombo. Este local tinha sido escolhido pela maioria das crianças no primeiro encontro entre os 3 grupos realizado anteriormente no bairro do Pombal.

Chegados ao Colombo, dirigimo-nos para o Fun Centre. Enquanto a Cidália Rocha tratava de arranjar os cartões para que todo o grupo pudesse usufruir das várias diversões, as crianças começaram a falar umas com as outras sobre as diversões que gostariam de experimentar. Nessa altura, a Eliana do Pombal já estava a conversar com a Elsa do Prior Velho. O Milton e o Luís continuavam juntos e pouco dialogavam com as restantes crianças. Durante duas horas e meia, as crianças deambularam de diversão para diversão, tendo as interacções entre elas aumentando à medida que o tempo ia passando.

A última diversão experimentada pelo grupo foi o bowling, sendo este o momento, dentro do Fun Center, no qual as crianças dos três grupos mais dialogaram umas com as outras, estabelecendo, dessa forma, um maior relacionamento interpessoal entre sujeitos. Foram feitas três equipas constituídas por crianças dos três bairros e pelo respectivo animador. A competição gerada em volta do jogo possibilitou que os elementos de cada grupo aumentassem o nível de interacções e dialogassem mais entre si. Este momento constituiu-se, de facto, como um verdadeiro “quebra -gelo” tendo contribuído activamente para harmonizar as relações interpessoais e fomentar a cooperação entre todas as crianças.

Depois, seguimos até ao Bairro do Talude, situado na freguesia de Unhos no Catujal, para almoçar na AMRT (Associação de Melhoramentos e Recreativo do Talude) e para efectuar a visita ao bairro.

Chegados à AMRT, estavam presentes para receberem as crianças, o Rolando (um dos membros activos da direcção da AMRT), a Carla (Presidente da AMRT), o Zé Luís (Presidente da Pombal XXI), a namorada do Zé Luís, que também é mãe do Milton e da Eliana e o seu filho mais novo, e duas crianças do Talude, o Mário e o Nédilson, que pertencem ao projecto do Sai do Bairro mas que não foram ao Colombo. O Mário não se juntou ao grupo, enquanto que o Nédilson fez exactamente o contrário. Antes de almoçarmos a Cidália Rocha referiu, em voz alta, que o Nédilson tinha assumido o papel de falar com as pessoas que trabalham na AMRT para confeccionarem o almoço e dar-lhes o apoio necessário e que tinha sido bem sucedido. Batemos todos uma salva de palmas de forma a valorizar este papel e atitude de responsabilização. O Milton e o Luís sentaram-se lado a lado junto com as outras crianças, enquanto que a Eliana ficou sentada em frente à sua mãe perto de outras crianças pertencentes ao grupo. Almoçámos e no final da refeição, todos comemos uma sobremesa típica de Cabo-Verde, chamada “charrote”.

De seguida, as crianças mais novas foram todas brincar no espaço do ATL da AMRT, enquanto que o Milton, o Luís, o Monteiro e o Nédilson foram para o Espaço de Inclusão Digital da AMRT. Inicialmente, estava cada um sentado na sua mesa. Outras crianças que não pertencem ao projecto SAI DO BAIRRO também lá estavam. Passados alguns instantes, o Luís já se encontrava ao lado do Nédilson, cada um no seu computador, e o Monteiro e o Milton encontravam-se na mesma situação. O Nédilson mantinha-se bastante activo, tentando dar resposta aos problemas que iam surgindo nos computadores das outras três crianças. Por esta altura, o Luís dialogava abertamente com o Nédilson e vice-versa e em relação ao Milton e ao Monteiro, o mesmo se processava. A Eliana encontrava-se no espaço exterior destinado ao bar, na AMRT, que funciona apenas aos fins-de-semana e, durante a semana, depois do expediente da AMRT, uma vez que este mesmo espaço, durante o horário de funcionamento da AMRT destina-se a ser um local onde as crianças brincam no exterior. A Eliana e as restantes crianças dialogavam de forma natural, não induzida, enquanto iam a casa de uma das moradoras do bairro comprar gelados feitos em casa. Os meninos que estavam nos computadores foram também comprar os gelados. Este ambiente informal que foi sendo construído pelo envolvimento e

diálogo entre as crianças foi especialmente importante para o desenrolar positivo da etapa seguinte, a visita pelas várias zonas do bairro.

Desta forma, por volta das 16 horas os três grupos de crianças e os respectivos animadores dos grupos, o Zé Luís, a namorada dele e o filho mais novo e o Rolando iniciámos a caminhada pelo bairro, tendo o Nédilson como guia, papel este que desempenhou positivamente e de forma responsável. Por cada local que passávamos, importante e significativo, para as crianças do Talude, o Nédilson fazia uma breve descrição. As outras crianças iam comentando o que viam e, especialmente as crianças do Pombal, iam constatando as diferenças mais significativas em relação ao bairro do Pombal e, também, constatando as características mais relevantes para eles do Bairro do Talude. O Rolando, por sua vez, ia conversando com o Zé Luís sobre as características e problemáticas do bairro do Talude, e aproveitando as descrições do Nédilson, caracterizava com mais complexidade alguns aspectos.

Todo o grupo das crianças encontrava-se muito motivado na exploração e compreensão de alguns destes aspectos, nomeadamente, as plantações de cana-de-açúcar, os processos artesanais de trituração das canas de açúcar e a sua transformação em grog e ponche. Estes momentos de interacção e de aprendizagem foram acontecendo à medida que nos deslocávamos pelo bairro, sendo que as crianças foram-se conhecendo melhor umas às outras e conversando mais sobre os aspectos das suas vidas, tendo oportunidade de contactar, com mais profundidade e de forma contextualizada, com alguns aspectos tradicionais da cultura cabo-verdiana. Isto possibilitou, também, uma apropriação colectiva de algumas características que fazem parte da sua identidade comum, uma melhor aceitação do “nós” e um maior respeito e compreensão face ao outro que é sempre diferente. Permitiu também que as crianças do Pombal tivessem um maior contacto com as raízes culturais da sua comunidade de origem. As crianças do bairro do Pombal não tinham provado, até à data, cana-de-açúcar, nem tinham qualquer contacto com alguns dos instrumentos utilizados para a transformação da cana-de-açúcar, mesmo até visto uma plantação da própria cana. Esta visita pelo bairro do Talude, contribuiu para o estabelecimento de relações interpessoais entre as crianças como actores sociais participantes dentro de um quadro significativo de alteridade. Percebi, também, que as crianças estavam realmente interessadas e atentas quando alguns dos adultos da comunidade do Talude iam explicando alguns dos aspectos do cultivo da cana-de-açúcar e

da sua utilidade. Obviamente que falar sobre estes aspectos e estar disposto a ouvir, significa que, de certo modo, as crianças como grupo de actores sociais participantes demonstraram interesse em relação aos referenciais culturais e históricos da sua comunidade de origem.

No final da visita, voltámos para o bairro do Pombal. Uns dias mais tarde, recebi um email do Nédilson a pedir-me o email do Luís.